

Admeire da Silva Santos

**A INFLUÊNCIA DO COLECIONISMO NA REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA
SOCIAL: ANÁLISE DA COLEÇÃO AMIDICIS TOCANTINS**



ADMEIRE DA SILVA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO COLECIONISMO NA REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA
SOCIAL: ANÁLISE DA COLEÇÃO AMIDICIS TOCANTINS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Produção e Organização da informação.

Orientadora: Professora Doutora Maria Leandra Bizello.

MARÍLIA-SP
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

S512s SANTOS, Admeire da silva.

A influência do colecionismo na representação da memória social: análise da coleção Amidicis Tocantins -/ Admeire da Silva Santos. -- Marília, 2015.

134f.

Dissertação (Curso de Ciências da Informação) –
Universidade Estadual Paulista – Julio de Mesquita Filho. Campus de
Marília.

1.Ciência da informação. 2. Memória e Colecionismo.

ADMEIRE DA SILVA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO COLECIONISMO NA REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA
SOCIAL: ANÁLISE DA COLEÇÃO AMIDICIS TOCANTINS**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Campus de Marília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Maria Leandra Bizello.
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Marília.

Profa. Dra. Ana Cristina Albuquerque, Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Prof. Livre-docente João Batista Ernesto de Moraes,
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Marília.

Marília, abril de 2015.

Á Nicolas, meu lindo sobrinho, e a José Henrique, meu lindo afilhado.

Agradecimentos

Pensar em agradecimentos é algo muito complexo para mim, pois foram tantas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a elaboração deste trabalho, que acredito que elas mesmas não têm ideia do quanto me ajudaram.

Primeiro agradeço à minha mãe Meire, que com sua velha frase “A minha felicidade é a sua felicidade”, me deu o incentivo familiar que eu precisava para percorrer esta nova empreitada da minha vida. Sou pobre, de uma família na qual sou a única com curso superior, mas com um sonho de seguir a carreira acadêmica, o que não me fez seguir sempre em frente.

Obrigada ao amigo Roni Walter, que contribuiu para que eu conseguisse entrar no mestrado e que até hoje se esquece que me emprestou o dinheiro para fazer a prova. E obrigada a Carla Maria (Tia Carla), que fez o papel de canal na nossa comunicação.

Às minhas queridas irmãs Adriana e Adilene, que quando me disseram “Nossa, só você mesmo para conseguir passar mais dois anos e meio estudando, mas se você está feliz, é isso que importa”, me mostraram que apesar de elas nunca entenderem a vida que escolhi para mim, estarão sempre ao meu lado.

À minha Tia Marileide e minha avó dona Didi, que dedicam horas de suas vidas em orações para mim, pedindo aos céus para que eu seja uma pessoa muito feliz e saudável (casada e com filhos, no caso da minha avó). Obrigada pela boa intenção.

À Ana Cristina, que mesmo distante me incentivou a entrar no mestrado; que com sua postura passou confiança e certeza em suas escolhas e mostrou que

eu era capaz de entrar no mestrado mesmo com todas as dificuldades que eu estava passando.

À minha orientadora professora Leandra, que acreditou em meu projeto (até nos momentos em que nem eu acreditava), acreditou em mim e me apoiou em Marília.

Aos meus amigos George e Heleidi, por sempre me ouvirem quando eu preciso. Junior Alves, Ilma, Iza Débora, Ginnia e Paulo Henrique, por me receberem em casa e sempre demonstrarem muita felicidade com minhas conquistas.

À Mairão, Heloá e Cassia, parceiras e amigas! Com vocês, eu descobri que podemos fazer amizades verdadeiras em qualquer fase da vida. Mesmo com os meus constantes atrasos e esquecimentos. Compartilhei momentos maravilhosos e aprendi muito ao lado de vocês e tenho certeza que levarei um pouco de cada uma de vocês em mim.

À Camila Araújo, por transmitir sua experiência em forma de acalanto, por sua amizade e compartilhamento de conhecimento sem frescura.

À Dunia, por ter me questionado tanto sobre meu trabalho durante um jantar que me fez refletir sobre o que eu realmente estava fazendo. Por causa desses questionamentos, decidi escrever uma subseção inteira, o que foi ótimo.

À Fernanda Ibsen, Camila Mendes, Meidilene, Letícia, Matão e Beth. Ficar ao lado de vocês durante nossas refeições, diálogos, filmes, me fez sentir em família. A presença de vocês era e é muito agradável, e me ajudava a aguentar o desespero que vez ou outra aparecia (Camila e Letícia, não incluo aqui aqueles momentos em que vocês falavam sem parar).

Ao Eder, pelo café. Mesmo me tirando da cama algumas vezes para fazer bolo pra você, eu agradeço pelos cafés maravilhosos que ajudavam a me concentrar. Aos amigos Rafinha e Bia, que demonstraram muita solidariedade me doando o ticket do R.U. em um dia de desespero...

Aos amigos que estiveram presentes na defesa e me deram o apoio necessário para aquele momento: Dulce, Jéssica, Meidi, Alessandra, Juan, Julieth, Lidiane e tantos outros que já foram aqui citados e me mandaram mensagens de apoio.

À dona Nelcy. Adoro o seu preço acessível e suas expressões tipo "Se aprontar aqui, eu te mato". Tenho muitas histórias que aconteceram em seu boteco para contar.

À banca, por ter lido este trabalho. Ao bibliotecário Carlos Freitas, que contribuiu com muita atenção para a coleta de dados.

À CAPES, por ter me concedido dois anos de bolsa, o que foi primordial para a dedicação integral e execução desta pesquisa.

Obrigada a todos!

“[...] de fato, toda paixão confina com o caos, mas a de colecionar com o das lembranças”

(BENJAMIN, 1987, p. 228)

RESUMO

A Biblioteca Central da universidade federal de Mato Grosso conta com um acervo de coleção de obras raras e especiais que recebe o nome do colecionador: Coleção Amidicis Tocantins – CAT. O colecionador, um homem comum, mas que gostava de colecionar livros de relevância social, faleceu e deixou a coleção aos cuidados da família, que decidiu doar a coleção. O processo de doação foi intermediado pelos membros da família e a reitoria da Universidade Federal do Mato Grosso, que no período demonstrou interesse em receber a coleção. A Biblioteca Central, como muitas outras bibliotecas públicas brasileiras, passa por problemas financeiros para o tratamento adequado da coleção, seja estrutural ou de capacitação pessoal. Dessa forma, as obras pertencentes à coleção não possuem tratamento algum, o que vem gerando muitos questionamentos. E a questão aqui trabalhada é: pode uma coleção anteriormente particular representar a memória coletiva? Na busca para a resolução dessa questão, elencou-se como objetivo principal identificar e discutir a relevância de uma coleção institucionalizada na configuração da memória social, no âmbito da Ciência da Informação, por meio do estudo do caso da Coleção Amidicis Tocantins. Nesse seguimento, busca-se analisar, no âmbito da Ciência da Informação, os termos coleção, objeto, memória e lugar de memória, estabelecendo assim um diálogo entre esses conceitos; analisar *in loco* a Coleção Amidicis Tocantins a fim de coletar informações e interpretar por meio da literatura as questões pertinentes ao significado e finalidade da coleção; apresentar de que forma a Coleções Amidicis Tocantins pode representar a memória social e refletir nos motivos pelo qual foi escolhida pela instituição. A metodologia do trabalho é o estudo de caso, na qual se utilizou da proposição teórica para se analisar os dados, dispostos em forma analítica e texto. A Coleção Amidicis Tocantins foi analisada na perspectiva dos conceitos de semióforo, lugar de memória, objeto e memória literária, e acredita-se que a abordagem da coleção como memória literária é que melhor se encaixa na coleção estudada. O estudo proporcionou a compreensão das diversas abordagens que uma coleção de livros pode abarcar em uma instituição e que torna possível uma coleção representar a memória coletiva. Almeja-se que o trabalho possa contribuir para a elucubração de problemas semelhantes em outras instituições e que instigue o desenvolvimento de novas pesquisas.

Palavras-chaves: Coleção. Memória. Colecionismo. Coleção Amidicis Diogo Tocantins. Memória literária.

ABSTRACT

The Mato Grosso Federal University Central Library counts with a collection of rare and special works that receives the collector's name: Coleção Amidicis Tocantins – CAT. The collector, a common man, who liked to collect social relevant books, died and left the collection under the care of his family which decided to donate the collection. The donation process was intermediated by the family members and the Mato Grosso Federal University rector who in the period showed interest in receiving the collection. The Central Library, as many others Brazilian public universities, struggles with financial problems to give proper treatment to the collection, be it structural or of personal capacitation. This way the works that belong to the collection don't have any treatment, which has been causing many questionings. And the question here worked is: Can a previously particular collection represent a collective memory? In the search for the resolution of this question it was ranked as the main objective to identify and discuss the relevance of an institutionalized collection in the configuration of social memory, in the Information Science scope, through the studying of the Amidicis Tocantins Collection case. In this sequence it is aimed to analyze, in the Information Science scope, the terms collection, object, memory and place of memory, establishing, there for, a dialogue between these concepts; to analyze *in loco* the Amidicis Tocantins Collection in order to collect information and to interpret, through the literature, the questions pertinent to the collection's meaning and finality; to present how the Amidicis Tocantins Collection can represent a social memory and reflect the motives for which it was chosen by the institution. The works methodology is a case study in which has been utilized the theoretical proposition to analyze the data displaced in an analytical form and text. The Amidicis Tocantins Collection was analyzed in the perspective of the semióforo concepts, place of memory, object and literary memory, and it is believed that the approach of the collection as literary memory is what best fits in the collection studied. The study has proportionated a comprehension of various approaches that a books collection can cover in an institution and that makes possible a collection to represent a collective memory. It is aimed that the work contributes for the similar problems elucubration in others institutions and that It might stimulate the development of new researches.

Keywords: Collection. Memory. Institutionalization of collections. Collection Amidicis Diogo Tocantins. Literary memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sala Amidicis Diogo Tocantins	87
Figura 2 - Retrato de Amidicis Tocantins	89
Figura 3 - Sigla de identificação das obras que compõe a coleção	91
Figura 4 - Uma das prateleiras do acervo Amidicis Tocantins	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Lista dos livros da Coleção Amidicis Tocantins	99
Tabela 2 – Lista dos livros da Coleção Amidicis Tocantins ...	Erro! Indicador não definido. 0
Tabela 3 – Lista dos livros da Coleção Amidicis Tocantins ...	Erro! Indicador não definido. 1

Sumário

INTRODUÇÃO	16
1 DEFININDO COLEÇÃO	23
1.1 Colecionando ao longo do tempo	28
1.2 O colecionador e sua coleção.....	31
1.3 Coleção de livros	44
1.4 O livro entendido como um objeto	50
1.5 Coleção: o conceito de semióforo.....	54
2 O CONCEITO DE MEMÓRIA	60
2.1 A memória coletiva e suas manifestações	67
2.2 Compreendendo o conceito de lugar de memória.....	73
2.3 Coleção de livros como um lugar de memória	78
2.4 Memória literária	82
3 COLEÇÃO AMIDICIS TOCANTINS	85
3.1 Biografia de Amidicis Diogo Tocantins	87
3.2 Análise dos dados	89
3.2.1 Análise da observação direta e da entrevista.....	91
3.2.3 Análise da coleção Amidicis Diogo Tocantins	97
3.2.4 A Coleção Amidicis e as relações conceituais	103
3.2.4.1 Objeto	103
3.2.4.2 Semióforo	105
3.2.4.3 Memória literária.....	106
3.2.4.4 O lugar de memória.....	108
3.3 Coleção Amidicis Tocantins e a Memória Coletiva	109
CONSIDERAÇÕES	111
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	122

APÊNDICE A:	123
ROTEIRO UTILIZADO PARA OBSERVAÇÃO DIRETA E ENTREVISTA.....	123
APÊNDICE-B	126
ENTREVISTA COM CARLOS H. T.FREITAS – Bibliotecário da Biblioteca Central da Universidade Federa de Mato Grosso.	126
APÊNDICE-C	132
ENTREVISTA VIA E-MAIL COM CARLOS H. T. FREITAS – Bibliotecário da Biblioteca Central da Universidade Federa de Mato Grosso PARTE 2.	132

INTRODUÇÃO

O termo informação não apresenta uma conceituação única. Para Buckland (1991), seu significado é determinado por meio da identificação, classificação e caracterização das formas de uso do termo. Nessa perspectiva, o autor identifica “três principais usos da palavra informação”, sendo informação como processo, informação como conhecimento e informação como coisa (BUCKLAND, 1991).

Informação como processo apresenta como característica a modificação do estado atual de determinado sujeito, em que aquilo que ele conhece é alterado por meio de nova informação. Informação como conhecimento compreende aquilo que é percebido na informação como processo, reduzindo ou gerando incertezas (BUCKLAND, 1991). Quanto à informação como coisa, “the term ‘information’ is also used attributively for objects, such as data and documents, that are referred to as ‘information’ because they are regarded as being informative, as ‘having the quality of imparting knowledge or communicating information; instructive’.” (BUCKLAND, 1991 apud OXFORD ENGLISH DICTIONARY).

Para Buckland (1991), quando é possível a troca ou aplicação de alguma forma de medida, não se trata de conhecimento, mas sim, de informação como coisa. Dessa forma, compreende-se que qualquer suporte dado ao conhecimento trata-se de *information as thing*.

O autor (1991) pontua que informação como evidência, em alguns casos, é compreendida como sinônimo de informação como coisa, mas sua definição é apresentada pelo autor como “evidence is an appropriate term because it denotes something related to understood, could change one’s beliefs, concerning some matter” (BUCKLAND, 1991, p. 353).

É válido citar outro ponto do autor sobre o que pode ser considerado informação: “Hence, whether any particular object, document, data or event is going to be informative depends on the circumstances, just as the ‘relevance’ of a document or a fact is situational depending on the inquiry and on the expertise of the inquirer” (BUCKLAND, 1991, p. 356).

Portanto, as características elencadas pelo autor de informação como coisa aborda um item que deve ser pertinente: quando usado como evidência, se torna significativa, e se esta evidência é importante, a preservação se justifica, pois pode ser usada como informação

(BUCKLAND, 1991).

Cabe ressaltar mais um ponto de Buckland (1991) “[...] (1) the virtue of being information-as-thing is situational and that (2) determining that any thing is likely to be useful information depends on a compound of subjective judgments” (BUCKLAND, 1991, p.357).

Para algo ser considerado informação, depende das necessidades subjetivas do indivíduo e o significado de informação como coisa permeia dois sentidos: o primeiro quando o objeto modifica o indivíduo e outro quando o termo informação é usado para nomear um conjunto de objetos, no qual estes são considerados informação para o futuro “It is in this sense that collection development is concerned with collections of information” (BUCKLAND, 1991, p. 357).

“Books are a good example. Virtually all of the books in the collections are based, at least in part, on earlier evidence, both texts and other forms of information (BUCKLAND, 1991, p. 358). Essa discussão sobre o conceito de Buckland (1991) visa apresentar a direção escolhida neste trabalho, em que compreendemos uma coleção de livros como informação, sendo este um elemento circunstancial, e em que um item tem valor de acordo com a necessidade do indivíduo.

Outro ponto que salienta a escolha dessa vertente é que ao compreender a informação como coisa, se torna possível pensar nas formas de armazenamento existentes e nos itens que podem ser considerados informação, pois no contexto da Ciência da informação, na qual este trabalho se enquadra, há uma necessidade de se abordar estudos relacionados a suportes de informação como coisa, o que pode abarcar estudos interdisciplinares, como no presente caso: a relação entre o colecionismo bibliográfico e a memória social.

Ao se fazer uma reflexão sobre os estudos de memória e do colecionismo no Brasil, encontramos em estudos acadêmicos a afirmação de que o campo para o qual se direciona a memória tem crescido, como pontua Oliveira e Ribeiro (2011). Contudo, a do colecionismo necessita de mais atenção (MURGUIA, 2007). O campo da Ciência da Informação, no que diz respeito à memória, conta com programas de pós-graduação com linha de pesquisa que aborda essa temática, e conta também com o Grupo de trabalho GT 10 no Encontro nacional de pesquisa em Ciência da informação (ENANCB) que é direcionado a estudos sobre memória, intitulado *Memória e informação*.

Murguia (2007) pontua que a biblioteconomia, quando se trata do desenvolvimento de

coleção, evoluiu da administração, logo, as preocupações são voltadas para o processamento técnico. Afirma também que atualmente os estudos sobre desenvolvimento de coleção devem ser retomados na área de Ciência da informação.

O título desta pesquisa é *A influência do colecionismo na representação da memória social: análise da Coleção Amidicis Tocantins*. Sua temática consiste em analisar as relações entre os conceitos de memória e colecionismo, e o objeto de estudo é a coleção Amidicis Diogo Tocantins, constituída de forma particular e, após a morte de seu colecionador, institucionalizada na Biblioteca Central da Universidade Federal do Mato Grosso.

Compreendemos, por meio da leitura de Blom (2003), Susan Pearce (2005) e Baudrillard (2004) que a coleta de objetos é um processo fundamentado no subjetivo quando se trata de colecionismo particular. No contexto institucional, Vergueiro (1987) afirma que a instituição necessita de uma política para direcionar o crescimento do acervo, cuja construção permeia estudo da comunidade a qual o acervo será direcionado.

A memória, entendida por meio dos estudos do sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945) e do historiador Pierre Nora (1931-), é compreendida como um fenômeno socialmente construído e que se manifesta no contexto social. Ela pode ser evocada graças aos vínculos que os atores sociais podem manter e construir em âmbito tangível e intangível, sendo o tangível por meio de materiais tais como álbuns de família, cemitérios, museus, arquivos, coleções de objetos, bibliográficas e outros; e o intangível por meio das relações interpessoais e recordações coletivas.

Portanto, compreendendo que uma coleção particular surge para solucionar problemas psicossociais do colecionador (BAUDRILLARD, 2004) e a memória corresponde um elo que mantém a coerência social, questiona-se: é possível que a coleção Amidicis Tocantins, anteriormente particular, represente a memória coletiva? já que esta foi formada no através do colecionismo particular e depois passou a compor um ambiente institucional.

A Coleção Amidicis Diogo Tocantins foi escolhida como caso a ser estudado neste trabalho devido ao conhecimento da Coleção em estudos anteriores, reconhecida com rara pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Mato Grosso. Devido à importância reconhecida e à proximidade com a Coleção no momento de elaboração do projeto desta pesquisa, decidimos continuar utilizando a coleção como objeto de análise.

O primeiro trabalho sobre a Coleção Amidicis Tocantins, cujo título é *Estudo Do Tratamento Técnico Das Obras Raras Da Biblioteca Central Da UFMT: uma proposta de manualização para critérios de raridade bibliográfica*, estudou as definições de obras raras existente no Brasil e os critérios utilizados em instituições brasileiras que possuíam obras raras e tinham critérios que definiam o que era raro. Foi apresentada uma proposta de manual para se identificar obras raras na Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso, que não possuía critérios para definir raridade bibliográfica mesmo mantendo em seu acervo obras classificadas como raras.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, muitas leituras direcionaram para a pesquisa atual e é por meio das possibilidades que uma Coleção de acervo raro pode promover para a instituição e para a sociedade que se reforçou a vontade em prosseguir com os estudos, no entanto, com o foco voltado para o colecionismo e a memória coletiva.

Dessa forma, elencaram-se os objetivos da presente pesquisa, que consiste principalmente em identificar e discutir a relevância de uma coleção institucionalizada na configuração da memória social, no âmbito da Ciência da Informação, por meio do estudo do caso da Coleção Amidicis Tocantins.

Os objetivos específicos são:

- Analisar, no âmbito da Ciência da Informação, os termos coleção, objeto, memória e lugar de memória, estabelecendo um diálogo entre esses conceitos;
- Analisar *in loco* a Coleção Amidicis Tocantins a fim de coletar informações e interpretá-la por meio da literatura as questões pertinentes ao significado e finalidade da coleção, e
- Apresentar que forma a Coleções Amidicis Tocantins pode representar a memória social refletindo também nos motivos pelo qual a coleção foi escolhida pela instituição.

O método utilizado para atingir os objetivos propostos foi o Estudo de Caso e que de acordo com Yin (2001) consiste em analisar e aprofundar o conhecimento em torno de um elemento, fenômeno ou pessoa. Por ser flexível, é necessário muito cuidado por parte do pesquisador no momento da análise. A análise escolhida é a proposição teórica, que se baseia

na explanação interpretativa das evidências coletadas referentes o caso a ser estudado, fundamentada na revisão teórica construída em um primeiro momento, o que visa responder a questão problema.

Isso posto, as etapas do presente trabalho ocorreram da seguinte forma: partindo das informações iniciais obtidas em estudos anteriores, formulou-se a questão problema com enfoque voltado para a memória coletiva. Após a delimitação do problema, seguiu-se com a abordagem teórica por meio da busca bibliográfica, leitura e elaboração de revisão de literatura. Posteriormente aos conceitos trabalhados, o passo seguinte foi a construção de um roteiro para a observação e entrevista (disponível em apêndices).

A visita à Biblioteca Central da Universidade Federal do Mato Grosso se deu no mês de junho de 2014. Houve também uma entrevista com o bibliotecário Carlos Freitas por e-mail, meio pelo qual os dados foram coletados. O estudo de caso indica que é melhor apresentar os dados de forma analítica, portanto, os dados referentes à visita são apresentados em forma de entrevista, tabelas e fotos.

As evidências coletadas são: a entrevista pessoalmente e por e-mail, concedida pelo bibliotecário Carlos Freitas, as observações feitas na sala da Coleção Amidicis Tocantins e o catálogo temático. A modalidade da entrevista foi aberta, com questões norteadoras, mas com flexibilidade para diálogo. A observação foi sistemática, pois os pontos que seriam analisados foram estabelecidos anteriormente e o documento analisado, o catálogo, é de caráter administrativo, disponível nas versões impressa e digital. Os resultados serão apresentados em forma explanatória.

O primeiro capítulo desta dissertação apresenta as definições de coleção, e é possível compreender que existe uma diferença entre acumular e colecionar. Colecionar retira o objeto de seu valor usual e o insere em outra ordem de significado, sendo o sentido principal a subjetividade de colecionador. Já acumular é um distúrbio psicológico que transparece em forma de apego exacerbado a todas as coisas ao redor de quem sofre do distúrbio.

Dito isso, compreende-se que a definição de coleção é um conjunto de objetos fora do circuito social e econômico que apresentam uma exposição especial (POMIAN, 2004). O capítulo primeiro discorre sobre a existência de colecionadores e coleções desde a antiguidade, e constatou-se que a coleção muda de acordo com as mudanças da sociedade.

Ainda dentro do capítulo primeiro, é abordada a relação subjetiva entre o colecionador e sua coleção, e destaca-se o estudo de Formanek (2005), no qual a autora aplicou um questionário a alguns colecionadores visando entender o porquê de ser colecionar. Benjamin (1987 e 2005) também é utilizado para o entendimento dessa dualidade. Assim, ambos os estudos proporcionaram respaldo teórico para pontos durante a explanação.

A subseção sobre coleção de livro apresenta o que é um livro e experiências de alguns colecionadores. Este ponto é importante, pois fornece respaldo para compreender a questão do livro como um semióforo e do livro como um objeto, trabalhados nas demais subseções deste capítulo primeiro.

O segundo capítulo aborda o conceito de memória. Compreendida em âmbito social, a memória reside no presente e, em primeiro lugar, remete a questões psíquicas para depois remeter a informações passadas (LE GOFF, 1990). O conceito de memória é trabalhado utilizando os principais teóricos que trabalham o fenômeno.

A subseção *A memória coletiva e suas manifestações sociais* visa trabalhar o contexto social em que a memória é desenvolvida, abordando a importância da compreensão da memória individual para a formulação da memória coletiva trabalhada por Jeudy (1990) e da relação da memória individual para a memória coletiva, teoria de Halbwachs (2003).

Compreendendo o conceito de lugar de memória aprofundará o conceito cunhado por Pierre Nora (1981) explorará todas as nuances e discorrerá sobre o que compreendemos de Nora (1981), para quem a memória precisa de lugar para ser cristalizada.

Coleção de livros como um lugar de memória explana sobre as recordações que podem ocorrer através da formação de uma coleção e do contato com ela. É trabalhando essa ideia de livros como um lugar de memória, na tentativa de se estabelecer uma relação, que se encontrou o conceito de memória literária trabalhada na última subseção do capítulo segundo.

A memória literária pode ser interpretada de duas formas: primeiro, como memórias fundamentadas em leituras; como reminiscências da vida que se mesclam com a ficção, e podem ser recapituladas por meio do contato com as obras. O segundo ponto é o conjunto de itens que narram a memória do trajeto literário de determinado lugar, pessoa ou fenômeno, sendo essa a vertente adotada no presente trabalho.

O terceiro capítulo tratará do objeto de estudo da pesquisa: a Coleção Amidicis Diogo Tocantins. Será apresentado o processo de institucionalização do acervo, uma biografia do colecionador, fotos do acervo e as análises e interpretação dos dados coletados. Toda a bibliográfica será recapitulada para análise da coleção, pois o método do estudo de caso permite que várias nuances sejam abordadas na interpretação do caso estudado.

Dentre as nuances analisadas, elencamos a questão do livro compreendido como um objeto, do livro como um semióforo, da coleção como memória literária e da coleção como lugar de memória. Todas essas nuances são perpassadas visando compreender qual é o caminho que a Coleção Amidicis Tocantins pode ser estudada para que seja considerada elemento da memória coletiva.

Os resultados apresentados neste trabalho foram considerações que partiram de dois pontos principais: a memória compreendida como um fenômeno social e o colecionismo bibliográfico como campo interdisciplinar que permite um diálogo amplo sobre sua origem, função e finalidade. Dessa forma, as delimitações teóricas foram elaboradas para melhor direcionamento da pesquisa, e a vertente escolhida contempla o objeto de estudo em questão.

Convém ressaltar que, de um ponto de vista particular, espera-se que o leitor desfrute do interesse pela leitura desta dissertação, semelhante ao prazer com a qual o trabalho foi escrito.

1 DEFININDO COLEÇÃO

O presente capítulo se iniciará com uma exploração sobre o conceito de coleção, algumas definições trabalhadas e a definição adotada na presente pesquisa pontuada por Baudrillard (2004); os demais subtópicos discorrerão sobre colecionismo ao longo do tempo, a relação psicossocial entre o colecionador e sua coleção, sobre o colecionismo de livro e o livro entendido como um objeto.

Reunir itens, coletar objetos, formar uma coleção é algo essencial para sociedade, pois visa a preservação do passado para manutenção e compreensão do futuro (SUANO 1986). Por meio das leituras elaboradas neste trabalho, referente à abordagem do colecionismo dentro da Ciência da informação, compreende-se que as pessoas sentem necessidade de se relacionar com os objetos de formas variadas. Assim, o presente estudo iniciará abordando o conceito de coleção por meio de estudos e teóricos que abordam tal temática.

A reunião de objetos possui grande importância para a sociedade, pois por meio da leitura de Suano (1986), a compreensão de “preservação do passado e manutenção de características sociais” é possível por meio dos objetos. “Trata-se de manter e preservar testemunhos materiais dessa época que nos sirvam como pontos constantes de partidas para reflexão e análise” (SUANO, p. 7, 1986). A autora ainda complementa que esses objetos, quando preservados, podem ser utilizados de forma vária.

A presente reflexão em torno do conceito de coleção inicia-se com Blom (2006), no qual o autor entende que uma das formas de compreender uma coleção será a ligação com o passado, pois de acordo com Blom “[...] toda coleção, é em certa medida, um relicário que preserva fragmentos de um reino além do nosso alcance” (BLOM, 2003, p. 166). A coleção é tida como uma urna capaz de reter em sua existência significados que dizem respeito ao fato ao qual estavam ligados ou eram responsáveis por suas origens, seja implícita ou explicitamente.

Entender uma coleção como relicário tem ligação com a questão religiosa, pois nesse contexto os objetos significam algo sagrado, que em um passado remoto pertenceram a santidades e aos ambientes sagrados, ou seja, relacionaram-se e ou pertenceram às personalidades de grande representatividade para o meio religioso.

Por vez, ainda se tratando de coleção, “esses objetos parecem conter passado, são testemunhas mudas da história, trazendo dentro deles a proximidade de toque preservada ao longo de anos e de séculos” (BLOM, 2003, p. 176). Por serem testemunhas mudas, cabe ao colecionador dar voz às coleções, e tal interpretação vem carregada de subjetividade e interferência de quem as recolhe, do ambiente ao qual pertencem, das pessoas que se relacionam com o indivíduo, enfim, aspectos sociais tanto do presente quanto do passado.

Esses objetos tornam possível pensar na dialética entre a morte e a vida, pois se analisando seu contexto usual, o objeto morre; e vive, levando em consideração o seu (re)significado. E também “[...] o colecionador pode continuar a viver depois que sua própria vida termina; e a coleção torna-se um baluarte contra a mortalidade” Blom (2003, p. 177), pois a coleção pode representar tudo aquilo que o colecionador foi.

Essa compreensão da coleção enquanto uma continuidade também é trabalhada em Kopytoff (2008). O autor afirma que as coleções são biografias, já que por meio delas é possível reconstituir a vida do indivíduo, seja no aspecto político, público, social, cultural ou psicológico.

Por mais que uma coleção represente o passado histórico-social, esse passado foi influenciado diretamente pelo indivíduo, que compunha algo maior, a sociedade. A coleção é o entendimento da mensagem transmitida por cada um dos objetos, em que o colecionador não absorveu a essência do item, preferindo captar o item na íntegra, julgando ser esta sua essência principal, isto é, o objeto em si é tido como a mensagem e não como um canal (BLOM, 2003).

O sociólogo Jean Baudrillard (2004), em sua tese de doutorado intitulada *O sistema dos objetos*, defendida em 1968, aborda a questão das manifestações ocorridas no indivíduo por meio do consumo de objetos estéticos. O autor apresenta uma reflexão sobre o valor simbólico e funcional dos objetos na perspectiva contemporânea.

Para Baudrillard (2004), uma coleção tem características que referenciam a cultura, e os objetos inseridos em uma coleção são abstraídos de sua função essencial e passam a fazer sentido apenas em conjunto, e a coleção, para o autor, substitui o tempo:

A coleção emerge para a cultura: visa objetos diferenciados que têm frequentemente valor de troca, que são também “objetos” de conservação, de

comércio, de ritual social, de exibição – talvez mesmo fonte de benefícios. Estes objetos são acompanhados de projetos. Sem cessar de se remeterem uns aos outros, incluem neste jogo uma exteriorização social de relações humanas (BAUDRILLARD, 2004, p. 111).

O autor, no decorrer de sua obra, pontua que uma coleção é uma forma do indivíduo sobreviver nos objetos, e tais itens seriam o reflexo do indivíduo, como uma forma de espelho. Toda subjetividade individual estaria representada no todo daquela coleção. O mesmo autor discorre a respeito da diferença entre os termos acumulação e coleção, e salienta que acumulação é inferior a coleção, pois o primeiro é uma reunião de itens sem necessariamente um porquê, apenas um amontoado de coisas, resultado de uma dificuldade que determinado indivíduo possui em se desfazer de objetos aleatórios. E “tanto quanto por sua complexidade cultural, é pela falta, pelo inacabado que a coleção se separa da pura acumulação” (BAUDRILLARD, 2004, p. 112).

O sujeito colecionador, que não sofre de necessidade por acumulação, está sempre buscando itens para compor sua coleção, e é na ausência de determinado objeto que se evidencia ainda mais a diferença entre uma simples acumulação de uma coleção de objetos, pois o formador de uma coleção está em uma constante busca pelo objeto seguinte. A coleção tem por objetivo satisfazer essa necessidade subjetiva do indivíduo e deve apresentar uma finalidade.

Outra definição que também contribui para a discussão sobre coleção e convém ser ressaltada é a de Pomian (2004), que apresenta sua definição de coleção em um estudo que abarca e se direciona para a questão museal. O trabalho do autor é constantemente utilizado para respaldar pesquisas que abordam o colecionismo e evidencia a importância do estudo do autor para a temática em questão. O autor define coleção como:

[...] qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado pra esse fim, e expostos ao olhar do público (POMIAN, 2004, p. 53).

Pensando em uma coleção composta no âmbito do museu, Pomian esclarece que a utilidade prática do objeto para o qual foi criado não existe mais. O valor do item está agregado a sua representatividade, pois sua função é ser exposto. Geralmente, reserva-se aos itens maior atenção com preservação, pois acredita-se que preservando o item em sua essência física a sua área simbólica também é preservada. Grande parte das coleções que compõem os

museus é de origem particular, entretanto, alguns museus também elaboram suas coleções por meio de compras e outros.

Nesse contexto, quando se encontra exposta ao olhar do público, determinada coleção já abarca mais duas importantes relações; não apenas a relação do indivíduo criador e sua coleção, mas agrega também a relação existente entre a coleção e a instituição, voltados para o sentido organizacional, pois geralmente a coleção recebe um novo arranjo; e a relação entre a coleção e a sociedade, na qual se destaca a exposição e interação com o público. Ambas as relações apresentam significados diferentes.

Quando exposta, a coleção representa aquilo que a instituição¹ deseja, pois em alguns casos a ordem é alterada e alguns objetos são selecionados e outros deixados momentaneamente de lado para a exposição, permitindo que o sujeito que a contempla construa sua opinião a respeito. Como afirma Buckland (1991) é a informação-como-coisa, pois só se torna conhecimento quando gera ou reduz a incerteza no indivíduo que consome, modificando de alguma forma o seu estado anterior. Em alguns casos, a ordem estabelecida pelo colecionador é respeitada e utilizada como um elemento importante no momento de expor a coleção.

Por meio da leitura de Suano (1986), destaca-se o ponto em que a autora, ao abordar o colecionismo no contexto institucional, afirma que os estudos sobre colecionismo validam a ideia de que reunir coleção visa coletar partes de um mundo, do qual o colecionador deseja fazer parte e dominar, e para complementar Suano (1986) pontua: “[...] a coleção retrata, ao mesmo tempo, a realidade e a história de uma parte do mundo, onde foi formada, e, também, a daquele homem ou sociedade que a coletou e transformou em “coleção” (SUANO, 1986, p.12).

Através da análise da citação acima, vemos que a coleção é uma representação da essência da sociedade, e é por meio dos objetos que isso pode ser representado. Para a autora, as coleções dizem o que a sociedade é, e não apenas o que o indivíduo colecionador era. O colecionador pertence a uma sociedade, e é disso que se trata determinada coleção: uma representação amíúde da sociedade.

¹ O termo instituição é generalizado, pois um local para a exposição de uma coleção não está restrito aos museus, pode ser também bibliotecas e/ou arquivos.

Então, por meio de uma coleção seria possível entender aspectos da sociedade atual? Em um primeiro momento, a partir da definição dos autores, a resposta é sim, pois como afirma Baudrillard (2004), a coleção é o reflexo do indivíduo, contudo, é preciso levar em consideração o medo do esquecimento presente na sociedade atual e que pode motivar um indivíduo a construir uma coleção. Outro motivo é o consumismo exacerbado. Ambas as causas podem resultar tanto no colecionismo quanto na pura acumulação, e as motivações serão trabalhadas mais a fundo no subtópico 1.2 *Colecionador e sua coleção*.

Grosso modo, todos os autores citados acima apresentam certa semelhança em suas definições, e observa-se que definem coleção sempre considerando o que o indivíduo está querendo dizer, o que o indivíduo quer transmitir. Assim, coleção constitui-se como um testemunho de algo, seja um fato ou um período; não possui valor usual, apenas valor simbólico¹ e de troca, carrega a subjetividade de quem a constituiu, representa algo e é reflexo do indivíduo, isto é, pode ser considerada o próprio indivíduo em sua forma material, além de servir como uma válvula de escape e um repositório da memória do indivíduo.

De uma forma conceitual, no entanto, sem nos aprofundarmos no panorama atual que teórico Baudrillard (2004) se aprofunda, pois ele trata da sociedade consumista, que compra e produz objetos desenfreadamente, atendendo a necessidades momentâneas; foi possível adotar o conceito trabalhado por Baudrillard (2004).

O autor afirma que todos os objetos possuem duas funções, uma é ser utilizado e a outra é ser possuído. No contexto da posse o autor afirma que ele já não está mais ligado com sua função usual e pertence ao indivíduo fazendo parte de uma organização, onde os objetos pertencentes se relacionam entre si e é essa organização que o autor nomeia de coleção. Nessa rede organizacional desenvolvida pelo indivíduo, devido ao sentimento de posse, torna-se possível a recuperação do objeto desejado (BRAUDRILLARD, 2004, p. 94 e 95).

Logo, complementando a definição de coleção supracitada, a coleção é uma forma também de organização, em que ordem estabelecida pelo fundador da coleção é extremamente relevante para a compreensão da mesma.

¹ Devido à complexidade do termo simbólico, cabe aqui explicar o uso do termo no presente trabalho. Algo simbólico será compreendido como algo alegórico, que está para representar ou substituir algo.

O tópico a seguir apresenta o contexto histórico da formação de coleção, uma vez que coletar não é algo recente, mas está presente na sociedade desde tempos remotos. Dessa forma, se faz necessário um apanhado sobre o colecionismo ao longo do tempo.

1.1 Colecionando ao longo do tempo

O entendimento no que se refere ao colecionismo se deu grande parte ao devir dos estudos sobre o museu, pois os estudiosos necessitavam compreender as categorias existentes para a formação de coleção. Na obra de Suano (1986) ela elenca cinco: “preservação do prestígio social, valor mágico, lealdade de grupo, curiosidade e pesquisa” (SUANO, 1986, p. 12).

Essa preocupação do museu em relação à compreensão do fenômeno colecionista ocorre porque é um complemento da função do museu, que é explorar o item em todas as suas nuances visando instruir os membros da sociedade (SUANO, 1986). Por meio desses estudos preocupados em compreender coleções é que se torna possível afirmar na existência do colecionismo desde tempos primórdios.

Suano (1986) salienta que a arqueologia descobriu coleções de faraós e imperadores que subentendiam um modo de acumular capital em períodos de guerra, e de acumular poder e prestígio social quando a paz predominava (SUANO, 1986). Prosseguindo na leitura da referida autora, é possível destacar a afirmação de que os romanos eram os grandes colecionadores da antiguidade já que, por possuírem um vasto império, adquiriam objetos de toda a sua extensão (SUANO, 1986).

De acordo com a obra de Suano (1986), a partir do século III a.C. algumas características foram mudando no que se referia ao objetivo das coleções. Devido ao fato de que alguns líderes colocavam suas coleções em espaço público, sua representatividade girava em torno da “fineza, educação e bom gosto” (SUANO, 1976, p. 13). Essa vontade de colecionar que aflorava nos romanos gerava uma crescente competição, e isso valorizava os produtos culturais e elevava o preço astronomicamente, o que levou o imperador da época, Tibério, a intervir na comercialização (SUANO, 1986).

Existem vários fatos que podem ter contribuído para a mudança na finalidade da coleção. Dentre eles, Suano (1986) cita a propagação da importância do desapego pregado pela igreja católica, reafirmando aos fiéis que este era um dos critérios para se conseguir lugar

no paraíso, mas como a igreja era receptora das doações, era permitido acumular riqueza, o que financiava suas batalhas e guerras contra a oposição (SUANO, 1986).

No início do século XVI, iniciou na Europa a busca pela verdade científica, e foram deixadas de lado as justificativas pautadas no religioso e no metafísico. Como efeito, a arte deixava aos poucos de abordar a religião e os fenômenos da natureza, que também eram justificados pautados na religião, ambos foram questionados.

Consequentemente, estimulados pelo Renascimento, as coleções eram formadas contendo espécimes naturais tais como peixes e ostras. Mas antes de toda essa revolução renascentista, formar coleções era algo restrito a príncipes e reis, pois o valor de suas coleções era atrelado ao poder que os representantes ostentavam que, por vez, continha uma temática religiosa. Aquele que governava era um líder escolhido por Deus (BLOM, 2003).

Pedras preciosas, joias com detalhes rebuscados e obras de arte eram peças essenciais presentes nas coleções, que eram restritas a contemplação, pois possuí-las reafirmava a ideia de “eu detenho o poder”. E é por meio do renascimento que a busca pelo belo se estende também à busca pelo estranho e à verdade dos fatos. Nessa leva de mudanças, as tradições ocultas eram também representadas nas coleções, que nada mais eram que reflexo do mundo.

A mudança na temática das coleções se pautava nas mudanças sociais, pois a sociedade estava impregnada com novos fenômenos em prol da expansão do conhecimento. Dessa forma, Blom (2003) compreende como causa central as inovações tecnológicas, que revolucionaram vários setores, entre eles o trânsito naval, imprensa aperfeiçoada e sistema bancário; fatores que possibilitaram a valorização do comércio e logo provocaram o interesse pela aquisição de coleções.

Por outro lado, os cristãos preservavam sua fé e entravam no panorama colecionista por meio de artefatos religiosos, com a finalidade de entender suas coleções como testamento para futuras gerações e também como um modo de reafirma a importância da verdade religiosa (BLOM, 2003, p. 38).

A Europa, em sua ânsia por artefatos, utiliza-se do comércio marítimo e da ascensão do capitalismo para importar objetos dos continentes Asiático e Oriente médio. Entre os itens havia animais exóticos e objetos variados, e dentre os mais solicitados estavam aves, moedas, arco e flecha, enfim, uma gama bem diversificada de *coisas*. Blom (2003) explica que muitas

dessas coleções eram formadas apenas para serem exibidas, entretanto, um grupo seletivo de colecionadores utilizava seus artefatos como “repositório de conhecimento” (BLOM, 2003, p. 41).

Mas é no Iluminismo que a relação com a coleção e o conhecimento se esclareceu, pois estudiosos se reuniam a fim de discutir e compartilhar informações a respeito de seus artefatos; o interesse em estruturar o conhecimento vai se evidenciando e o mundo passa a ser compreendido através da mente científica (BLOM, 2003).

Sobre a diversidade de coleções ao longo do tempo, é possível se surpreender com o relato de Philipp Blom a respeito de coleções de corpos humanos, em que o autor entende esse tipo de coleção como necessidade de autocompreensão. Mas não é apenas nesse sentido que as coleções são compreendidas pelo ser humano. No século XIX elas também podiam significar uma representação simbólica do mundo, que é o desligamento do religioso como verdade absoluta, pois o homem colecionador desse período valorizava o conhecimento científico e entendia a importância de estudos voltados para o corpo humano, bem como os colecionadores retiravam fragmentos do seu cotidiano para tentar entender o mundo ao seu redor, valorizando fatos históricos a fim de esclarecerem eventos em circunstância do tempo e do espaço.

Essa preocupação com os fatos históricos foi primordial para a exposição das coleções durante o Iluminismo. Os governantes europeus passaram a disponibilizar suas coleções aos museus como uma forma de preservar, após sua morte, aquilo que eles passavam a vida reunindo e dessa forma a sociedade também foi contemplada, pois a partir do momento da institucionalização passariam a ter acesso. E quando retirado do ambiente privado e inserido no espaço público o objeto ganha a notoriedade e reconhecimento de um item que possui valor cultural (SUANO, 1986).

Outro fator que indica mudança e também merece destaque se refere às revoluções. As coleções direcionavam-se para a abordagem das lutas históricas, fato primordial para as mudanças sociais que estavam ocorrendo. Todos os fenômenos ocorridos socialmente influenciavam na mudança da finalidade das coleções (BLOM, 2003).

No panorama histórico em questão, foi possível observar que as coleções foram tidas como ostentação de poder e riqueza. Em momentos de guerras, a ostentação de coleções

demonstrava a vitória e soberania do ganhador sobre o inimigo. Quando reconhecida sua importância histórica, passaram a ser objeto de instrução, favorável à obtenção de conhecimento, e também é possível compreendê-las como sucessão de ideias do colecionador.

O subtópico a seguir abordará algumas motivações que levam ao colecionismo e será de grande importância para uma ampla compreensão de como fatores sociais, culturais, psicológicos e políticos influenciam na formação de uma coleção. Também apresenta os tipos de relações existentes entre o colecionador e sua coleção.

1.2 O colecionador e sua coleção

As leituras elaboradas nesta subseção analisam os motivos que levam os indivíduos a coletar, e por meio das respectivas leituras é possível destacar aspectos como o testemunho da existência do colecionador, o cultivo de informações para adquirir conhecimento, o retratado de si mesmo e extensão de si, entre outros. E por meio das experiências que cada colecionador tem com sua coleção, vários estudos descrevem e analisam a relação fruto desse processo dual.

Para iniciarmos a abordagem sobre a relação do colecionador com sua coleção, vale ressaltar um estudo elaborado por Ruth Formanek e no artigo intitulado *Why they collect: collectors reveal their motivations*, em que a pesquisadora apresenta um estudo com base teórica nos fundamentos psicanalíticos e tabula e analisa 112 entrevistas e 55 cartas de colecionadores. A partir disso, ela elenca cinco principais características presentes nos motivos que levam um colecionador a colecionar, sendo eles: “(1) to the self; (2) to others; (3) as preservation, restoration, history, and a sense of continuity; (4) as financial investment and (5) as addiction” (FORMANEK, p. 327, 2005).

Inicialmente, na abordagem psicanalítica, a autora trabalha com os seguintes autores: Freud (1963), Jones (1950), Abraham (1927) e Fenichel (1945). Basicamente, esses primeiros autores que trabalharam com a psicanálise compreenderam a coleção como uma sublimação para o conflito anal em que o indivíduo colecionador poderia estar passando. Esse conflito tem origem na infância, e os autores acreditam que o a fezes, por ser o primeiro produto fabricado pelo ser humano, desenvolvem no indivíduo certa superestimação por coisas simbólicas (FORMANEK, 2005).

A autora também contrapõe com autores que possuem ponto de vista diferente da visão Freudiana, pois os autores não compreendem homem a partir de impulsos sexuais e/ou agressivos, mas por meio da interação com outras mentes, isto é, na relação existente entre as pessoas. Esses autores modernos entendem como psicologia do *self*, que quando aplicado para compreensão do colecionismo, entendem o fenômeno como “coesão do sentido estável de si”. Desse modo, a não redução das experiências humanas às duas unidades de Freud possibilitou compreender o colecionismo como “[...] collecting represents a need of the individual to explore, be in contact with others, and search for personal stability” (FORMANEK, 2005, p. 329). Ademais, o colecionismo pode ser entendido como uma necessidade originada na infância que o ser humano possui de ter um relacionamento mais íntimos com outras pessoas.

Formanek (2005), na releitura de Willian James (1892), ressalta que se as posses são uma extensão de si e manutenção do *self*, por conseguinte, quando algum item é perdido, o individuo sente-se mutilado. A autora salienta também que em alguns casos o individuo até se sente depressivo, e o sentimento de mal estar só dissipa quando ele adquire um item novo para compor a coleção.

A autora tabulou os dados, mas ressalta que só a entrevista é algo insuficiente, pois ela acredita que os colecionadores podem ser conduzidos, mesmo que inconscientemente, às respostas prontas, encobrando a verdadeira razão pela qual colecionam. Deste modo, ela também analisa cartas enviadas pelos colecionadores e insere trechos para análise. Observemos, então, as cinco principais características que motivam a formação de coleções particulares.

O questionário elaborado pela pesquisadora Formanek (2005) é composto por perguntas como “When you acquire a new item, what do you feel? When you show your collection to others, does it matter to you that they react as you do, or admire your collection and your work as the collector? When do you work on your collection?”, dentre outras questões (FORMANEK, 2005, p.331).

Após a tabulação dos dados obtidos, Formanek (2005) percebeu que algumas pessoas não se enquadravam em apenas um tipo, mas em vários, pois tinham múltiplos motivos para colecionar. E vale ressaltar uma das falas de um dos colecionadores que se enquadram nessa miscelânea para uma análise.

‘Some collectors are in it for the hunt, others are hoarders, and some are preservationists or artifact conservators.’ He collects for the ‘experience of the past through historical objects that were used in struggles, and to appreciate lost values and workmanship (FORMANEK, 2005, p.331).

O colecionador acima coleciona porque acredita que a obtenção dos artefatos relacionados ao passado estará recolhendo experiências. E segue com mais um depoimento apresentado pela autora: “*Esthetic or historical satisfaction; excitement of the hunt and actual acquisition. Having something no one else has. Potential for financial appreciation*” (Formanek, 2005, p.331). Aqui, o mesmo colecionador apresentou diversos motivos aleatórios, desde a preocupação histórica até o alto valor financeiro de alguns artefatos.

Outros depoimentos também apresentam que alguns colecionadores dão mais importância aos objetos do que para as pessoas a sua volta, e por meio da leitura do estudo apresentado por Formanek (2005), foi possível identificar que um dos fatores considerados menos importantes, apesar de citado, é o da coleção motivado pelo valor financeiro.

Começamos uma breve análise de cada uma das cinco raízes que motivam o colecionismo. A primeira é “*Collecting has meanings in relation to the self*”; primeira raiz que a autora dividiu em outros três, sendo:

(a) those who collect as a defense against feeling low, (b) those for whom collecting appears to be a challenge, a wish for expertise, knowledge or mastery, and (c) those for whom collecting has a narcissistic function, that is, is essential for the maintenance of their self-esteem (Formanek, 2005, p.327).

Na subseção (a) se inserem aqueles que colecionam para evitar a depressão, ela afirma que algumas pessoas colecionam como um mecanismo de defesa para se livrar das tristezas, depressão e sentimento de perda, e relata o depoimento de um colecionador que fala que sua vontade em colecionar se intensificou após a morte de sua mãe.

Seguindo com a subseção (b), aqui se encontram aqueles que possuem desejo pelo conhecimento e sabedoria, representados no depoimento do colecionador, que diz que por meio da coleção ele consegue estabelecer um senso de ordem na vida, e através da posse de coisas desenvolve também uma ligação com a infância.

No terceiro subtópico (c), a autora classifica aqueles que possuem características narcisistas, em que a coleção é uma forma de manter a autoestima por meio de exibição da

coleção para outros. Em sua fala, um dos colecionadores afirma que fica feliz por ter coisas que outras pessoas não têm.

Na segunda raiz apresentada pela pesquisadora, nomeada de “Collecting has meanings in relation to other people”, os colecionadores aqui inseridos são aqueles que formam coleção pensando nas pessoas que amam. Assim, para cada membro da família ou amigo, ele sente a necessidade de coletar um objeto que os representem.

Na terceira raiz, encontra-se “Collecting as preservation, restoration, history and a sense of continuity”. Aqui as pessoas colecionam motivadas pelo senso de continuidade, pois acreditam que suas coleções servirão para gerações futuras e contribuirão de alguma forma. Observemos a seguinte citação: “I collect for the love of old things. I like to see them saved for the future and when there will be none around” (FORMANEK, 2005, 333).

A quarta raiz é “Collecting as financial investment”, em que a autora ressalta que os colecionadores enquadrados aqui citaram outros motivos além do investimento financeiro.

A quinta e última raiz é “Collecting as an addiction”, em que a autora afirma que essa motivação é pouco explorada na literatura e que os termos constantemente usados são compulsão e obsessão. Ela afirma que alguns entrevistados responderam ser viciados em reunir coleções, ter compulsões ou ser obcecado por objetos. Para finalizar, a autora pontua que algumas reconsiderações devem ser feitas a respeito da interpretação da coleção apenas como uma sublimação.

A relação do homem com os objetos pode ser compreendida como algo essencial para o desenvolvimento humano, e por meio de estudos sobre a Cultura Material, Miller (2013) trabalha a importância da interação com os objetos e esclarece possíveis causas que levam um indivíduo a coletar. Ele também discorre do seguinte modo sobre o tema: "objetos não gritam para você como os professores, nem jogam giz em você, como o meu jogou, mas eles lhe ajudam docilmente a aprender como agir da forma apropriada" (MILLER, 2013, p.83). Vale destacar a pontuação do autor sobre a relação do ser humano com os objetos como algo importante para sua formação enquanto ser social.

Partindo para outro teórico que pontua sobre algumas possíveis motivações para a constituição de coleções, Umberto Eco (2010) discorre sobre o colecionismo bibliográfico, pautado em sua experiência como colecionador, e afirma que o que leva o indivíduo a

coleccionar é o amor aos livros. Ele faz uma ressalva que nem sempre tal amor é no conteúdo em si, pois apenas em alguns casos o bibliófilo lê suas obras. Grande parte deles entende os livros como objetos, isto é, estão ali para serem admirados e não lidos.

Seguindo com a leitura de alguns autores que por meio de suas obras transmitem um pouco da experiência enquanto colecionadores, observamos o relato de Benjamin (1987), minucioso referente às lembranças que foram surgindo ao desempacotar os livros de sua coleção, e faz a seguinte afirmação “de fato, toda paixão confina com o caos, mas a de coleccionar, com o das lembranças” (BENJAMIN, 1987, p. 228). A cada momento em que retirava um livro da caixa, ele se recordava da cidade onde comprou o livro, das pessoas que participaram direta ou indiretamente da compra, do ano da compra, enfim, de todos os momentos que foram marcantes para o autor, que na obra se põe como um clássico colecionador e um ser apaixonado por livros.

Para Benjamin (1987), essa relação que o colecionador tem com seu objeto é carregada de sentimento de posse, de ciúme, de amor e até de libertação, pois em determinado momento o autor afirma que para um colecionador um livro só se encontra em liberdade quando está em sua prateleira, sob o seu domínio (BENJAMIN, 1987).

O autor ainda afirma que muitos colecionadores ficam doentes ao perderem obras que compõe suas respectivas coleções. Afirma também que alguns até se tornam ladrões para conseguir os itens desejados e sacrificam fortunas em prol da construção de seus acervos, principalmente na busca por obras raras e preciosas.

Com tal característica, o colecionador está a todo momento à beira de "ordem e da desordem", e nessa perspectiva, Benjamin afirma: "há uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino" (BENJAMIN, 1987, p. 228). É possível compreender que as obras não compõem uma coleção para serem usadas, mas sim para serem admiradas, observadas. É possível também entendê-las como um repositório, e que apenas com sua existência elas são capazes de despertarem as lembranças de um colecionador, como por exemplo, o caso de Benjamin (1987). Vale pontuar que autor acredita que tais objetos são vivos por si só, e não estão vivas dentro do colecionador. No entanto, são capazes de despertar lembranças vivas no colecionador (BENJAMIN, 1987).

Por meio da leitura de Benjamin (2006) sobre sua experiência enquanto colecionador, é possível entender que os colecionadores também se relacionam com suas coleções como repositórios de informações, pois o autor nomeia a coleção de “enciclopédia de toda ciência da época” (BENJAMIM, 2006, p. 239). Nesse contexto, subentende-se que as coleções também podem ser as referências mais utilizadas, mas importantes para o estudo dos colecionadores, compreendidas como uma trajetória intelectual.

No texto de Benjamin (2006) *O Colecionador*, é possível compreender algumas nuances existentes entre o colecionador e sua coleção. O autor pontua sobre o que é colecionar e a importância da coleção para o colecionador, então, apresentemos o que é colecionar para ele: “coleccionar é uma forma de recordação prática e todas as manifestações profanas da ‘proximidade’, a mais resumida” (BENJAMIN, p. 239, 2006).

Para Benjamin (2006), um item, no seio de uma coleção, se torna imobilizado, compondo um ambiente mágico que se torna o verdadeiro prazer do colecionador. “Tudo o que é lembrado, pensado, consciente torna-se suporte, pedestal, moldura, fecho de sua posse” (BENJAMIN, p. 239, 2006). O que o autor complementa nomeando a coleção como um despertador.

Benjamin (2006), para se aprofundar e desenvolver sua compressão sobre a relação entre o colecionador e a coleção, argumenta pautando-se em Bergson que não existe nada duradouro e que tudo vem de encontro a nós. Nesse contexto, o autor afirma que é isso que ocorre entre o colecionador e sua coleção “Elas vão de encontro a ele. Como ela as persegue e as encontra, e que tipo de modificações são provocadas no conjunto das peças por uma nova peça que se acrescenta, tudo isto lhe mostra suas coisas em um fluxo contínuo” (Benjamin, 2006, p. 240).

[...] o colecionador vive um pedaço de vida onírica. Pois também no sonho o ritmo da percepção e da experiência modificou-se de tal maneira que tudo - mesmo o que é aparentemente mais neutro - vai de encontro a nós, nos concerne. Para compreender as passagens a fundo, nós as imergimos na camada mais profunda do sonho, falamos delas como se tivessem vindo de encontro a nós (BENJAMIN, 2006, p. 240)

Olhar a coleção como uma alegoria, nessa perspectiva estabelecida por Benjamin (2006), permite ampliar as possibilidades do que uma coleção pode representar. Pois nem o mesmo o colecionador pode ter conhecimento da complexidade presente em sua mente, e aquilo que considerado como alegórico por uma pessoa que não coleciona, para o

coleccionador pode ser a sua realidade. Como o autor mesmo diz no início de seu texto “nunca se deve confiar naquilo que os escritores dizem a respeito de suas próprias obras” (BENJAMIN, 2006, p. 238). Nesse sentido, nem sempre devemos confiar nas afirmações feitas por colecionadores sobre o significado de suas coleções.

O que se pode afirmar com convicção, que Benjamin (2006) e outros autores já referenciados pontuam, é sobre o objeto em uma coleção ser retirado de sua funcionalidade. O autor afirma que isso ocorre devido o olhar revelador que o colecionador possui, esse olhar de colecionador se diferencia das demais pessoas que não colecionam. Nessa perspectiva, o autor complementa que existem duas considerações a respeito disso, sendo que o mundo para o colecionador é a coleção e que essa coleção possui uma organização (BENJAMIN, 2006).

Organizado, porém segundo um arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana. Este arranjo está para o ordenamento e a esquematização comum das coisas mais ou menos como a ordem dicionário está para uma ordem natural. Basta que nos lembremos quão importante é para cada colecionador não só o seu objeto, mas também todo o passado deste, tanto aquele que faz parte de sua gênese e qualificação objetiva, quanto os detalhes de sua história aparentemente exterior: proprietários anteriores, preço de aquisição, valor, etc. (BENJAMIN, 2006, p. 241).

Compreendemos que a ordem estabelecida pelo colecionador é importante para o significado que a coleção tem para ele. A ordem pode demonstrar a evolução da coleção e, quem sabe, o rumo que ela pode tomar. Em determinado momento, Benjamin (2005) afirma que “Seria interessante estudar o colecionador de livros como o único que não necessariamente desvinculou seus tesouros de seu contexto funcional” (BENJAMIN, 2005, p.241). Mais a frente, explicaremos neste trabalho o porquê de compreendermos os livros como um objeto, o que se adianta, é que um livro pode sim ser desvinculado de sua funcionalidade em uma coleção, principalmente quando se trata de uma coleção de obras raras. Ou em muitos casos, os livros mantêm a funcionalidade e também são objetos com significados subjetivos.

Por meio da leitura de Benjamin (2005), surge uma importante questão que deverá ser retomada mais a frente, pois se a ordem estabelecida por um colecionador é importante para a compreensão da coleção, quando inseridas em uma instituição, será que essa ordem se mantém? Ou, no momento da institucionalização, a biblioteca é presa por sua forma de organização? Sabemos que muitos fatores influenciam e direcionam essa tomada de decisão dentro de uma instituição. Essas indagações foram feitas ao bibliotecário responsável e serão

retomadas durante a análise a fim de compreender aspectos referentes ao significado da coleção e a intenção do colecionador.

Outra questão destacada durante a leitura de Benjamin (2005) é que se torna possível compreender que a relação estabelecida entre o colecionador e sua coleção pode contribuir para a elucidação e compreensão do conceito de coleção estabelecido por ele.

Destacam-se também algumas características que predominam nessa dualidade colecionador e coleção. O colecionador pode formar uma coleção selecionando objetos de “caráter proscrito e degradado” (BENJAMIN, 2005, p. 241). Na segunda citação, ele afirma que colecionismo é um prelúdio de morte e nos remete à velhice. Comenta também sobre a sensação alegórica que permeia o indivíduo ao estar em meio à coleção e sobre as fases dos sentimentos de transição e salvação que permeiam as coleções.

Portanto, Benjamin pontua que “O colecionador [...] reúne as coisas que são afins; consegue deste modo, informar a respeito das coisas através de suas afinidades ou de sua sucessão no tempo” (BENJAMIN, 2005, p. 215).

Prosseguindo com mais uma análise da relação colecionador e coleção, destacamos um dos maiores colecionadores brasileiro, José Mindlin, que se posicionava de uma forma diferente dos outros colecionadores de livros aqui estudados. Mindlin lia constantemente os livros que compunham sua coleção, e algumas obras necessitavam de mais cuidado durante a leitura; característica que confirma a permanência da funcionalidade do livro. Em seu livro, no entanto, o bibliófilo afirma que gostaria de ter mais tempo de vida só para ler alguns livros de sua coleção. No caso, os livros não eram objetos apenas de contemplação, mas desempenhava a função inicial de veicular informação. A funcionalidade do livro estava compreendida igualmente na sua representação simbólica.

Em seu livro *O bibliófilo Aprendiz*, Rubéns Borba de Moraes (2005) nos apresenta um relato minucioso de sua experiência enquanto colecionador e apresenta algumas dicas para quem deseja começar ou prosseguir com uma coleção. O autor, no prefácio do livro, afirma que não se cansa de manusear seus livros, comentar sobre eles e também os lê, estabelecendo um vínculo de aprendizado constante devido ao contato com seu acervo (MORAES, 2005).

O autor afirma que colecionar para ele é um dom que serve como “compensação para algum complexo. Em muitos casos é simplesmente um complexo de fuga, uma ‘Passárgada’

que ajuda a suportar guerras, inflações, desejos frustrados ou simplesmente uma mulher tagarela” (MORAES, p.19, 2005)². Analisando a pontuação do autor, torna-se visível que ele compreende o colecionismo como uma forma de sublimação, uma maneira de preencher algum vazio que até o próprio colecionador, por vez, desconhece.

Podemos então apresentar o filme *O cheiro do Ralo*, do diretor Heitor Dhaila (São Paulo, 2007, como um exemplo que ajudará a vislumbrar os pontos abordados por Benjamin (1987, 2006), Formanek (2005) e Moraes (2005). O filme conta a história de Lourenço, interpretado por Selton Mello, que é um comprador e revendedor de coisas usadas. Lourenço apresenta vários distúrbios psicológicos e aproveita da situação de desespero e crise financeira em que as pessoas que o procuram se encontram para obter lucro em suas negociações.

O personagem Lourenço não conheceu o pai, e isso fez com ele juntasse objetos visando construir a imagem do seu pai. No desenrolar da história, ele compra um olho de vidro e uma perna mecânica, e cabe transcrever uma fala do personagem:

Vai ser a perna do meu pai, é, eu já tenho um olho, eu sei que com o tempo eu vou montar meu pai, meu pai Frankenstein. Ele só saiu com minha mãe uma vez, eu nem sei seu nome e nunca me viu, nunca soube o quanto o amei, ele foi, eu fiquei. Ele é mais triste que eu porque talvez ele não tenha ninguém e eu tenho ele. Meu pai Frankenstein (1h22min15 a 1h22 min22).

Nessa passagem do filme, é possível observar o que Formanek (2005) concluiu sobre os significados de colecionar: o colecionismo pode se dar com o objetivo de preencher uma lacuna afetiva originada na infância, e a coleção pode ser a representação de uma pessoa estimada pelo colecionador.

Outro elemento importante presente no filme é o ralo, e o personagem alerta a todos que adentram a sala sobre o possível odor que dali exala: “Esse cheiro que você está sentindo não é meu, é do ralo”. Todos o compreendem perfeitamente, até o momento em que um violinista o procura. Ele oferece um valor baixo para o violino do sujeito, que se recusa a vender, e quando Lourenço alerta o violista sobre o cheiro do ralo, ocorre o seguinte diálogo:

Violinista: - Isso aqui cheira merda.
 Personagem: - Não é, é do ralo, ali oh!
 Violinista: - Não é, não.
 Personagem: - É, o cheiro vem do ralo ali.

² Convém ressaltar que estamos desconsiderando a conotação machista presente no texto e considerando apenas o ponto sobre as razões para se colecionar.

Violista: - O cheiro vem de você.

Personagem: - Não, não amigo, eu estou com um problema aqui no banheiro aqui, ó... o ralo.

Violista: - E quem usa esse banheiro?

Personagem: - Eu.

Violinista: - Quem mais?

Personagem: - Só eu.

Violinista: Então, de onde vem o cheiro? (17min05 a 17min40)

O ralo representa uma extensão de Lourenço e um elemento de sua coleção, como se fosse parte dele e representasse todas as suas frustrações. Quando ele afirma que “O cheiro não é meu, é do ralo”, fica implícito uma justificativa para sua grosseria, um pedido de desculpas, como se a culpa não fosse dele por ter que tratar asperamente o cliente, mas é algo exterior e que ele não tem controle.

É também em Formanek (2005) que encontramos o respaldo para discorrer sobre esse ponto de vista, pois ela também estabelece como justificativa para colecionar a manutenção do *self*. Formanek (2005), Benjamin (1987, 2006) e Moraes (2005) também afirmam que existe a questão do exibicionismo presente no universo colecionador. Isso se constata pelo fato de Lourenço alertar todos que entram no local sobre o cheiro do ralo. Outro indício é que ele mostra o olho de vidro àqueles que compõem o seu círculo de convívio.

Lourenço tenta compreender a relação existente entre os objetos de sua coleção, o que se constata ao se questionar sobre o que estaria acontecendo em sua vida, já que algumas coisas não estavam acontecendo da forma como havia planejado. O filme também apresenta elementos de coisificação humana, pois Lourenço trata as nádegas de uma garçonete, interpretada pela atriz Paula Braun, como objeto, e a parte do corpo da mulher também é um elemento de desejo e mais um item para sua coleção.

Observemos uma passagem do filme que vislumbra a relação existente entre os objetos e a questão da coisificação, no qual Lourenço só visualiza as nádegas da mulher como objeto da coleção. Ao tratar a parte do corpo da mulher como um objeto, descarta a sua existência:

Acho que foi o homem do violino que disse que o cheiro era meu, ele disse isso na minha cara, pior que isso me atingiu. É como se fosse um ciclo vicioso, vejo a bunda que me alimenta, o preço para poder ver a bunda é comer o lixo daquela lanchonete, a comida sempre cai mal, sendo assim, o ralo fede. Ou seja, a bunda faz o ralo feder. Não, não é isso, isso não funciona assim. Porque antes de eu perceber a bunda o ralo já fedia, a bunda está fora disso.

Bem que agora eu queria estar com a bunda ao meu lado (42min13 a 42min50).

Além da coisificação, outro ponto que merece destaque é tratado pelos autores aqui estudados, dentre eles Benjamin (2006), que pontua a relação existente na coleção e que nem sempre é um critério funcional. Lourenço tenta compreender essa relação, porém, se frustra. O que se pode apontar como hipótese de relação existente é a manutenção do *self* tratada por Formanek (2005).

Também foi possível observar a questão do inacabado como um sentimento constante dos colecionadores: “De todas as coisas que eu tive, as que mais me valeram, das que eu mais sinto falta são as coisas que não se podem tocar, são as coisas que não estão no alcance das nossas mãos, são das coisas que não fazem parte do mundo da matéria” (1h08min10).

O exemplo do filme *O cheiro do ralo* serviu para melhor compreender os pontos abordados pelos autores Benjamin (1987, 2006), Formanek (2005) e Moraes (2005).

Voltando em Formanek (2005), o autor pontua que suas conclusões empíricas foram baseadas nas tabulações dos dados obtidos no questionário e por meio da análise das cartas escritas por colecionadores. Através da leitura dos autores acima, foi possível identificar algumas causas apresentadas pela pesquisadora presentes nos argumentos dos autores em questão, tais como os objetos que podem auxiliar na obtenção de conhecimento, como exemplificado em Miller (2013); fornecer um senso de continuidade através das recordações despertadas em Benjamin (2006) ao desempacotar sua biblioteca; uma paixão e, por que não, como um vício, apresentado por Mindlin (1997). Outro fator também percebido foi a valorização da questão financeira, como pontuado por Eco (2010).

Deste modo, as obras que compõem a coleção funcionam como um espelho que refletem o colecionador, ou como um aparelho capaz de despertar lembranças. Podem ser a idealização de um universo perfeito e a realização pessoal materializada. São extremamente informativas, são capazes de se tornar um elo com um passado individual e coletivo e despertam lembranças.

Nesse panorama mercadológico, pois apesar de Formanek (2005) apresentar como uma motivação que não é prioridade e que sempre vem acompanhada de outra motivação, ela existe. E quando bem explorado, pode angariar lucros, já que muitos itens são criados

especialmente para colecionadores. É comum ir a uma banca de jornal e encontrar revistas com objetos em miniaturas direcionados aos colecionadores, bem como edições especiais de livros voltados ao público colecionador.

Tais objetos adquirem a característica mercadológica porque são fabricados pensando em satisfazer necessidades, e a partir do momento em que quem as produziu entende que seu valor simbólico remete ao reconhecimento por meio da valorização financeira, tais itens possuem utilidade para quem as criou. Tal utilidade vem na forma de lucro financeiro, e somente depois deixam a condição usual é que passam a compor as “coleções libertárias”³ do universo subjetivo do colecionador.

Então, qual é o sentido de adquirir itens fabricados para compor coleções? Será que mesmo neste contexto o senso de continuidade está presente, na qual o item é coletado para satisfazer necessidades de pessoas no futuro para que compreendam o passado? É bem possível que não, pois aqui a questão de vício e acumulação compulsiva pode se caracterizar mais. O primeiro ponto a ser considerado é que para compor uma coleção um item deve apresentar um significado compatível com os demais itens, e o outro fator já mencionado é a questão da ligação subjetiva entre os itens.

Kopytoff (2008) explica que em uma esfera de valores trocas os itens devem ser organizados em categorias de uma forma que os semelhantes ficam no mesmo espaço, bem como os que possuem valor diferente, funcionando o sistema econômico, pois cada sociedade tem sua estrutura. O valor de troca, explanado por Kopytoff (2008), constitui na construção de valor determinado pela cultura e elaborado na sociedade, no qual os itens distintos apresentam o mesmo valor quando possuem o mesmo sentido. A vista disso, o autor afirma que “A cultura assim se dedica a tarefa mais modesta de criar equivalência de valor dentro de diversas esferas específicas de mercadoria” (KOPYTOFF, 2008, p. 98). A cultura determina o valor do objeto.

Por meio de tais leituras, entende-se que é plausível e justificável entender a vida de determinado colecionador por meio de sua coleção, pois se tais coleções representam o ambiente em que vivem, demonstram sua trajetória intelectual (no caso de coleção

³ Compreende-se como coleção libertária o contexto que a coleção se encontra, pois essa é livre de sua função usual e aberta para simbolizar a subjetividade do colecionador.

bibliográfica) e contam as suas escolhas, então, de fato é possível ter conhecimento da vida do indivíduo colecionador por meio de sua coleção.

Assim como uma coleção representa tudo aquilo que está à volta do indivíduo e é testemunho de acontecimentos à sua volta, a relação do colecionador com sua coleção está carregada de subjetividade e é reflexo da sociedade a qual o indivíduo pertence. Uma coleção é algo que nunca se completa, uma vida que tem início e não possui fim, pois “O objeto mais importante de uma coleção é o objeto seguinte” (BLOM, 2003, p. 181-182).

Susan Pearce (2005) compreende que *colletion Studies* podem ter três tipos de abordagem, a primeira diz respeito às políticas de seleção, explanado pela autora como o campo que se preocupa com as questões filosóficas e práticas, pois visa solucionar o que deve ou não ser selecionado em uma instituição museal. Aborda também as nuances e discussões em torno do sistema documental e as formas de pesquisas que podem ocorrer: grosso modo, estuda o sistema de busca e possíveis necessidades dos usuários.

A segunda área diz respeito a questões históricas em torno de coleções e colecionismo, perpassando do passado aos dias atuais; aborda também a questão da seleção e descarte, levando em consideração a relevância do documento e a biografia do colecionador. A síntese disso é que os temas em torno da segunda área abordam a relação da coleção com a ideia de museu.

A terceira área se preocupa em analisar as razões psicossociais que levam uma pessoa a colecionar. As três áreas estão imbricadas, como foi percebido ao longo das discussões aqui cunhadas e é um ponto que a autora ressalta.

O ponto em que se objetiva chegar, ao introduzir as ideias de Susan Pearce (2005), é que para a autora as coleções não adentram um museu de forma branda, elas chegam com um passado, possuem uma história. E nessa perspectiva ela estabelece três modelos de coleção: *collections as souvenirs, as fetish objects, and as systematics*.

Na compreensão de coleção como *souvenirs* a unidade é associada a uma única pessoa, e isso inclui as relações que essa pessoa estabeleceu ao longo da vida, portanto, as relações interpessoais, os compromissos sociais, tudo é relacionado aos objetos.

Souvenirs are intrinsic parts of a past experience, but because they, like the human actors in the experience, possess the survival power of materiality not shared by words, actions, sights and the other elements of experience, they alone have the power to carry the past into the present. Souvenirs are samples of events which can be remembered, but not relived (PEARCE, 2005, p. 195).

Sobre a coleção como um objeto fetichista, a autora afirma que o termo *fetishistic* causou controvérsias, no entanto, a autora afirma que mudar o termo para trabalhar o mesmo fenômeno causaria mais confusão. A característica principal da coleção fetichista é a quantidade de peças iguais tais como, por exemplo, os colecionadores de maços de cigarros, em que o fim da coleção só é dado quando o colecionador morre.

A coleção como sistemática se difere dos outros dois tipos. Pearce (2005) afirma que esse tipo de coleção teve origem no Renascimento. A coleção é classificada como sistemática quando possui o objetivo de colecionar bem estabelecido como, por exemplo, colecionar filmes produzidos na década de 1950. Dessa forma, cada peça inserida na coleção possui uma função bem estabelecida, e colecionar nessa perspectiva seria uma forma de demonstrar conhecimento sobre determinado assunto.

O próximo passo é especificar e detalhar os argumentos sobre o tipo de coleção abordado na presente pesquisa, no caso, uma coleção de livros.

1.3 Coleção de livros

O presente trabalho abordou inicialmente o conceito de coleção em um aspecto mais amplo. Entretanto, o caso a ser estudado diz respeito a um acervo bibliográfico, isto é, uma coleção de livros. Essa forma de abordar o tema foi aderida devido à complexidade imbricada no ato de colecionar, pois em algumas ocasiões o livro não é visto como um livro, mas como um objeto. Partindo desse pressuposto, julgou-se necessário entender, primeiramente, o que é uma coleção para então enfatizar coleção bibliográfica. Dessa forma, cabe iniciar abordando o que é um livro e sua função para então discorrer sobre as coleções bibliográficas.

Por meio do estudo de Ribeiro (2011), é possível vislumbrar que existem mais abordagens sobre o livro do que sobre a definição do que é um livro. A autora faz um apanhado sobre as definições cunhadas por autores e instituições sobre as conceituações de

livro existentes, e afirma que muitas vezes o gênero e o suporte são elementos primordiais para a conceituação do livro. O material e a forma como são confeccionados estão presentes em suas respectivas definições, e a autora ressalta que o conteúdo não altera o que é um livro.

Em Ribeiro (2011), compreende-se que o livro pode ser definido de acordo com sua finalidade, que é portar e mediar informação fabricada pelo intelecto humano. A autora se aprofunda também na questão dos homens que carregam consigo todas as informações relevantes para a sociedade a qual pertencem. Para se aprofundar nessa questão, a autora cita o filme *Fahrenheit 451*.

Condensando a revisão de literatura construída por Ribeiro (2011), a autora elenca três aspectos que auxiliam a identificar o que é um livro, sendo: “(1) conservar a memória da criação intelectual humana, especialmente a textual, cujo formato seja (virtualmente ou não) o de (2) páginas e cadernos organizados e divididos, tendo natureza (3) analógica ou digital, muito provavelmente será um livro” (RIBEIRO, 2011, p.7).

Por meio da leitura de Escaipit (1976), *A Revolução do livro*, foi possível encontrar argumentos sobre a definição de livro:

Como tudo que tem vida, o livro é indefinível. Ou pelo menos nunca ninguém conseguiu dar-lhe uma definição, ao mesmo tempo, completa e permanente. É que o livro não é um objeto como os outros. Ao segurá-lo, só se segura papel: o livro, porém, está além disso. Entretanto, ele está também nas páginas, e o pensamento, por si só, sem o apoio das palavras impressas, não poderiam construir um livro. Um livro é uma “máquina de ler”, mas jamais se pode servir-se dele mecanicamente. Um livro se vende, se compra, se troca, mas não pode ser tratado como mercadoria qualquer, pois é ao mesmo tempo múltiplo e único, inumerável e insubstituível (ESCAIPIT, 1976, p. 3).

Escaipit (1976) salienta a função do livro enquanto suporte para leitura, mas ressalta que ele não deve ser definido apenas nessa perspectiva. Na colocação acima, o autor também apresenta elementos que subentendem a áurea simbólica presente na definição do livro, e no decorrer do livro apresenta uma definição mais pontual.

Para isso, reflete em seu texto sobre a definição do que é livro voltado para o suporte e tipo material, pois se pensarmos na sua função o livro já existe antes mesmo da invenção do papel, e Escaipit (1976) pontua que toda evolução que permeia o livro remete a ideia de difusão. Nessa compreensão do livro como difusor, Escaipit (1976) pontua:

O livro, por possuir sob a aparência de um frágil volume um conteúdo intelectual e formal de alta densidade, por circular facilmente de mão em mão, por poder ser copiado e multiplicado à vontade, é o instrumento mais simples que, a partir de um dado ponto, é capaz de liberar toda uma série de sons, imagens, sentimentos, ideias e elementos de informação, abrindo-lhes as portas do tempo e do espaço (ESCAIPIT, 1976, p. 3).

Escaipit (1976) ainda ressalta que “o livro permitiu a conquista do espaço”, o que possibilitou o progresso (ESCAIPIT, 1976, p. 4). Na leitura de Roger Chartier (1998), *A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*, o autor afirma que no contexto eletrônico a difusão ficou mais fácil e isso ampliou as possibilidades e espaço para discussão. Afirma também que não é o suporte que define que é livro, mas sim o leitor.

No livro *Não conte com o fim do livro*, no debate estabelecido entre Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, o primeiro, para defender a permanência dos livros na era tecnológica, cita vários exemplos sobre as tecnologias que existiam antes de uma nova grande invenção e não foram exterminadas, como é o caso do rádio e da televisão. Durante o debate, Eco (2010) afirma que todos os suportes anteriores tais como o papiro, o pergaminho e outros, antecederam a ideia de livro da atualidade, e conclui que não se conceitua livro fundamentando em seu suporte.

O livro apresenta uma discussão enriquecedora, e Eco (2010) afirma que os motivos que levaram à queima de livros ao longo dos tempos é o mesmo motivo pelo qual eles são colecionados, pois sua importância e o seu poder são reconhecidos.

Por meio da leitura de Philipp Blom (2003), foi possível entender que colecionar livros é uma atividade com diversos motivos, além de identificar quatro pontos de maior destaque no momento de justificar a presença do livro em uma coleção, que também podem ser entendidos como critérios que os colecionadores podem utilizar para inserir um livro em sua coleção: conteúdo temático, sentido simbólico, unicidade e conteúdo descritivo.

O **conteúdo temático** diz respeito ao tema abordado no livro; seu conteúdo propriamente dito. A temática do livro muitas vezes é motivo para compor uma coleção, e Blom cita o exemplo do colecionador que reunia tudo sobre memória, independentemente da área do conhecimento, dessa forma, todo livro que tinha por abordagem o tema memória ele inseria em sua coleção.

Outra característica encontrada foi o **sentido simbólico**, que envolve a aura alegórica e de sentimentos empregados pelo colecionador, e é geralmente relacionado ao porquê de ser colecionar e ao quê aquele livro representa para ele. Possui uma característica subjetiva, pois algumas vezes representa para o colecionador uma extensão de si, outras vezes retratam algum período de sua vida. Não precisa necessariamente ter alguma característica que a define como uma obra rara ou com um alto valor financeiro, mas pode ter pertencido a alguém importante para o colecionador e isso pode bastar para compor uma coleção particular. Enfim, o conteúdo simbólico está relacionado aos aspectos intrínsecos do livro.

Um fator constantemente citado nas leituras sobre colecionismo é a questão da **unicidade**. Alguns bibliófilos desejam algumas obras por conterem características únicas, singulares. Algumas obras são vendidas a preços astronômicos por conterem algum erro de impressão que só ocorreu na primeira edição; em outros casos, um texto foi escrito como uma frase a mais e nas impressões seguintes o erro foi corrigido, fazendo da primeira edição algo único.

Por fim, o **conteúdo descritivo** refere-se à data, local, título e outros, e que em alguns casos pode ser o fator principal para a obra estar presente na coleção, pois quando o assunto é coleção de livros, tais aspectos podem ser critérios para definir determinada obra como rara e se pode ou não compor algum acervo particular (BLOM, 2003).

Por meio dessas identificações, salienta-se uma questão pertinente: como um colecionador organiza sua coleção, e se a importância e o porquê de um livro estão inseridos naquele ambiente e não apenas no conteúdo temático. Nem sempre o colecionador utiliza ferramentas de classificação para organizar a coleção, e tal ordem interfere no contexto simbólico da coleção.

No panorama biblioteconômico, o conteúdo descritivo e temático está intimamente ligado à classificação, mas vale ressaltar que para os colecionadores pode representar ambientes diferentes, pois o que vale é a ordem estabelecidas por eles. Em alguns casos, como o bibliófilo Mindlin, que por meio do livro *Uma vida entre livros: Reencontros com o tempo*, faz um relato sobre a vida de colecionador e que para organizar seu acervo contava com a ajuda de uma pedagoga.

Após as ressalvas acima, voltemo-nos para o universo do colecionismo bibliográfico, e para que as facetas sejam melhores exemplificadas, utilizamo-nos das palavras de Blom (2003):

Os livros têm as conotações mais poderosas e sutis, pois **nunca são apenas objetos**, têm uma voz que falam através do tempo e das vidas, uma voz que só parcialmente depende de sua natureza material, e está expressa vigorosamente em seu texto (BLOM, 2003, p. 228, grifo nosso).

Na citação acima é possível entender a justificativa para duas facetas, a primeira sendo em relação ao *conteúdo simbólico*, pois a partir do momento em que ele é entendido como um objeto pode representar diversos significados, como, por exemplo, o livro pode ter pertencido a alguma personalidade de grande importância para uma determinada área que o colecionador valoriza, ou a obra pode ser relevante também porque estava presente no local em que ocorreu algum evento marcante. Tudo isso pode desencadear relações tangíveis e intangíveis que remetem a significados de âmbito psicológicos, políticos, culturais e sociais. Dessa forma, os livros passam a representar algo.

A segunda aponta para a questão do *conteúdo*, pois, por exemplo, uma obra de Machado de Assis apresentará a mesma história para diversas pessoas. O que muda é a forma de interpretar a narrativa e o que isso conseqüentemente representa para o indivíduo. Dependendo dos sentimentos despertados, podem constituir os motivos necessários para a obra compor determinado acervo.

Como visto brevemente, Blom (2003) contrapõe essa ideia de entender o livro como apenas um objeto, pois acredita que isso despreza o valor temático do livro. Entretanto, o objetivo no presente estudo é o panorama do colecionismo, em que os autores não veem os livros como apenas um mediador de informação, mas como itens expostos ao olhar para contemplação. Outro fator que também contribui para o livro ser abordado nessa perspectiva é o fato de que a coleção em questão encontra-se institucionalizada e os livros não são usados para consulta como os demais pertencentes ao acervo corrente, mas pelo fato de estarem reservados ao setor de obras raras estão restritos à observação, e quando consultados são voltados para pesquisa.

O autor pontua sobre a diferença entre colecionismo de bibliofilia:

Os colecionadores querem ter tudo o que pode recolher sobre um certo tema, e o que lhes interessa não é a natureza das peças isoladas, **mas a completude** de acelerar os tempos. O bibliófilo, ainda que trabalhe sobre um tema, espera que a coleção não se complete nunca, que sempre exista ainda alguma coisa a procurar. E às vezes pode se apaixonar por um belo livro que não tem nada a ver com seu tema (ECO, 2010, p. 50 grifo nosso).

O desejo pelo inacabado é mencionado na frase do autor e também colecionador. Sobre a diferenciação proposta pelo autor, pensamos que as duas definições podem se mesclar em alguns momentos, e para afirmar a hipótese basta pensarmos na seguinte suposição: se um bibliófilo que deseja sempre o objeto seguinte possui uma coleção de primeiras edições dos livros de Edgar Allan Poe, sua busca também abarca completar tal coleção. Ele está recolhendo materiais com uma temática específica, então, ele é um bibliófilo colecionador.

Destaca-se a frase “coleccionar é um modo de se re-apropriar de um passado que nos foge” (ECO, 2010, p. 50), pois para o autor, o indivíduo colecionador não esteve presente no período em que Gutenberg imprimiu a primeira bíblia, mas, o desejo em possuí-la, devido a sua importância histórica, faz com que a importância desse período seja fator predominantemente importante.

No entanto, em uma unidade informacional os critérios para seleção são diferentes e não podem ser fundamentados em subjetividades. Por meio da leitura de Vergueiro (1989) e Weitzel (2006) foi possível vislumbrar a necessidade e a importância de se criar uma política para seleção e aquisição de materiais, na qual está política muda de acordo com a característica da biblioteca, sendo pública, especializada, escolar, universitária e especializada.

Além da característica da biblioteca, Weitzel (2006) elenca os pontos que devem ser analisados para o desenvolvimento da coleção: “Estudo de comunidade, política de seleção, seleção, aquisição, avaliação e desbastamento e descarte” (WEITZEL, 2006, p. 17 e 18). Juntamente a esses critérios, a política de aquisição deve contemplar os objetivos da instituição e o fim social ao qual a instituição visa (WEITZEL, 2006).

Em sua obra *Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias*, Weitzel (2006) pondera sobre um estudo elaborado por Figueiredo (1981) sobre a utilização de políticas de seleção em bibliotecas brasileiras. O estudo também

apresentou que as faculdades de biblioteconomia no Brasil não apresentavam em sua grade curricular disciplinas que tratavam de políticas para desenvolvimento coleção.

A política, de acordo com Vergueiro (1989), é o instrumento que norteia o trabalho do bibliotecário, pois o crescimento do acervo será direcionado por ele. A vista disso, no contexto de uma de biblioteca, a coleção é formada fundamentalmente em objetivos que visam satisfazer metas com um fim voltado para a satisfação da comunidade e da instituição.

A leitura do estudo de Framanek (2005) e as pontuações destacadas nesta subseção sobre os colecionadores serviram também para a compreensão de alguns aspectos que levam indivíduos a formarem coleções particulares de livros. Também serviram para melhor visualizar a problemática, a dicotomia entre subjetividade individual e as políticas existentes em uma instituição no que tange o desenvolvimento de coleção.

Segue-se, então, a abordagem dos livros enquanto objetos.

1.4 O livro entendido como um objeto

Para dar continuidade à discussão, justifica-se nesta subseção o porquê, já que uma das nuances do presente trabalho é compreender o livro como objeto. Por meio das leituras ao longo do trabalho, encontraram-se estudos que analisam coleções, seja de livros ou de outros tipos de material, que adotam o item a ser analisado na perspectiva dos objetos, e como a coleção bibliográfica aqui abordada não será analisada somente de acordo com sua função utilitária, pensando na função do livro, que é portar e mediar informações, uma vez que se julgou interessante pensar nessa possibilidade.

Para entender o significado da palavra *objeto*, encontrou-se em Miller (2013) a fundamentação teórica inicial sobre o tema e, como já foi discorrido, os objetos que compõem uma vida social contribuem para a consolidação da sociedade e solidificam a cultura, pois: “A palavra cultura nos diz que as sociedades elaboram o que são e o que fazem de muitas maneiras. Pelo parentesco, pelo ritual **e também pelos objetos**” (MILLER, p.75, 2013, grifo nosso).

Pensando no sentido etimológico da palavra, de acordo com Moles (1972, p. 13 apud LAROUSSE) objeto significa “lançado contra, coisa existente fora de nós, coisa disposta

diante, com uma característica material: tudo o que se oferece à vista e afeta os sentidos”. O autor (1972) entende a diferença entre as palavras *coisa* e *objeto*, que de imediato podem ser entendidas como sinônimos, mas os significados são diferentes, e essa definição é apresentada de uma forma clara e objetiva. Basicamente tudo o que está a nossa volta consiste em ser *coisa*, e passa a ser *objeto* a partir do momento em que atribuímos funções a ela. No exemplo dado pelo autor, ele fala que uma pedra qualquer é uma *coisa*, torna-se *objeto* a partir do momento que é usada como peso de papel.

Observando tal conceituação é possível chegar a uma conclusão, “[...] um objeto tem uma característica, senão passiva, pelo menos submetida à vontade do homem. O objeto pode ser manipulado à nossa vontade [...]” (MOLES, 1972, p. 16). Quando destinados a funções essenciais do cotidiano humano, sua nomeação corresponde à função que exercerá. Os objetos, por vez, podem corresponder a uma forma de comunicação em que os objetos portados por um indivíduo pode transmitir uma mensagem à sociedade a qual este indivíduo pertence, simbolizando aquilo que ele representa.

Baudrillard (2004) discorre sobre a diferença entre *objeto* e outros itens presentes no cotidiano e afirma que os itens aleatórios contêm apenas a mediação prática, isto é, são usados de acordo para o que foram criados. Os *objetos* fazem parte de um sistema utilizado pelo indivíduo cuja finalidade é reconstituir uma totalidade privada, um mundo pessoal.

Para uma melhor compreensão, ele exemplifica que no contexto de uma coleção, uma garrafa, um copo, uma caneta, passa a ser um *objeto*: “Quando o objeto não é mais especificado por sua função, é qualificado pelo indivíduo: mas nesse caso todos os objetos equivalem-se na posse, esta abstração apaixonada” (BAUDRILLARD, 2004, p. 94). Pois é o sentimento de posse que agrega o objeto a organização do colecionador, e a relação existente entre o indivíduo e o objeto é que permite a definição do que de fato aquele item representa.

Para complementar a compreensão da definição de objeto estabelecida por Baudrillard (2004), observemos Moles (1972) que afirma que um objeto possui a característica de ser fabricados pela mão do homem e apresente a seguinte definição “É um elemento do mundo exterior fabricado pelo homem e que este deve assumir ou manipular”. Quanto ao significado de *assumir*, de acordo com dicionário de língua Portuguesa, é: “Tomar sobre si ou para si; evocar. 2. Chamar a si, assumir a responsabilidade de; ficar como responsável por. [...] Adotar, tomar; ostentar. 5. Vir a ter; adquirir, atingir, tomar. [...] 6. Admitir.” (AURÉLIO, 2013, p. 150).

Nessa dinamicidade, a palavra “assumir” remete-nos a uma diversidade de possibilidade em que o homem pode incorporar aquele item como parte de si, como uma extensão de si; pode assumir a responsabilidade sobre determinado item, como uma gama diversa de uso e finalidades; pode ostentar, utilizando o objeto para transmitir a ideia de posse; enfim, o termo apresenta um leque de abordagens.

Nesse contexto, observando mais profundamente a palavra “manipular”, de acordo também com o dicionário, é: “Preparar com a mão; imprimir forma a (alguma coisa) com a mão. [...] 4. Fazer funcionar; por em movimento; acionar” (AURÉLIO, 2013, p. 880). A palavra está etimologicamente ligada ao sentido do tato.

O objeto é capaz de exibir um significado sozinho ou em conjunto. Alguns possuem o significado de acordo com a função para qual foram elaboradas, mas outros apresentam sentido conotativo, subjetivo. O sentido de um objeto também pode ir mudando quando um novo item é inserido na coleção, alterando também todo o significado da coleção. É a questão do sentido circunstancial, o significado depende do sujeito.

Elaborando uma análise levando em consideração as classes sociais, Baudrillard (1972) apresenta uma análise da função social do objeto, levando em consideração as diferentes realidades de cada classe social. Sob a perspectiva do consumo, o autor faz uma abordagem sobre o uso do objeto enquanto imagem que define o que pessoa é no panorama financeiro, como uma ostentação de seu poder econômico.

[...] em suma, os objetos nunca se esgotam naquilo para que servem, e é neste excesso de presença que assumem sua significação de prestígio, que *designam* não mais o mundo, mas o ser e a posição social de seu detentor (BAUDRILLARD, 1972, p.46).

Os objetos são dinâmicos. Podem estender seu significado para além de sua utilidade, podem assumir um significado de acordo com o quem o possui. Na perspectiva de Baudrillard (1972), é conclusivo que os objetos encontram-se condicionados a significar algo, e refletindo em sua leitura, o autor separa em duas partes as possibilidades de interpretação dos objetos, sendo: “uso/prestígio, valor de uso/valor de troca simbólica” (1972, p. 47). Servem, então, como uma prova, uma reafirmação do “eu tenho”; do “eu sou”.

Prosseguindo com Baudrillard, o autor afirma: “Na sua função concreta o objeto é solução de um problema prático. Nos seus aspectos essenciais é solução de um conflito social ou psicológico” (BAUDRILLARD, 2004, p. 134). Para complementar o argumento, o autor cita Ernst Dichter, que diz que tal conflito pode ser tanto individual quanto coletivo.

Percebendo que as coleções podem ser uma forma de redenção para o indivíduo, seja psicológica ou social, percebe-se o motivo pelo qual muitas pessoas dedicam a vida a constituir coleções.

No entanto, é possível compreender também que tais objetos podem servir como um testemunho, pois tudo o que representa a sociedade que os fabricou está implícito em sua existência. Portam uma cultura em aspecto material e simbolizam a trajetória de vida do indivíduo que os adquiriu.

No caso em que os objetos se tratam se artefatos antigos, o autor fala em valor derivado, no qual o histórico da coleção, partindo desde sua fabricação até quem a possuiu, influência no seu significado atual. É como se a “memória social” dos objetos ressaltassem sua importância.

Então, um objeto membro de uma coleção não possui o significado restrito ao seu valor usual, pois sua função utilitária fica em segundo plano ou nem existe, e apresenta um significado simbólico que geralmente é compreendido apenas no seio da coleção a que pertence. Existe certa ligação entre o objeto e o indivíduo, como no caso de boa parte dos colecionadores de livros, entende-se que é possível compreendê-los como objeto, pois em uma coleção ficam restritos à admiração, expostos ao olhar e não são usados.

Pomian (1984) entende que quando o assunto é biblioteca o caso se torna um pouco mais complicado, e nesse contexto ele afirma:

Acontece de facto que os livros são tratados enquanto objectos, isto é, que se colecionam as belas encadernações, as obras ilustradas, etc. Neste caso, o problema não existe, como não existe quando uma biblioteca desempenha a função de arquivo ou quando contém apenas obras de entretenimento. Existem todavia bibliotecas que recolhem unicamente livros de onde se extraem as informações necessárias ao exercício das actividades económicas; estas bibliotecas não podem então ser assimiladas às colecções (POMIAN, 1984, p. 53)

Em pesquisas anteriores, como em Santos (2011) e Santos e Albuquerque (2010), constatou-se que os livros pertencentes à coleção que é objeto de estudo da presente pesquisa se tratam de obras raras e estão armazenados na biblioteca com o acesso extremamente restrito, e acredita-se que é possível compreender e analisar tais livros como objeto.

Não é possível compreender um livro enquanto objeto se analisado apenas um livro. Convém refletir no ponto de vista de Moles (1972), que afirma que para compreender o motivo da coleção é necessário conhecer a causa originária da coleção. Os objetos pertencentes a uma coleção fazem parte de um sistema e cada item desempenha uma função que alimenta esse sistema (MOLES, 1972).

Portanto, um livro pode ser compreendido como um objeto porque está contido em uma coleção e sua função é a exposição. Logo, caso fosse apenas utilizado para portar informações, isso não seria possível, mas as obras aqui analisadas estão contidas no setor de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal do Mato Grosso, cujo acesso é restrito e só permitido na presença de bibliotecário ou outro funcionário da biblioteca.

Antes de trabalharmos o conceito de memória para então estabelecer as relações, será apresentado o conceito de semióforo, pois em alguns aspectos tal conceito se assemelha ao conceito de objeto e é comumente abordado em estudos que trabalham a memória presente em suportes materiais. Dada a importância de tal conceito foi que se julgou necessária sua abordagem, pois o método do estudo de caso permite estabelecer várias relações por meio da preposição teórica. Portanto, durante a análise de dados os conceitos serão retomados visando identificar o que melhor interpreta a coleção Amidicis Tocantins no sentido de representar a memória coletiva.

1.5 Coleção: o conceito de semióforo

Vale refletir sobre o conceito de *Semióforo* em Pomian (1984). Ademais, antes de nos aprofundarmos nesse conceito, cabe observar o ponto de vista de Baudrillard (2004) referente à função de um objeto inserido na coleção e sua relação com o indivíduo.

Baudrillard (2004) compreende que a questão da autonomia para o autor um objeto é livre quando inserido em uma coleção, pois o indivíduo o interpreta da forma que julga necessário para satisfazer suas necessidades. É autônomo pelo fato de ele ser dispensado de sua função prática, isto é, desprendido da função para a qual foi criado; e livre para ser, conter e representar o significado que o colecionador deseja.

Os objetos são capazes de se movimentarem e testemunhar tanto o espaço funcional quanto do espaço psicológico (BAUDRILLARD, 2004). O conceito de autônomo é

compreendido como independência do objeto em relação ao homem, sendo possível ele, enquanto item autônomo, despertar no indivíduo sentimentos e lembranças.

A questão de autonomia colocada pelo autor é compreendida como se os objetos pudessem despertar por eles mesmos algo nos indivíduos, mas no panorama atual alguns teóricos também abordam a forma como os itens de consumo dominam o ser humano.

Como expressa Baudrillard, “o mundo é adquirido” (2004, p.35), e nesse contexto, o espaço, as relações pessoais e os objetos a nossa volta podem contribuir para representar no futuro tudo o que foi vivenciado no passado. Antes de nos aprofundarmos nesse ponto, vale pensar que na perspectiva da Cultura Material que os objetos representam o contexto em que o indivíduo viveu, o que ele era, seus gostos e costumes. Vale pensar no filme *Clube da luta* dirigido por David Fincher, baseado no livro de Chuck Palahniuk. O personagem central da trama, submerso no consumismo, faz a seguinte declaração:

Se eu visse qualquer coisa legal como uma mesinha de café no formato de yin-yang, por exemplo, tinha de comprar. O conjunto de escritório Klipsk. A bicicleta ergométrica Hovetrekke. Ou o sofá Ohamshab de listras verdes. Ou até mesmo a cúpula de abajur Ryslampa de papel biodegradável. Eu folheava os catálogos e me perguntava “**Que tipo de porcelana me define como pessoa?**” Tinha de tudo, até mesmo pratos de vidro, com pequenas imperfeições, prova que foram forjados por trabalhadores indígenas simples e honestos, sei lá de onde. Costumávamos ler pornografia. Agora era catálogo de loja (CLUBE DA LUTA, 05min42, grifo nosso).

O exemplo do filme *Clube da luta* foi para melhor vislumbrar e exemplificar a abordagem de Baudrillard (2004), em que as pessoas adquirem itens nos quais elas acreditam representar aquilo que são. Os objetos são adquiridos para qualificar a pessoa no ambiente social, e muitas vezes a preocupação com o valor usual fica em segundo plano, pois os itens adquiridos são importantes para definir o *status* do indivíduo.

Então, os objetos representam algo que dentre as diversas representações subjetivas, o que pode ser destacado aqui por meio das leituras, está envolvido tanto para definir a classe que o indivíduo se enquadra quanto o que ele deseja expor para as pessoas, independentemente de sua classe.

Pomian (1998) compreende que os objetos visíveis são divididos em cinco partes: “os corpos, os restos, as coisas, os semióforos e as médias (POMIAN, 1998, p. 81). Reflitamos, então, no conceito de semióforo trabalhado por Pomian (1984, 1998), compreendido como

um objeto dotado de significado que não apresentam utilidade usual e contém um significado implícito. E o autor afirma:

De um outro lado estão os *semióforos*, *objectos que não têm utilidade*, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são *dotados de um significado*; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura (POMIAN, p.71, 1984).

Por meio da fala do autor é possível constatar certa semelhança com os significados de objetos trabalhados até o presente momento. Tal significado do termo remete também à comunicação. É como se os itens, entendidos como objetos, fossem capazes de se comunicarem, transmitissem uma mensagem que remetesse a algo subjetivo. Os semióforos, em Pomian (1984), são repletos de significados e não são tocados; a relação que o indivíduo mantém é somente visual.

Ao trabalhar a questão da necessidade de uma terminologia para abordar a questão do objeto com significado, Pomian (1998) ressalva que a formulação de semióforo não intenta apenas a criação de um neologismo, mas abarcar objetos que possuem um significado e que desempenham o papel de canal entre o visível com o invisível. Os objetos classificados como semióforos podem ser diferentes em sua estrutura física, mas possuem a mesma função.

Convém ressaltar a abordagem elaborada por Pomian:

O semióforo desvela o seu significado quando se expõe ao olhar. Tiram-se assim duas conclusões: a primeira é que um semióforo acede à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração; a segunda, mais importante, é que a utilidade e o significado são reciprocamente exclusivos: **quanto mais carga de significado tem um objecto, menos utilidade tem, e vice-versa.** (POMIAN, 1984, p. 72 grifo nosso).

Por meio da fala do autor, entende-se que um semióforo não apresenta nenhuma utilidade, está ausente de utilidade e repleto de significado subjetivo. A definição do autor baseia-se no âmbito museal e representa aqueles objetos exposto ao olhar. O objeto quando exposto ao olhar está ali para substituir ao invisível, e necessita de auxílio, de “uma maneira derivada” para expor e tratar as questões invisíveis no presente (POMIAN, 1998, p. 80).

Complementando a compreensão de semióforo, convém analisar a definição apresentada por Chauí (2006), que se pode julgar como uma definição detalhada e um complemento ao conceito de Pomian (1984). Para a autora, um semióforo é:

[...] um acontecimento, um animal, um objeto, uma pessoa ou uma instituição retirados do circuito do uso ou sem utilidade direta e imediata na vida cotidiana porque são coisas providas de significação ou de valor

simbólico, capazes de relacionar o visível e o invisível, seja no tempo, pois o invisível pode ser o sagrado (um espaço além de todo espaço) ou o passado ou o futuro distantes (um tempo sem tempo ou eternidade), e expostos à visibilidade, pois é nessa exposição que se realizam sua significação e sua existência (CHAUÍ, 2006, p.12).

De imediato, já é percebido a abrangência que a definição da autora contempla, pois colocar itens com vida, eventos e outros torna possível compreendê-los como um portal, capaz de transportar o indivíduo por tempos remotos, tudo isso simplesmente por sua existência.

Continuemos com a definição apresentada por Chauí, em que ela complementa que semióforo:

É um objeto de celebração por meio de cultos religiosos, peregrinações a lugares santos, representações teatrais de feitos heróicos, comícios e passeatas em datas públicas festivas, monumentos; e seu lugar deve ser público: lugares santos (montanhas, rios, lagos, cidades), templos, museus, bibliotecas, teatros, cinemas, campos esportivos, praças e jardins, enfim, **locais onde toda a sociedade possa comunicar-se celebrando algo comum a todos e que conserva e assegura o sentimento de comunhão e de unidade** (CHAUÍ, 2006, p.12 grifo nosso)

Quando se trata de livros como um semióforo é em Pomian (1998) que a leitura será iniciada, pois ao autor afirma que o livro presente em uma prateleira ou em uma estante apresenta razões para estar lá, e essas razões devem estar em parceria com a função do livro. Em vista disso, ele pontua: “Ser semióforo é uma função que o livro só conserva quando se adota face a ele uma das atitudes programadas pela sua própria forma: quando o lermos, quando o colocamos nas prateleiras da nossa biblioteca, de uma livraria, de uma loja alfarrabista” (POMIAN, 1998, p.77).

Pomian (1998) considera que até mesmo um livro que não será lido pode ser classificado como semióforo, pois quando guardado por sua preciosidade ou qualquer outra peculiaridade o livro pode ser considerado um semióforo. O autor também cita insere nesse grupo de livro como semióforo aqueles que foram queimados, destruídos com objetivo de destruir o grupo ao qual pertenciam (POMIAN, 1998). O livro deixa de ser semióforo quando sai da prateleira e é usado como encaixe de uma mesa; nesse contexto ele passa a ser *coisa*.

Outro ponto que deve ser ressaltado: “É verdade que a própria aparência de um livro sugere que foi produzido para ser lido ou olhado. Mas isso não basta para ser atualmente um semióforo, se ninguém for capaz de lhe reconhecer capacidade de exercer essa função” (POMIAN, 1998, p. 77).

O livro não apresenta função usual, entretanto, contém um mar de significados. Essa ponte constituída pelo semióforo entre o visível e o invisível relega a ele a capacidade de transportar o indivíduo para um espaço dinâmico, sem as amarras do tempo ou espaço, independentemente se é no passado, presente ou futuro. Pensando na possibilidade de um semióforo ser a ponte entre o passado e o presente de um indivíduo, é válido observar se os colecionadores já se desfrutaram desse ponto, como foi discorrido acima, no texto *Desempacotando minha biblioteca* de Benjamin (1987). É possível prosseguir em tal análise, pois por meio do relato do autor o livro, pode evocar lembranças.

No mundo mental dos colecionadores, cada peça representa algo único, construindo por vez, fortalezas de lembranças (BLOM, 2003), e dessa forma os colecionadores estabelecem seus próprios modos de colecionar. É possível observar o significado de *Teatro da memória*, comentado por Blom (2003), pois em determinados momentos as coleções desempenham essa função, representando algo para quem as coleciona, uma encenação particular e significativa. Assim, Blom (2003) afirma que:

Cada coleção é um teatro da memória, uma dramatização e uma misencène de passados pessoais e coletivos, de uma infância relembrada e da lembrança após a morte. Ela garante a presença dessas lembranças por meio dos objetos que as evocam. É mais do que a presença simbólica: é uma transubstanciação. O mundo além do que podemos focar está dentro de nós e através delas, e por intermédio da comunhão com a coleção é possível comungar com ele e se tornar parte dele (BLOM, 2003, p. 219).

Blom (2003) entende as coleções como um teatro de memória. Dotada de representatividade, as coleções entendidas como um semióforo podem também servir como uma ponte entre uma lembrança e o indivíduo por meio da representatividade implícita; são capazes de evocar lembranças e fatos, pois por serem submetidas à vontade de quem as colecionou estão carregadas de expressões sociais.

No decorrer das leituras sobre o estudo de colecionismo no Brasil encontramos Murguia (2007), que devolve um trabalho sobre o colecionismo bibliográfico visando compreender o livro como um semióforo. Por meio de seu texto publicado no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, 2007, no qual são apresentadas algumas considerações prévias sobre seu estudo, o autor afirma que o colecionismo de livro deve receber atenção, pois coletar livro imbrica motivações além da obtenção do conhecimento.

Sobre essa perspectiva, para introduzir o tema o autor faz um relato sobre Coleção e Coleccionismo, a relação entre a Biblioteconomia e as Coleções bibliográficas e o livro como um objeto com significados para além da informação. O autor considera que o livro como semióforo pode ser dois tipos simultaneamente, sendo textual e expositivo. E complementa que é no momento da exposição que o livro pode adquirir “valores afetivos, utilitários e emblemáticos, etc.” (MURGUIA, 2007, p. 12).

O autor ainda afirma que por meio da coleção de livros semióforos é possível construir “um espaço evocativo, comemorativo e recordatório do coletador”, pois é necessário que o livro perca o seu poder informativo e torna-se um símbolo. Essa ideia é colocada pelo autor, já que compreendendo o livro com um símbolo é possível recriar a origem de sua coleção e toda a lembrança envolta na coleção. O autor pontua que esse caminho pode solucionar os problemas no trato dessas coleções nas instituições (MURGUIA, 2007, p. 12).

Se os livros, pensando em sua temática, apresentam uma forma de conhecimento, contidos em uma coleção podem representar outro tipo de conhecimento. Quando entendidos como um objeto, estão dispostos a um constante paralelo: o do utilizável e do não usual, entendido como um objeto e exposto ao olhar. Tal dialética se desfaz, e só a questão do não usual prevalece, passando a representar uma ligação com o intangível. Essa capacidade de se ligar com o intangível é apresentada e entendida por Pomian (1987) como uma função do semióforo.

Contudo, julgou-se necessário trabalhar tais conceitos, pois são de grande contribuição para as discussões propostas no presente trabalho. As discussões teóricas prosseguem com a explanação sobre a definição do conceito de memória e seus desdobramentos.

2 O CONCEITO DE MEMÓRIA

Após as corroborações acima sobre coleção e suas dimensões, inicia-se neste capítulo as discussões em torno do conceito de memória, abordando as definições trabalhadas pelos teóricos que estudam o fenômeno e apresentando o que contempla o objeto de estudo da presente pesquisa. As subseções pertencentes a este capítulo abordam a presença da memória coletiva na sociedade, o conceito de lugar de memória e memória literária.

Por meio do estudo de Oliveira e Ribeiro (2011), no qual as autoras analisam o uso do conceito de memória na Ciência da informação, é possível compreender que o interesse em estudar o conceito na área se deu quando a Ciência da Informação, em 1950, definiu o objeto de estudo como sendo a informação, com isso foram ampliados os estudos na área e gerou as possibilidades de relação com outras áreas do conhecimento.

As autoras pontuam que para o campo da Ciência da Informação o interesse em estudos sobre a memória é de grande importância devido ao trato efêmero para com as questões de ordem ideológicas. Pois cabe a Ciência da Informação compreender e explicitar a concepção de memória para a área e a importância desses estudos para os processos de informação (OLIVEIRA E RIBEIRO, 2011).

As autoras elaboraram um recorte temporal para analisar o conceito, de 1972 a 2005, e analisaram as teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIs) do Brasil, artigos e periódicos em Ciência da Informação, Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), e a base de dados Library and Information Science Abstracts (LISA). Oliveira e Ribeiro (2011) apresentam um total de 203 documentos. Por fim, as autoras constataram um crescimento do estudo a partir de 1990 e mesmo assim, salientam que o conceito de memória ainda não foi trabalhando de forma efetiva na Ciência da Informação.

Na presente pesquisa, algumas leituras foram realizadas para a compreensão da profundidade do conceito. Utilizando de sociólogos e historiadores a fim de analisar o conceito trabalhado por eles na perspectiva da Ciência da Informação. As autoras apresentam três tipos de abordagens dadas aos conceitos de memória estudados na área: a memória mental, a memória das máquinas e a memória social.

O foco da presente abordagem será no panorama social, e os principais teóricos que conceituam e se preocupam com a dinâmica da memória serão revisitados, perpassando desde os teóricos Pierre Nora e Henri-Pierre Jeudy, o historiador Le Goff e o filósofo Paul Ricouer até os estudos atuais que trabalham o conceito de memória aplicado a algum objeto de relevância social.

Por meio da sintetização das leituras que visam conceituar memória, é possível entendê-la como algo vivo, dinâmico, mutável, maleável, que pode ser moldada conforme o local que a recebe; está presente em grupos vivos "aberta a dialética da lembrança e do esquecimento" (NORA, 1981, p.09).

Sujeita à constante alteração, uma vez que se encontra sobre a influência do ambiente ao qual pertence, isso a caracteriza como atual e pertencente ao presente. Alimenta-se de lembranças soltas que se apresentam em ambientes coletivos, e formulada no campo mental busca ser a mais objetiva possível, com fragmentos por vezes subjetivos.

Entendida por Santos (2013) como “uma forma de pensamento que se volta para a recuperação do passado [...]” (p.10), a autora complementa que esse processo apresenta uma gama de possibilidades e afirma que “a memória é a construção ativa do passado” (SANTOS, 2013, p.10).

A memória possui também algo de acidental, de circunstancial, ela não é apenas um meio de consagrar a continuidade, a duração ou ainda criar vínculos. As imagens do passado mantêm-se instáveis e a forma através da qual se recria a origem trai necessariamente seus próprios efeitos de desaparecimento, de evanescência (JEUDY, 1990, p. 51).

A ideia de memória enquanto um meio para a continuidade é constantemente vinculada aos estudos que abordam as origens dos povos, sendo esta apontada como algo que necessita ser recuperado e valorizado, pois a memória, quando pensado nesses casos, serve para nortear o modo de vida atual que compõe os membros do grupo, fornecendo também sentido para a manutenção e reconstituição da identidade. Jeudy (1990) afirma que esse ato de pensar na identidade cultural de uma etnia “é uma maneira estética de demonstrar o reconhecimento à ideia comunitária quando esta é desprovida de seu sentido vivo” (JEUDY, 1990, p.91). A finalidade de tudo isso é que a sociedade possa compreender que essa prática visa a reconstrução da existência de civilizações variadas e essa reconstrução ocorre por meio da conservação de signos que caracterizam determinada cultura desses povos, extintos ou não.

A memória possui uma seletividade, e alguns fatos podem ser ressaltados e outros esquecidos. Santos (2013) afirma que para serem recuperados os fatos foram anteriormente “adquiridos e armazenados”, e esse processo implica uma seletividade de fatos em que nem sempre a relevância do acontecimento é critério de seleção devido à tamanha complexidade da memória. Pois como pontua a autora, “há várias formas de lidar com o passado e que todas elas envolvem interesse, poder e exclusão” (SANTOS, 2013, p. 44).

Le Goff pondera o conceito de memória, pensando esse como:

[...] propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990, p. 423).

A memória inicia-se no campo mental, para então se externalizar. Por estarem no presente, essas impressões das quais Le Goff (1990) fala, quando atualizadas, sofrem influência do presente e podendo ser alteradas e ou complementadas. Nesse momento de atualização, de compreensão do passado, Santos (2013) salienta que fatos relevantes podem ser esquecidos e fatos que não ocorreram podem ser evocados, pois a atualização responde a necessidades do presente.

Nessa retrospectiva é possível obter conhecimento e pode ocorrer “uma renovação de sentimentos reprimidos” (SANTOS, 2013, p. 35). Durante o processo de atualizar informações, o homem pode interagir com outros sujeitos ou atualizar impressões por meio de rastros (RICOUER, 2007).

Em Ricouer (2007), um dos primeiros pontos a ser trabalhado pelo autor é a memória como uma forma de ter acesso ao passado. Pensando em uma perspectiva cartesiana, o autor também apresenta os autores que se preocuparam com a memória em estudos remotos, pois acreditavam que a “memória, quando reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação” (RICOEUR, 2007, p.25). O ponto comum entre as duas é a “presença do ausente”, ligadas de forma contínua, e “evocar uma – portanto, imaginar – é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela” (RICOEUR, 2007, p.25). A evocação, por vez, é associada à imaginação, mas o autor apresenta argumentos claros e objetivos a respeito da diferença entre as duas:

[...] a da imaginação, voltada para o fantástico, a ficção, o irreal, o possível, o utópico; a outra, a da memória, voltada para a realidade anterior, a

anterioridade que constitui a marca temporal por excelência da coisa lembrada, do ‘lembrado’ como tal (RICOEUR, 2007, p.26).

Mas quando se pensa no fator imaginação e memória, é visível a proximidade entre ambas, e uma questão paira sobre esse paradoxo. É possível que uma mente confunda algo que não ocorreu com lembrança? Não se tratando de esquizofrenia, tal equívoco pode ocorrer e é explicado por Paul Ricoeur (2007) como algo que pode acontecer no momento da rememoração em contrapartida com o reconhecimento da impressão, assim, devaneios falaciosos podem surgir na interação desse paradoxo. A distância temporal também é outro fator que as distingue.

Nesse seguimento, ainda na leitura de Paul Ricoeur (2007), com foco na definição do que é a memória, esta pode ser pensada enquanto uma referência ao passado, e o autor afirma que a memória “[...] é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar” (RICOEUR, 2007, p. 40).

Por conseguinte, o passado contido no momento da evocação diz respeito a algo que foi vivenciado, aprendido, desde que tenha afetado anteriormente o indivíduo que recorda de forma direta. Nessa perspectiva de volta ao passado, Ricoeur (2007) estabelece uma diferença entre uma evocação simples e esforço de recordação, em que a primeira consiste “na simples lembrança sobrevém à maneira de uma afecção, enquanto a recordação consiste numa busca ativa” (RICOEUR, 2007, p. 37). O autor fundamenta-se em Aristóteles, que estabelece a diferença entre *mneme* e *anamnesis*, para pontuar a afirmação acima.

Alguns conceitos são tidos como semelhantes; alguns, principalmente no senso comum, são compreendidos como sendo sinônimos à memória. Ricoeur (2007) estabelece alguns pares de oposição e cabe aqui ressaltá-los.

O primeiro é *hábito* e *memória*, que o autor pondera como

[...] o hábito, essa aquisição está incorporada à vivência presente, não marcada, não declarada como passado; no outro caso, faz-se referência à anterioridade, como tal, da aquisição antiga. Nos dois casos, por conseguinte, continua sendo verdade que a memória ‘é do passado’, mas conforme dois modos, um não marcado, outro sim, da referência ao lugar no tempo da experiência inicial (RICOEUR, 2007, p. 43).

Outra oposição terminológica e conceitual estabelecida pelo autor é sobre *evocação* e *busca*. A busca seria o esforço para se recordar e por evocação compreende-se como “o aparecimento atual da lembrança” (RICOEUR, 2007, p. 45).

A busca, a evocação, a memória e o hábito são afecções do presente, cuja dinâmica e desenvolvimento ocorrem somente no presente, bem como todas as modificações que elas podem sofrer. E “enquanto surge sempre um novo presente, o presente se torna um passado e, assim, toda a continuidade de escoamento dos passados do ponto precedente ‘vai caindo’ uniformemente na profundidade do passado” (HUSSERL, 10, p.43 apud RICOUER, 2007, p. 51).

Um fato que ocorre agora logo em seguida passa a ser passado, e tal fato pode ser ou não apreendido em um futuro na forma de uma lembrança, utilizando ou não esforço para tal. Compreendida em um contexto mais íntimo, isto é, voltada para a interioridade do indivíduo, e que Paul Ricoeur (2007) nomeia de “minhadade”, a memória foi estudada nessa perspectiva durante anos por três grandes estudiosos: Santo Agostinho, John Locke e Husserl.

Tais estudiosos compreenderam que a relação mais certa que um sujeito possui com o passado é sua memória. Partindo desse ponto, é facilmente compreensiva a questão defendida por alguns autores que toda memória é individual, pois quando o indivíduo volta ao passado, esse processo é puramente mental, contendo impressões e sentimentos do sujeito que lembra. Para melhor explicar o contexto da interioridade é necessário iniciar a reflexão na análise da obra de Santo Agostinho cunhado por Ricoeur (2007).

Aristóteles pontuou que “a memória é passado”, e essa afirmativa foi retomada com mais convicção por Santo Agostinho. É reflexo da compreensão de que a memória é “radicalmente singular: minhas lembranças não são suas” (RICOUER, 2007, p. 107), afirmativa que anula completamente o espaço social. Nessa perspectiva, “não se pode transferir as lembranças de um para o outro” (RICOUER, 2007, p. 107), e pensamos também que no âmbito desta afirmação os lugares de memória⁴ são ineficazes e até mesmo inexistentes.

Outro ponto que reafirma o ponto de vista de “minhadade da memória” como algo puramente individual é “Enquanto minha, a memória é um modelo de minhadade, de

⁴O conceito será trabalhado mais à frente.

possessão privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito” (RICOUER, 2007, p. 107). Além dessa singularidade presente na memória, Ricouer (2007) identificou mais traços importantes que abarcam essa perspectiva individual, sendo: “A memória é do passado e esse passado é meu”. As afirmativas retiradas do texto do autor objetivam bem o que a “minhadade” aborda. No contexto mais *self*, a memória anula ou não leva em consideração todos os possíveis resquícios externos que contribuem para completar possíveis lacunas.

Outro traço relevante é a memória compreendida como um vínculo que possibilita uma consciência da existência do passado, possibilitando também o sentimento de continuidade temporal, “a capacidade de percorrer, de remota no tempo, sem que nada, em princípio, proíba prosseguir esse movimento sem solução de continuidade” (RICOUER, 2007, p. 108). A consciência temporal, como discorrido anteriormente, foi um dos argumentos utilizado pelo autor na diferenciação entre imaginação e memória.

O terceiro e último traço abarca a memória como aquela que promove o sentido direcional, isto é, como aquela que “orienta a passagem do tempo” (RICOUER, 2007, p. 108). Santo Agostinho direciona todo seu argumento na perspectiva religiosa, pois ele acredita que Deus é buscado primeiramente na memória.

O teórico analisado apresenta grande admiração pelas competências da memória e afirma “[...] de fato é dado à memória lembrar-se sem alegria da alegria, sem tristeza da tristeza. Segunda operação maravilhosa: ao se tratar das noções, não são apenas as imagens das coisas que voltam ao espírito, mas os próprios inteligíveis” (RICOEUR, 2007, p. 110).

O esquecimento também é trabalhado por Santo Agostinho, compreendido como algo que sepulta as lembranças. E, quando algo na rememoração é reconhecido, este é tido como vitória sobre o esquecimento, pois “[...] é a memória que testemunha a existência do esquecimento”. Nessa perspectiva o autor pontua que “é a memória é que retém o esquecimento” (X, XVI, 24 apud RICOEUR, 2007, p.111).

No alcance da compreensão de que “a memória é presente do passado”, Santo Agostinho articula a questão da interioridade respaldando-se na medida do tempo percebida pelo indivíduo em contrapartida com o tempo do mundo (RICOUER, 2007).

Prosseguindo agora com Locke (apud Ricouer, 2007), que não coloca o cristianismo como foco central e é percussor das seguintes noções *identity*, *consciousness* e *self*, em que

tais conceitos fazem parte da teoria da consciência cunhada pelo autor. Dessa forma, “a pessoa, para Locke, é identificada unicamente pela consciência [...]” (RICOEUR, 2007, p. 114). Para o autor analisado, a consciência está junto do pensamento e isso faz com que cada indivíduo reconheça o seu “si” e se diferencie dos demais seres que pensam através desse método (RICOEUR, 2007).

Cabe-nos citar um ponto que tangencia a relação estabelecida por Locke com a memória: “consciência e memória são uma única e mesma coisa, independentemente de um suporte substancial. Em síntese, tratando-se da identidade pessoal, a *sameness* equivale à memória” (RICOEUR, 2007, p. 116).

O terceiro e último olhar interior que Ricouer (2007) aborda é o de Husserl, perpassando pelas leituras de Kant e Fichte, e volta a trabalhar o conceito de *cogito* cunhado por Descartes. Sua abordagem se assemelha à pontuação elaborada por Santo Agostinho, e o autor defende a tese de que não há intervalos entre tempo e consciência.

Nessa releitura de Ricouer (2007) foi possível compreender a forma como a memória voltada para a interioridade do indivíduo ocorre, pois o processo mental do indivíduo de volta ao passado está relacionando a uma submersão em sua consciência. No entanto, todo o processo de revocar pode servir-se de fragmentos materiais para ocorrer, na qual se alimenta do espaço social.

Cabe pontuar uma observação de Santos (2013) referente aos estudos sobre memória, cunhados na perspectiva social. Pois quando trabalhando nesse panorama apresenta outros conceitos que são compreendidos como sinônimos à memória social, sendo “tradição”, “traços de memória” e outros. A autora pontua “Esses conceitos representam não só diferentes abordagens de um mesmo fenômeno, como também explicam diferentes fenômenos indistintamente classificados como memória” (SANTOS, 2013, p.49).

A observação de Santos (2013) casa com a apresentação dos pares de oposição proposto por Ricoeur (2007). Ambas as colocações são entendidas como uma maneira de explicitar a complexidade da memória. A vista disso, segue uma observação elaborada por Santos (2013):

Na procura de definição do que seja “memória”, os conceitos explicam seu funcionamento, seu processo criador, suas ligações com a esfera

social, com o poder, com o inconsciente, seja ele individual ou coletivo. Poucos deles, no entanto, consideram os muitos significados que a memória pode ter (SANTOS, 2013, p. 49).

A discussão respaldou a compreensão do conceito de memória, que será importante para o entendimento da definição de memória coletiva e o que de fato consiste em ser lugar de memória e memória literária.

2.1 A memória coletiva e suas manifestações

No panorama social, as pessoas constroem seus laços afetivos pautadas em diversos fatores, sendo por vínculo empregatício, escolar, emocional, familiar e outros. Todas as relações ocorrem no espaço social. Os atos individuais se mesclam e quando encontram um ponto comum, ou são pertencentes a um mesmo fato, configuram-se em representatividade coletiva.

O estudo do teórico Émile Durkheim (2007) aborda a questão social pensada organicamente, pois para o autor existe algo superior ao indivíduo que o condiciona a determinadas funções, no caso a sociedade, sendo que o indivíduo está condicionado ao que a sociedade estabelece.

Pautado nessa visão Durkhemiana, Maurice Halbwachs (2003) desenvolve a teoria sobre memória coletiva. Entendendo toda memória como memória coletiva, o autor fala que a recordação ocorre também por meio de outros, pois para o autor nós nunca estamos sozinhos, fazendo com que toda a recordação tenha resquício de alguém.

Isso explica porque o autor acredita no homem enquanto ser social, pois todas as imagens que possuímos do mundo foram construídas socialmente. No plano cognitivo, quando o indivíduo recorda sozinho um fato, o autor afirma que as pessoas não precisam estar presentes no sentido físico, pois as marcas já fazem parte do indivíduo.

Quando o indivíduo está acompanhado no sentido físico significa que ele possui um testemunho e é capaz de auxiliar o indivíduo que lembra no momento da evocação, preenchendo lacunas presentes nas lembranças ou até mesmo fornecendo suportes para a construção de imagens sobre determinado fato. Nomeiam-se imagens, pois só é possível

evocar uma lembrança quando se esteve presente no momento em que o fato ocorreu. Caso contrário, os fatos relatados se tornam imagens vivas somente na mente do indivíduo (HALBWACHS, 2003).

Um ponto relevante e bastante curioso na teoria de Halbwachs (2003) é a afirmação de que a memória individual não é condição necessária para o reconhecimento de uma lembrança. Ele acredita que a memória individual foi suprimida pela memória coletiva, e nessa perspectiva, para que a memória seja reconhecida e reconstruída, o autor afirma que é preciso que os indivíduos convivam em uma mesma sociedade, pois a memória sustenta-se através dos pontos comuns existentes entre os indivíduos (HALBWACHS, 2003).

Quando o grupo vai se distanciando e se mesclando com outros grupos, o autor afirma que a memória tende a se enfraquecer, uma vez que as nossas memórias se apoiam nas dos outros para se solidificar e se sustentam nos pontos em comum construído socialmente.

Pierre Jeudy (1990) afirma que a sociedade necessita de ruínas, pois as pessoas não vivem a cultura, mas estão e precisam ficar diante dela. Nessa perspectiva é que os lugares de representação da memória coletiva são criados. Observemos uma pontuação contundente: “Assim, como todo indivíduo viveria mal sem memória, também uma coletividade precisa de uma representação constante de seu passado” (JEUDY, 1990, p.06). O teórico afirma que a sociedade necessita de um fio condutor e investe seus argumentos direcionados ao patrimônio cultural, no entanto, ele afirma que o patrimônio é uma representação da memória coletiva.

Ademais, o autor discorre que a sociedade está atingida pelo “complexo museófilo” e pontua: “Coletar objetos, prepará-los, reunir relatos e imagens que evocam aspectos da vida passada são atos produtores de uma simbolização ativa e reproduzível ao ‘infinito’” (JEUDY, 1990, p.14). O autor afirma que tudo isso é uma forma de conservação; que a história se abastece de materiais de conservação e esse costume se estendeu à vida privada. Complementa falando que esse ato se tornou comum e está longe de se acabar. É pertinente ressaltar:

O desejo de criar as imagens de uma memória coletiva, partilhável, torna necessária a pluralidade e a convergência dos relatos de vida. Os traços mnésicos de um sujeito confrontando-se com outros, forjando a representação idealizante de um intercâmbio coletivo das memórias (JEUDY, 1990, p.14).

Jeudy (1990) pensa a memória coletiva como um edifício construído com memórias individuais, pois o autor acredita na convergência das memórias individuais como base primordial para a formação da memória coletiva, e o respaldo físico se dá por meio dos documentos e relatos de vida (JEUDY, 1990).

Como iniciado anteriormente, o conceito de memória coletiva trabalhado por Halbwachs (2003) aborda a relação deste com a memória individual, pois o autor afirma que a memória, mesmo que individual ela é coletiva, pois está sempre ligada com o grupo ao qual pertence, e o indivíduo para evocar lembranças se relaciona direta ou indiretamente com as pessoas ao seu redor, e ressalta-se o ponto em que o autor diz:

Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser construída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2003, p. 39).

A memória coletiva sobrevive enquanto o grupo vive, pois a coletividade está na consciência do indivíduo, faz parte dele enquanto essência do ser. As referências que sustentam a memória coletiva são feitas no presente, que como discorrido, influenciam e complementam as lembranças. Experiências sociais e individuais construídas no espaço social também respaldam a memória coletiva, pois os locais de interação promovem o convívio em que é possível efetuar sua reconstrução das lembranças.

Desenvolvendo uma crítica contra a generalização da memória como algo somente coletivo, encontramos Charles Blondel (1952), que acredita na existência de uma memória individual e pontua sobre a questão da percepção para sustentar sua tese.

Blondel (1952) argumenta que fatos sociais também auxiliam na evocação da memória individual e respectivamente na memória coletiva, e faz uma crítica a Halbwachs respaldando-se por meio da psicologia coletiva. O autor parte da ideia de que a memória individual não pode ser tida apenas como algo coletivo, e em sua obra constrói uma revisão de autores como Comte, Durkheim e Tarde, compreendendo a memória como uma “parte coletiva da vida mental” (BLONDEL, 1952).

Quando aborda fatos históricos e datas comemorativas como pontos de fixação, o autor afirma que são datas como o feriado da Páscoa, Natal, 7 de setembro e outros que

ajudam a evocar determinadas lembranças. Afirma também que quando algum fato marcante ocorre na atualidade, como, por exemplo, junho de 2013, quando ocorreram as manifestações no Brasil, esses fatos funcionam como ponto de referência no tempo e relacionam-se com as experiências individuais e coletivas do indivíduo, promovendo então a evocação.

No olhar de Blondel (1952), a relação com o contexto histórico contribui para a precisão na biografia dos indivíduos e respectivamente com a biografia coletiva. Para uma melhor compreensão da ideia do autor, basta pensarmos em um indivíduo sozinho situado no local em que algo ocorreu e ele irá se lembrar do fato como algo individual. No entanto, mesmo que sozinho, o indivíduo situa sua lembrança nos espaços e fatos sociais, então, a lembrança individual se relaciona a algum fato coletivo para ser evocada (Blondel, 1952). Concluindo, o autor acredita na presença onipresente da memória coletiva, no entanto, ao contrário de Halbwachs (2003), Blondel (1952) não descarta a presença da memória individual.

Myriam Sepulveda dos Santos (2012) faz uma releitura aprofundada e enriquecedora referente aos estudos que abordam a memória coletiva. Ela acredita que os estudos referentes à memória coletiva devem se complementar e não serem opostos, e que a teoria social é limitada quando se trabalha a questão da memória.

O livro é dividido em três partes. A primeira aborda a memória coletiva na perspectiva de Halbwachs (1991) e Bartlett (1961), entendida como um aspecto social, isto é, vinculada aos quadros sociais. No segundo capítulo, Santos (2012) trabalha a memória no panorama filosófico e apresenta estudos que compreenderam a memória como fruto da experiência, noção primordial para tempo e espaço, como um processo contínuo, a memória relacionada com a liberdade e a memória enquanto construção social. E por último, o terceiro capítulo discorre sobre a memória e o esquecimento como um instrumento de dominação (SANTOS, 2012).

O foco será dado na releitura que a autora elaborou na obra de Halbwachs *Les Cadres Sociaux de la Mémoire* (1925). Santos (2012) afirma que durante o século XX a psicologia e a sociologia entraram em um consenso por meio dos estudos de Halbwachs (1991) e Bartlett (1961) de que “a memória é sempre coletiva” (SANTOS, 2012, p. 26). Os autores em questão acreditam que não existe um indivíduo por si só no âmbito social, mas sim grupos interagem, pois a memória é entendida como “parte de um processo social” (SANTOS, 2012, p.39).

Os estudos dos teóricos citados acima e comentados por Santos (2012) seguiam correntes teóricas diferentes, pois “o sociólogo priorizou as estruturas coletivas da lembrança, o psicólogo elegeu como objeto as formas interativas responsáveis pela construção de memórias coletivas” (SANTOS, 2012, p. 27). No entanto, ambos os estudos são utilizados nos dias atuais por diversas áreas do conhecimento a fim de solucionar ou entender problemas relacionados à memória.

Halbwachs (1991) se tornou um pouco mais conhecido que Bartlett (1961), mas de acordo com Santos (2012), ambos contribuíram significativamente para a importância do reconhecimento do social no momento da construção da lembrança. A autora ressalta que Halbwachs (1991) pensou no conceito de memória coletiva compreendendo que os indivíduos não são seres isolados e que tudo que fazem tem uma dimensão construída coletivamente, e tais construções ocorrem no espaço intitulado pelo autor de quadros sociais, e os quadros que antecedem o indivíduo é o que possibilita a recordação (SANTOS, 2012).

A autora destacou três pontos primordiais para a compreensão da teoria do autor referente à memória:

[...] a crença de que a memória só pode ser pensada em termos de convenções sociais, denominadas quadros sociais da memória; a abordagem a estas convenções a partir do mundo empírico observável – distante, portanto, das intenções dos indivíduos; e a afirmação de que o passado que existe é apenas aquele que é reconstruído continuamente do presente (SANTOS, 2012, p. 53).

Através da releitura de Santos é possível confirmar que o autor anula a autonomia do indivíduo de construir a memória individual, e para ele toda a memória é coletiva. Quando pensamos nas reconstruções dessas recordações, vale ressaltar que para Halbwachs “O passado que existe no presente é passado que existe na consciência do grupo. Os indivíduos sempre constroem o passado de acordo com preocupações e situações presentes” (SANTOS, 2012, p. 92). Conseqüentemente, tudo o que é evocado, se dá devido às relações sociais.

Em outra obra de Myrian Sepúlveda dos Santos (2013), *Memória coletiva e identidade nacional*, a autora discorre sobre dois limites encontrados por ela na obra de Halbwachs. O primeiro limite diz respeito à compreensão do autor referente ao pensamento individual, e Santos (2013) afirma “[..] ele pensou ser possível derivar integralmente o pensamento individual da análise da construção social” (SANTOS, 2013, p. 54).

Halbwachs, ao analisar as relações sociais interpessoais, concluiu que as lembranças coletivas são as lembranças dos indivíduos e que as memórias coletivas servem como alicerce para a recordação do indivíduo (SANTOS, 2013). Dessa forma, Santos (2013) pontua:

Apesar de compreender que um processo de individualização ocorre socialmente, ele o explicou como resultado do acaso, isto é, de arbitrarias combinações de memórias coletivas, e retirou do indivíduo qualquer capacidade de influenciar ou determinar as construções coletivas (SANTOS, 2013, p. 54)

Santos (2013) estabelece como segundo limite a negação da existência de “qualquer influência do passado sobre o presente” (SANTOS, 2013, p. 55). Ela ressalta que esse ponto se torna um limite teórico devido ao fato de estar ao lado de afirmativas como “as lembranças se configuram por meio de convenções sociais” e “o passado é reconstruído continuamente” (SANTOS, 2013, p. 55).

Após a exposição dessa crítica construtiva sobre a obra de Halbwachs e complementando teoricamente a compreensão a respeito de memória coletiva, nessa perspectiva, só é possível abordar o passado por meio de práticas do presente. Sendo a memória coletiva primordial para manter a coerência na sociedade, promovendo também que permaneça unida (SANTOS, 2012).

Jeudy (1990), em sua abordagem sobre patrimônios culturais, apresenta a importância dos vestígios para a sustentação da memória coletiva, entendendo como vestígios tudo aquilo que represente ou fale sobre a sociedade e os indivíduos pertencentes.

Para o autor, “as funções culturais das memórias ditas coletivas não correspondem senão a uma maneira possível, dentre outras, de estabelecer uma ordem dinâmica dos traços mnésicos.” (JEUDY, 1990, p. 19). Para o autor, a memória coletiva seria uma ordem em meio ao emaranhado de memórias individuais.

O autor também discorre sobre a preocupação contemporânea excessiva em querer representar o passado através de tantos artefatos. Toda essa atitude mudaria o sentido do que fato seja conservação, e para o autor esse excesso “[...] perturbam as funções mais sutis e mais dinâmicas, outorgadas aos museus, às pesquisas etnológicas, urbanas e regionais, e ainda às reconstituições das culturas técnicas” (JEUDY, 1990, p.19 e 20).

A presente subseção encerra-se ressaltando que o ponto de vista adotado e compreendido como o mais condizente com a proposta desta pesquisa refere-se à abordagem cunhada por Halbwachs (2003), pois toda memória é coletiva e os suportes existentes que representam essas memórias servem como um ponto de apoio em comum para a evocação dessa memória. No entanto, durante a análise dos dados, os autores citados serão retomados para ampla compreensão do caso estudado.

Segue, então, como a subseção que discutirá o conceito de lugar de memória, trabalhado pelo teórico Pierre Nora (1981).

2.2 Compreendendo o conceito de lugar de memória

Durante o período de 1978 a 1981 ocorreu em Paris o seminário na École des Hautes Études em Sciences Sociales visando discutir a questão da identidade nacional e a memória da sociedade. O evento foi cunhado por Pierre Nora e reuniu diversos teóricos preocupados com a causa, pois havia na França uma necessidade de identificar a memória material e imaterial e reafirmar a identidade da sociedade. O conceito lançado por Pierre Nora *Lugar de memória* foi adotado por todos os teóricos que trabalhavam na pesquisa, e o conceito foi relacionado a vários objetos visando identificar um lugar comum na memória da sociedade.

Para compreender o significado de *Lugar de memória*, é necessária uma reflexão em *Memória e história: a problemática dos lugares*, de Pierre Nora (1981). Para o autor, a memória “não existe mais” (NORA, 1981, p. 7), e surge a necessidade de estabelecer lugares para ela. É possível interpretar isso como uma forma de lidar com o momento de passagem do passado para o presente, e a continuidade torna-se um legado dos locais onde a memória é cristalizada.

Ante de iniciar o aprofundamento em torno o conceito cunhado por Nora (1981), convém discorrer sobre o conceito de lugar, pois como foi construída uma revisão do conceito de memória, cabe então entender primeiramente o que os estudos definem lugar.

Yi-Fu Tuan (1983), teórico que trabalha com geografia humanística, que é a geografia pensada na perspectiva da experiência humana, estabelece a diferença entre espaço e lugar. Para o autor, espaço é qualquer ambiente propício para a construção das relações humanas e

que contenha certa dinâmica; e lugar seria uma pausa, a segurança sentida pelo sujeito. O autor ressalta que, caso se reflita em torno desses conceitos, muitas questões pertinentes à experiência humana podem surgir. Ele pontua também que até mesmo os animais possuem consciência sobre o espaço e lugar devido à existência de necessidades biológicas, no entanto, somente o ser humano dota tais domínios de complexidade.

As pausas que caracterizam os lugares permitem ceder reconhecimento e dar valor a algo. Portanto, “[..] o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar a medida que o conhecermos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p.06). O autor complementa que “[...] lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção” (TUAN, 1983, p.179). Dessa forma, o conceito de lugar é compreendido pelo autor como um tipo de organização, sendo ela a organização do mundo do indivíduo, e um dos aspectos principais que auxiliam na identificação desse lugar e a existência da experiência.

Prosseguindo com a leitura do conceito trabalhado por Pierre Nora (1981), ele inicia seus fundamentos trabalhando questões que contribuíram para que a memória deixasse de existir. Uma delas é momento de ruptura entre o passado e presente, já que o autor acredita que para que a memória não se perca é preciso estabelecer um local em comum, em que todos os indivíduos se reconheçam como pertencentes ou como parte do seu passado.

Outro fator apontado por Nora (1981) é o desaparecimento dos camponeses com o advento da industrialização, pois para o autor a coletividade é uma forma de lugar de memória; é um ponto em comum entre os pertencentes daquela sociedade.

É possível conjecturar que o desligamento com o passado está presente na sociedade industrial, pois tudo o que é supérfluo é retido como memória, deixando de lado as heranças culturais e a vivência cultural propriamente dita. No entendimento de memória social, o autor defende que “Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória” (NORA, 1981, p.9).

O autor afirma que a necessidade de se trabalhar o conceito de lugar de memória, se deu pelo fato de que o sujeito deixou de entender a identidade nação e perdeu também as formas de transmitir essa memória, de transmitir valores. Ele afirma: “A nação não é mais um combate, mas um dado; a história tornou-se uma ciência social; e a memória um fenômeno puramente privado” (NORA, 1981, 12).

Compreende-se o conceito de lugares de memória como um local para ancorar memórias ou restos, pois é tudo aquilo produzido pelo passado que formaram ambientes para evocar determinadas lembranças. É sabido que o ser humano é incapaz de guardar mentalmente tudo o que necessita para entender seu futuro, e nesse sentido é que os lugares de memória são criados. Refletindo nesse contexto, percebe-se a relevância da criação de celebrações tais como aniversários, festivais e outros (NORA, 1981).

No entanto, ao compreender tal significado de um local e toda dinâmica envolta na memória surgem diversas questões, entre elas qual é o sentido de uma celebração em uma sociedade que não se celebra mais. Feriados santos em uma sociedade laica? É como se ritualizássemos um contexto que não se pode ritualizar, pois um local de memória só se compreende com tal quando possui vínculos, ou seja, se contextualizada com a sociedade a qual representa.

Os lugares de memória são capazes de agregar as características em comum dos membros da sociedade e carregam toda a continuidade da tradição local, pois simbolizam os costumes, os ritos e a tradição. Esses lugares funcionam como unificadores de uma identidade coletiva, um ponto em comum em meio a tanto desmembramento da sociedade contemporânea.

É por isso que apesar de serem lugares, eles são dinâmicos porque a memória é dinâmica, o ser humano se lembra de forma dinâmica em um contexto alternativo e, ao mesmo tempo, por trás de uma complexidade única.

A atualidade é marcada pela necessidade de preservar, uma vez que tudo é classificado como item importante para se guardar. Pessoas portando câmeras fotográficas registram tudo ao seu alcance. A sociedade encontra-se em meio tantas possibilidades de guardar que pulou ou ignora as políticas de descartes e de seleção, encontrando espaço para tudo.

Nessa crescente voracidade em arquivar o passado e o presente, o setor de vendas encontrou mais uma forma de se instalar e lucrar, para confirmar esta observação basta pensar na moda retro voltada para os óculos escuros, em que os modelos antigos voltaram explosivamente às vendas. Também é possível observar a volta ao passado em outros setores da moda e nos aspectos do cotidiano. A moda “retro” tornou-se tão corriqueira que hoje é uma moda contemporânea.

O fator individualidade fortemente presente na sociedade contemporânea também se destaca no contexto da memória, pois surge uma multiplicidade de memórias individuais, como autobiografia, coleções de acervos pessoais e outros. Todos querem contar suas histórias, todos querem ter conhecimento de sua árvore genealógica, todos reconhecem sua importância e querem sua importância reconhecida (NORA, 1981).

Pensando a lembrança com algo individual, na vertente psicológica da memória e pensando na efemeridade da atualidade, ser paulistano consiste em se lembrar do que é ser paulistano e não viver a “paulistaneidade”

As individualidades vão se formando e algumas se tornando evidentes, mas para um item ser um lugar de memória, se faz necessário contemplar três instâncias: “material, simbólico e funcional” (NORA, 1981, 21).

O autor afirma que eles estão relacionados entre si,

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria de deles não participou (NORA, 1981, p. 22).

No sentido **funcional**, enquadra-se como um lugar de memória quando envolve um ritual. Pode-se pensar no exemplo no diário de sala de aula de uma professora, que contém o nome de todos os alunos e todos os dias ela faz a chamada em sala de aula, a fim de conferir a presença dos alunos. A presença dessas instâncias é importante, pois caso não estejam presentes, os lugares de memória serão apenas lugares de história, isto é, fragmentos que a história utilizará para se materializar.

Nora (1981) coloca que os lugares de memória seriam "lugares mistos, híbridos e mutantes, inteiramente enlaçados de vida e morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel" (NORA, 1981, p.22). Toda a dinamicidade de um lugar de memória a torna passível de análise, pois cabe pensar em um possível canal entre a memória social e as coleções institucionalizadas, mas antes cabe observarmos a definição de Pierre Nora (1981).

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...] prender o

máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e isso que torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1981, p.22).

O autor coloca na seção acima que uma das funções do lugar de memória é bloquear o esquecimento, mas alguns autores tais como Paul Ricoeur (2007) defendem a teoria de que o esquecimento está dentro da memória, isto é, o esquecimento é uma das etapas no processo de formação da memória. Cabe aqui compreender que uma das funções do lugar de memória, pensando na definição exposta por Nora (1981), é “bloquear o trabalho do esquecimento”, ou até “iniciar uma memória adormecida” ou quem sabe “não a deixa adormecer”. Somente um lugar de memória é capaz de desempenhar tal função apenas com sua existência e o contexto claramente compreendido.

Essa preocupação de Nora com o esquecimento ocorre porque o autor acredita que a sociedade é constituída por lembranças e não pelo esquecimento. São as lembranças, os acontecimentos em comum que reafirmam nos indivíduos o senso de continuidade. São esses fatores que permitem uma projeção para o futuro.

A autora Armelle Enders (1991), em uma resenha a respeito dos dez anos de estudo sobre lugar de memória que ocorreu na França coordenados por Pierre Nora (1981), analisa a definição trabalhada pelo autor e faz uma observação crítica e relevante para a compreensão da obra de Nora (1981): “A imprecisão que aureola a noção de “lugar de memória” é ainda mais preocupante. O “lugar de memória”, na pena de Pierre Nora (1981), possui geometria variável e designa ora objetos, ora um método; ora a memória, ora o trabalho do historiador” (ENDERS, 1991, p.135).

Talvez seja essa a intenção de Nora (1981), pois como os lugares de memória são a base para a continuidade na sociedade, nada mais que aceitável o conceito ser compreendido como um lugar propriamente dito, isto é, um ambiente para ancorar a memória; compreender-se também como um método, isto é, um procedimento para se atingir a memória coletiva; por vez, também é compreendido como trabalho do historiador, isto é, ela (a memória) narra os acontecimentos de um lugar transmitindo-os por meio de sua existência a sociedade e como memória, pois acredita-se que os lugares são a cristalização da memória.

Andrade (2008) apresenta um estudo elaborado no interior da Bahia, mais especificamente em Igatu, no qual a pesquisadora estudou as formas de restabelecer um lugar

de memória partindo das narrativas dos habitantes do local. Ela apresenta um histórico da cidade que foi fundada inicialmente com a chegada do garimpo para extração de pedras preciosas e antes tinha grande movimentação de pessoas e circulação de dinheiro. Atualmente, grande parte da cidade encontra-se em ruínas e com poucos moradores, e são esses moradores que compartilham o lugar em comum carregado de memórias.

Pensando nessas possibilidades para lugar de memória, questionamos se uma coleção de livros pode ser considerada como tal. A questão será retomada no momento da análise, mas para refletir sobre ela, seguimo-nos para a subseção a baixo.

2.3 Coleção de livros como um lugar de memória

Para pensar um livro como um lugar de memória, algumas temáticas devem ser retomadas. Para o livro ser compreendido com tal, deve se considerar aspectos além de seu valor informativo e estender sua compreensão para além de um suporte.

Como foi visto na releitura de Pierre Nora (1993), constatou-se que o autor acredita que a sociedade perdeu os seus meios para memória, já que não possui mais rituais, tradição e costumes, e para manter a continuidade encontrou os lugares. Em sua reflexão sobre a sociedade contemporânea, o autor afirma que nos encontramos em meio a um processo de “dessacralização rápida e sacralização provisória reconduzida” (NORA, 1993, p.13), fruto das necessidades contemporâneas e que o autor afirma ser pelo excesso de preocupação com o futuro.

Com toda sua preocupação com a sociedade, os lugares de memória são para o autor restos, porém, mesmo restos carregam e representam uma vida simbólica. A justificativa apresentada pelo teórico em relação a tais eventos, isto é, ao acúmulo exacerbado presente na sociedade contemporânea é o desprendimento documental por parte dos historiadores. A população se sente responsável pela preservação daquilo que julgam ser memória ou que são capazes de recordar por si só, armazenado com uma diversidade de tipos materiais tais como fotos, livros e cartas, entre outros.

Outro argumento que pode justificar tal atitude é a crença de que portando tais restos nada do passado ficará obscuro, nada será esquecido. Nora (1981) afirma que “pela

superstição e respeito ao vestígio” (NORA, 1993, p.13) as pessoas armazenam de tudo, de tal modo que o acúmulo desenfreado de vestígios e restos são tidos como mais confiáveis que a memória, pois quanto menos ela é vivida, mais ela precisa de suportes exteriores.

Refletindo mais um pouco sobre o assunto, é possível considerar também que as pessoas se sentem mais seguras guardando elementos tangíveis, pois os outros seres humanos também são uma forma de vínculo com o passado, bem como sentimentos e a nossa própria mente. Entretanto, as pessoas estão sujeitas a morte, os fatos guardados na mente e os sentimentos estão sujeitos a ser perderem, e os indivíduos se sentem seguros guardando itens tangíveis.

É válido salientar que em alguns casos a demasia no armazenamento não gera a memória, mas sim a retenção de dados soltos pertencentes a uma memória sem contextualização com a vivência e sem vínculos com o “vivido”.

Surge então um impasse, pois a compreensão do passado é primordial para a construção da identidade, e essa ligação simbólica do sujeito com todo o trajeto de construção de si são fatos que o auxiliam na dinâmica do presente. Cabe ressaltar uma pontuação colocada por Nora (1993), tendo em vista a guarda excessiva, cedemos voz ao autor: “Se ninguém sabe do que o passado é feito, uma inquieta incerteza transforma tudo em vestígios, indício possível, suspeita de uma história com a qual contaminamos a inocência das coisas” (NORA,1993, p. 20).

Pensando em uma coleção de livros, o primeiro ponto a ser pensando é que uma coleção particular pode narrar a trajetória intelectual do indivíduo, e aquele que coleciona livros nem sempre tem em mente a intenção de guardá-los para evocar o passado. Mas, por meio da leitura de Moraes (2005), em seu guia para bibliófilos, esclarecem-se vários pontos em torno do universo dos colecionadores. A evocação ao passado fica implícita, e ocorre inevitavelmente durante o manuseio e constante contato com as obras pertencentes ao acervo.

Quando o homem começa a reunir objetos, estes são seus testemunhos e o homem é testemunha de tais objetos, pois a sociedade da qual o homem faz parte está o tempo todo o influenciando, seja direta ou indiretamente. A coleção reunida por este indivíduo é fruto de uma prática social reflexo da sociedade a qual pertence, e isso pode ser observado também quando os objetos em questão se tratam de livros.

É possível pensar em exemplos, como no caso de colecionadores que, no decorrer da prática profissional, necessitaram de algumas obras e autores a fim de esclarecer dúvidas, adquirindo livros que os auxiliassem, que entra em consenso com a questão e o conceito de informação como coisa trabalhada por Buckland (1991), pois é a materialização da informação, na qual está é recolhida e faz sentido para quem coleta. A necessidade dos livros foi despertando o gosto ao ponto de se construir uma biblioteca. Em outros casos, a paixão pelo tema é que leva a construção da coleção.

Independentemente da motivação para a construção de uma coleção, ela sofre a influência social na sua formação. Para respaldar tal afirmação, é em Halbwachs (2003) que a justificativa se pauta, pois para o teórico “jamais estamos sós” (Halbwachs 2003, p.30). A vista disso, tudo que constitui a lembrança de um indivíduo tem reflexo de outras pessoas, bem como aquilo que ele constrói para evocar tal lembrança.

Os objetos possuem a característica de representar aquilo que o colecionador era, em outras palavras, a biografia do colecionador. Se o indivíduo que coleciona é influenciado pelo meio que vive, logo, essa coleção pode refletir e representar a sociedade.

A coleção é uma base comum entre os indivíduos, pois toda ação individual é um reflexo do social. Toda atitude construída pelo homem é reflexo de mundo ao qual pertence, é uma forma também de compreensão do mundo e de como o indivíduo colecionador gostaria de ser visto pela sociedade. A coleção é um retrato do colecionador. Se a forma como ele compreende o mundo reflete em suas práticas, o colecionismo pode ser uma prática que resume o que o indivíduo é ou era, com o objetivo consciente ou inconsciente de compreender algo subjetivo.

Nessa perspectiva, é possível compreender o colecionismo como um mar de possibilidades, um reflexo da sociedade, a biografia do colecionador, o elo entre o passado e o presente.

Essa ponte simbólica, no caso a coleção, não foi construída pensando em ser um repositório para a memória, mas o fenômeno colecionista está presente na sociedade como um efeito. Colecionar, de acordo com Blom (2003), ocorre na sociedade desde a existência do homem. Cada período ao longo do tempo existe um argumento pautado no social justificando a presença das coleções.

Pensar uma coleção como um lugar para ancorar memórias requer uma reflexão acerca dos motivos que a coleção deve agregar para ser entendida como tal. Para iniciar tal reflexão, vale ressaltar um argumento Halbwachs (2003) sobre a relação dos espaços com a memória. Ele afirma que a disposição dos objetos pode despertar uma sequência de percepções que só ocorrem quando o indivíduo volta aos lugares onde algum fato ocorreu e a ordem dos objetos continua inalterada, e tais percepções podem favorecer o surgimento da lembrança (HALBWACHS, 2003).

Essa volta ao lugar contribui para a volta também das sensações que ocorreram no momento de o que o fato ocorreu, no caso dos objetos, alguns podem simbolizar esse lugar, porque o indivíduo que coleciona pode entregar ao objeto toda a lembrança construída nos ambientes, uma vez que o que está em jogo é a vivência e experiência em torno do objeto.

Ao trabalhar a dimensão do que pode representar a memória, Myrian Sepúlveda dos Santos (2012) diz que os vestígios são pontes com as quais é possível ligar o que foi vivido anteriormente com o presente.

A memória está presente em tudo e em todos. Somos tudo aquilo que lembramos; somos a memória que temos. A memória não só pensamento, imaginação e construção social, mas também uma determinação de experiência de vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela também é resultado de si mesma, ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações (SANTOS, 2012, p. 30)

Apesar de defendermos que o colecionismo aqui é uma prática social e que os itens podem ser entendidos como um lugar de memória, não queremos limitar a compreensão de memória as relações construídas neste trabalho. Como afirmou Santos (2012), a memória é algo mais complexo, e estabelecer limites conceituais só prejudica a compreensão de tal fenômeno. Dessa forma, espera-se que a presente escolha na vertente teórica seja entendida como um recorte teórico para melhor aprofundamento na temática em questão.

Uma coleção de livros só pode ser compreendida como um lugar de memória se possui vínculos com as experiências vividas, pertencer à realidade da sociedade e permitir que as pessoas construam e respaldam suas memórias por meio de sua existência.

2.4 Memória literária

Por meio da leitura de Bordini (2009) foi possível compreender a posição da autora em vista ao presente descaso referente à cultura brasileira no que diz respeito à literatura. A autora utiliza o termo memória literária para designar toda a trajetória brasileira referente à literatura, sendo os escritores brasileiros e suas obras. A autora acredita que o descaso é reflexo do crescente desinteresse pela leitura apontado em pesquisas que discutem a transição do livro para meio digital. A vista disso, Bordini (2009) afirma que essa troca de suporte para leitura influencia as pessoas e principalmente os jovens a não se interessarem por literatura brasileira.

Bordini (2009) pontua que a memória literária brasileira está sendo conservada nos acervos particulares, nas bibliotecas públicas, nos centros de documentação e outros. Bordini (2009) também salienta que sem o ato de ler a memória literária se “esvai” e só se mantém devido à existência e o trabalho dos centros de documentação.

Durante as buscas bibliográficas e suas respectivas leituras, encontraram-se duas definições para memória literária: uma é voltada para as recordações construídas ao longo da vida por meio de leituras ou algum fato que possuíam alguma relação com determinado livro ou escritor. A reconstrução da memória literária, nessa perspectiva, consiste em recapitular as leituras feitas juntamente com as recordações paralelas derivadas dessa leitura. Neste sentido, o termo memória literária está voltado para simbolizar a memória em seu sentido intangível.

A outra explicação em torno da compreensão de memória literária aborda a memória da literatura brasileira como uma forma de preservar aspectos da literatura brasileira. Nesse panorama, suas respectivas construções permeiam a construção de museus, centros de documentações, acervos pessoais e outros. Constituindo-se em reminiscência que possibilitam acesso ao passado. Essa é a perspectiva adotada na presente pesquisa, em que o termo está para simbolizar a memória em seu sentido tangível por meio da materialização.

Bordini (2001) apresenta um ponto de vista que contribui para compreensão da importância desse tipo de acervo.

Um acervo, em literatura, é um local tanto quanto é um conjunto de documentos escritos ou de objetos. Como lugar no espaço, é um endereço que contém a reunião de vestígios deixados por um escritor, mas também pelos outros escritores que com ele se relacionaram e, em última instância, pelos contatos estabelecidos por ele com sua comunidade e sua sociedade. [...]. Como agregado – sempre dinâmico – de documentos, forma uma rede

de informações potenciais, com desdobramentos incontáveis, à espera de pesquisa ou simples contato, suplementando a literatura da obra de um escritor com esclarecimentos genéticos, biográficos, geracionais, históricos, filosóficos, enfim, de toda sorte (BORDINI, 2001, p. 32).

A autora descreve a importância da preservação da memória literária e pontua que por meio de estudos aprofundados em determinado acervo é possível se construir relações e informações antes desconhecidas, pois um acervo literário é rico em conexões que cabe ao pesquisador encontrá-las. Os elementos tangíveis e a memória coisificada podem contribuir para a manutenção da memória e para a construção de imagens.

Bordini (2009) pontua:

[...] a investigação da gênese das obras, de seu destino, das relações entre os processos materiais e os processos ideativos que cercam não só a obra, mas toda a instituição literária. Reinventam a biografia e a autobiografia, dão acesso às subjetividades produtoras e receptoras, fazem pontes com os Estudos Culturais, com as preocupações pós-modernas e pós-coloniais ligadas à construção de identidades e às lutas das minorias, desfazendo preconceitos (BORDINI, 2009, p. 38).

As obras funcionam como um elo entre o passado e o presente, sendo esse elo o alimento para justificar, compreender e reformular o passado, bem como responder questões abertas no presente. O acervo, compreendido como memória literária, pode, por meio da interpretação da obra de Bordini (2009), constituir-se em documento para a história, o que torna possível a interação com as informações contidas no acervo e a possibilidade de elaboração de novos documentos.

As ligações discorridas por Bordini salientam uma importância social em que os conflitos do passado podem ser compreendidos por meio do estudo do acervo. A autora, no artigo *Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira*, relata a experiência com o Acervo de Escritores Sulino, preservando-o e explorando todas as particularidades do acervo. A autora afirma que a guarda do acervo não deve corresponder apenas a sua guarda material, mas também:

[...] incide numa concepção específica sobre documentos literários, que não devem ser museificados, mas organizados e difundidos a fim de contribuir para a expansão dos estudos literários e o conhecimento sempre mais aprofundado dos autores e obras. Além disso, preservar implica dar acesso às fontes, não indiscriminadamente, mas com a supervisão de especialistas, ou a conservação não teria sentido, pois se esgotaria nas prateleiras e arquivos (BORDINI, 2009, p. 53).

O ponto acima destaca para a interação do acervo com o público, uma vez que manter as obras enclausuradas sem organização e difusão não representa o trato adequado no que diz respeito à memória literária. A autora utiliza o termo “museificados” para se referir a um item estático, empregando a palavra no sentido pejorativo, sendo aquele que não recebe o tratamento adequado. Quando a autora se refere à organização e difusão, surge uma questão: será que a autora reconhece a importância de se preservar a ordem dada pelo autor colecionador?

Durante a leitura de suas obras não se encontrou referência ao ponto questionado, no entanto, essa questão será levantada mais à frente.

Elaine Vasconcellos (1999), em *A preservação da memória literária*, também pontua a importância da concessão de visibilidade para a memória literária brasileira. Vasconcellos faz um relato sobre o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), instituição que tem por objetivo “preservar a memória literária do nosso país” por meio da preservação e divulgação de obras e objetos que pertenceram a escritores brasileiros (VASCONCELLOS, 1999, p. 43).

A autora ressalta que a instituição é aberta à visitação, e a ligação com o passado e futuro existente na AMLB é dinâmica e possui interação com a sociedade. O motivo para um item pertencer à instituição é ter alguma relação com os escritores brasileiros, com o qual a instituição trabalha e/ou ter pertencido a eles.

Esses objetos por seu valor intrínseco justificam sua incorporação ao AMLB como documentos enriquecedores da compreensão, pontos de referência e fontes para a reflexão indispensável à recomposição do mundo, ficcional e não ficcional, como da personalidade de seus possuidores (VASCONCELLOS, 1999, p. 44)

Desse modo, as relações que se estabelecem compreendendo o que é memória literária não dizem respeito apenas à relação do colecionador com sua coleção, mas também múltiplos diálogos que permeia a coleção e o colecionador, os escritores e o colecionador, o tempo social em que o escritor escreveu a obra e o colecionador, o tempo social presente e o tempo passado. São dimensões que podem ser objetos de estudos em diversas áreas do conhecimento e possibilitar outras formas de compreender o ponto de vista dos autores.

3 COLEÇÃO AMIDICIS TOCANTINS

O terceiro capítulo apresenta as informações sobre a coleção estudada, apresentando uma biografia do colecionador, dados sobre o acervo e forma de institucionalização. Apresenta também análise dos dados coletados acompanhados das considerações sobre a análise.

O caso analisado na presente pesquisa é a coleção bibliográfica Amidicis Diogo Tocantins, institucionalizada na Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso. A instituição recebeu a coleção no dia 20 de janeiro de 1993, e a intenção de doar o acervo foi da família, da viúva Edi Miguéis Tocantins e de seus filhos. Todos os trâmites burocráticos referentes à coleção foram intermediados pelo irmão do colecionador, o professor Aecim Tocantins. A doação foi autorizada pela então reitora Professora Luzia Guimarães.

A coleção é composta por 17.300 títulos, que abrangem diversos campos do conhecimento, tais como:

Filosofia, Sociologia, Ciência Política, História (geral, da América e do Brasil), Cultura (Brasileira, Africana, Latino-Americana, Asiática e Europeia), Filologia, Linguística, Medicina (Homeopática e Alopática), Antropologia, Etnografia, Geografia e Direito (SIQUEIRA, 1996, p. 06).

A coleção também é composta por obras que abordam a história e cultura do Estado do Mato Grosso, e apresenta obras esgotadas, edições para colecionadores e edições de luxo⁵. Na mesma sala em que o acervo está resguardado, encontram-se também outras coleções que pertenceram a outras personalidades, sendo Gervásio Leite⁶, Cezário Neto, Tongate Rodrigues e a Coleção Documentos Brasileiros (CDB). O foco da presente pesquisa, porém, será apenas as obras que pertenceram a Amidicis Diogo Tocantins.

A escolha da coleção Amidicis Tocantins se deu devido ao conhecimento da obra gerada em estudos anteriores. Na monografia *Estudo do tratamento técnico das obras raras da biblioteca central da UFMT: critério de raridade bibliográfica*, defendida em 2010 para obtenção do título de bacharel em biblioteconomia, a coleção foi estudada para compreender

⁵ Essa informação foi constatada a partir de análise feita para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Biblioteconomia, na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, pela discente Admeire da Silva Santos, intitulado *Estudo do tratamento técnico das obras raras da UFMT: uma proposta de manualização para os critérios de raridade bibliográfica*, sob a orientação de Ana Cristina Albuquerque.

⁶ Fundador da revista Pindorama e um dos fundadores da Universidade Federal do Mato Grosso; foi o primeiro coordenador do Centro de Ciência Sociais (CCS). Fundador também do movimento Graça Aranha (FONTE SITE DA UFMT).

os critérios utilizados no momento de defini-las como raras e no final foi proposto um manual que auxiliaria o profissional a identificar obras raras de acordo com o contexto da instituição mantedora.

A coleção Amidicis Tocantins foi escolhida no primeiro trabalho por conter um acervo mais numeroso e ser classificada como rara no site da instituição no período de execução da pesquisa. Nessa pesquisa primeira escolha, os fatores que a elegeram ainda prevalecem, e a experiência e o contato amadurecido com a coleção também favoreceram a continuidade no estudo da coleção, no entanto, nesta pesquisa, como mencionado, o enfoque será outro.

As outras coleções Gervásio Leite, Cezário Neto, Tongate Rodrigues e a Coleção Documentos Brasileiros (CDB) também possuem importância histórico-cultural para a sociedade, pois pertenceram a personalidades relevantes para o Estado do Mato Grosso. Por meio de uma breve busca, é percebida a presença de livros de difícil localização que abordam aspectos relevantes para a compreensão do processo de fundação do Estado. Essa importância pode ser reafirmada ou contestada em estudos futuros, no entanto, neste momento a atenção será dada apenas a Coleção Amidicis Tocantins.

O tratamento técnico da Coleção para a inserção das obras ao acervo da instituição durou 15 meses e foi conduzido pela professora Doutora Elizabeth Madureira Siqueira. Todas as obras pertencentes à coleção estão inseridas em um catálogo especial e no sistema de base de dados da biblioteca, e o usuário pode ter conhecimento de todas as obras que compõe a coleção.

O colecionador também era poeta e no decorrer da vida reuniu manuscritos, também organizados pela professora Elizabeth Madureira Siqueira em parceria com UFMT e a EdUFMT (Editora da Universidade Federal do ato Grosso). Os manuscritos pertencentes ao colecionador estão atualmente disponíveis no livro intitulado *Prosa e Poesia*.

No dia 09 de maio de 1996 ocorreu a inauguração da Coleção Amidicis Tocantins, que atualmente se encontra disponível na Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso em uma sala reservada especialmente para a coleção que tem o nome do colecionador “Amidicis Diogo Tocantins” (SIQ’UEIRA, 2010).



Imagem 01: Sala Amidicis Diogo Tocantins

Fonte: A autora

Antes de apresentarmos as análises em torno do acervo, vale apresentar uma breve biografia de Amidicis Diogo Tocantins.

3.1 Biografia de Amidicis Diogo Tocantins

Amidicis Diogo Tocantins nasceu em 13 de agosto de 1918 na cidade de Cuiabá-MT, filho de Odorico Ribeiro dos Santos Tocantins e Alice Borges Tocantins. Concluiu seus

estudos na cidade natal e se tornou funcionário público. Apesar de lidar no setor financeiro, Amidicis era um homem que tinha paixão por livros e escrita (SIQUEIRA, 2010).

Nas horas livres se dedicava à escrita e à leitura e com o tempo reuniu um rico acervo bibliográfico composto por obras raras e especiais. Sua paixão pela escrita fez com o colecionador reunisse manuscritos e fosse premiado, no caso com a monografia escrita por Amidicis sobre História de Campo Grande foi premiada (SIQUEIRA, 2010).

As poesias escritas por Amidicis tornaram-se um livro intitulado *Prosa e Verso*⁷, publicado após sua morte. As obras que ele julgava relevante às suas predileções e excentricidades formaram um rico acervo documental e bibliográfico⁸, atualmente institucionalizados e à disposição de pesquisadores e do público interessado.

⁷TOCANTINS, Amidicis. **Prosa e Poesia**. Cuiabá:UFMT, 2007.

⁸ Essa observação pode ser confirmada no livro “Prosa e verso”, organizado pela professora Dra. Elizabeth Madureira Siqueira, em que reúne todos os textos escritos por Amidicis Tocantins.



Imagem 02: Amidicis Diogo Tocantins
Fonte: A autora

3.2 Análise dos dados

Para um estudo de caso apresentar confiabilidade e veracidade o pesquisador se utiliza de fontes de evidência. De acordo com o Yin (2001), existem seis fontes de evidência para se analisar um caso: “documentos, registro em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante e artefato físico” (YIN, 2001, p.105).

As fontes podem ser complementares, e é possível utilizar mais de uma fonte em um mesmo estudo de caso. Yin (2001) afirma que durante a coleta dessas evidências é preciso muita versatilidade do pesquisador. Nesta pesquisa as fontes utilizadas foram documentos, entrevista e observação direta.

A coleta de evidências ocorreu em dois momentos, uma no primeiro semestre de 2014, em que os dados obtidos para análise constituem-se em imagens e informações oculares obtidas durante a visita ao acervo (observações direta), o diálogo com o bibliotecário responsável (entrevista), o catálogo de livros que compõe a coleção e o livro póstumo do colecionador intitulado *Prosa e Verso* (documentos).

Nesse primeiro momento, devido à greve em que a Universidade Federal do Mato Grosso se encontrava no momento da coleta de evidências, o tempo em contato com a coleção foi breve. Dessa forma, foi necessária uma segunda entrevista, pois a visita ao local não foi possível devido a problemas técnicos que a instituição estava enfrentando em janeiro, mês escolhido para uma segunda visita. A entrevista foi feita por e-mail, e foram coletadas informações complementares referente ao acervo.

Para analisar os dados por meio da metodologia adotada, o estudo de caso, é elaborado “um encadeamento de evidência, isto é, ligações explícitas entre as questões feitas, dados coletados e as conclusões a que se chegou” (YIN, 2001, p. 105).

A análise das evidências será fundamentada em um método que a abordagem das etapas vai do geral para o mais específico. Nessa proposta de Yin (2001), a estratégia de análise baseia-se em proposições teóricas. Isto é, a análise das evidências ocorre por meio da interpretação baseada na fundamentação teórica que respaldou o trabalho (YIN, 2001).

Portanto, Yin (2001) propõe que antes de iniciar a análise é necessária a utilização de uma técnica analítica, sendo: fluxograma, tabelas e/ou outros. Trata-se de uma forma de organizar os dados obtidos de modo que as informações fiquem explícitas e de fácil compreensão e visualização, para então se iniciar a análise.

Após escolhido o método geral, no caso a proposição teórica, que é também a melhor forma de visualização das evidências, no presente caso foram escolhidos fotos e tabelas. O autor propõe que seja escolhido o método principal, no caso a Explanação, que consiste em explicar todos os elos em torno do objeto de análise e “[...] analisar os dados do estudo de caso construindo uma explanação sobre o caso” (YIN, 140, 2001). Vale ressaltar que as explanações construídas neste trabalho foram fundamentadas nos autores trabalhados nos capítulos anteriores, tendo como foco responder as indagações que norteiam este trabalho.

Por conseguinte, a metodologia de coleta e análise de dados foram elaboradas de acordo com o método do Estudo de Caso.

3.2.1 Análise da observação direta e da entrevista

Durante a observação direta, algumas fotos foram feitas e escolhidas para análise, e todos os registros foram autorizados pelo bibliotecário. Deste modo, as fotos serão expostas e analisadas, e para melhor contextualização serão inseridas durante a explanação das informações coletadas durante a entrevista.

Iniciemos com a exposição de duas imagens. A Imagem 3 é a sigla utilizada para identificar as obras pertencentes à coleção Amidicis Tocantins, e a imagem 4 é uma prateleira do acervo presente na sala.



Imagem 03: sigla de identificação das obras que compõe a coleção
Fonte: a autora

As obras que compõem a coleção possuem uma identificação porque estão situadas na mesma sala que as coleções Gervasio Leite e Cesário Neto, CAT: Coleção Amidicis Tocantins é a forma de identificar a coleção, a sigla fica afixada em todas as prateleiras pertencentes à coleção Amidicis Tocantins e também no número de chamada.



Imagem 04: uma das prateleiras do acervo Amidicis Tocantins

Fonte: a autora

Como constatado em pesquisas anteriores no acervo (SANTOS, 2011); (SANTOS e ALBUQUERQUE, 2010), o acervo ainda encontra-se em estado de deterioração, pois as obras estão em um local não apropriado, em que não há ventilação e higienização adequada e não há manutenção para a conservação e restauração das obras, o que foi justificado pelo bibliotecário como ausência de recurso para o treinamento de pessoal para desempenhar tal função.

Durante a observação, o bibliotecário responsável Carlos Henrique Tavares de Freitas CRB - 1 nº 2.234 apontou como um dos motivos para o atual estado de deterioração a falta de

recursos, de treinamento adequado aos funcionários e de verba para o desenvolvimento de projetos.

Outra informação também coletada durante a visita foi que a biblioteca está com falta de espaço físico, fazendo com que o bibliotecário responsável pense em alguma alternativa para solucionar o problema e planeje algum projeto que justifique a presença das obras naquele local. As obras permanecem enclausuradas na sala restrita a pesquisadores, que têm conhecimento da importância do acervo e buscam as obras. No entanto, até o momento nenhuma ação foi promovida para que a comunidade acadêmica local tenha conhecimento da importância das obras que compõe o acervo.

O bibliotecário está preocupado com o estado das obras e disse que procurará órgãos que possam o auxiliar na identificação da importância da obra e principalmente no tratamento adequando do acervo.

Vale ressaltar um mito contado pelo bibliotecário Carlos, que afirma que alguns funcionários não gostam de entrar sozinhos na sala em que coleção está situada, pois quando acervo ainda pertencia a Amidicis Tocantins, ele contava com o apoio de uma funcionária que o auxiliava no tratamento do acervo, uma senhora idosa. Alguns meses após a morte do colecionador a auxiliar também faleceu, e alguns funcionários afirmaram ver a senhora “caminhando” entre as obras, fazendo o que gostava quando viva, que era cuidar das obras de Amidicis Tocantins. Como medo do “fantasma” da senhora, alguns funcionários não entram sozinhos no acervo.

Curiosidades à parte, e como também reconhecem os responsáveis, o acervo necessita urgentemente de tratamento voltado para seu estado físico e de uma pesquisa aprofundada que ressalte a importância do acervo, isto é, critérios que comprovem a raridade do acervo ou que ressalte sua importância documental, um item a mais, além do fato de ter pertencido ao colecionador.

Partindo para a análise de alguns pontos colocados pelo bibliotecário, pensa-se ser necessário ressaltar dois pontos para a análise: o primeiro é que os bibliotecários estão se sentindo pressionados pela ausência de espaço e cogitam uma desocupação da sala da qual a coleção está situada. E o segundo refere-se aos efeitos causados pela falta de conhecimento da importância do acervo, pois este foi classificado como raro tendo como único critério ter

pertencido a Amidicis Tocantins, cuja história também não é analisada e ressaltada. Tudo isso criou uma grande lacuna, pois as obras são compreendidas como algo importante, mas ninguém tem conhecimento a fundo dessa importância.

As informações contidas no catálogo afirmam que as obras possuem importância devido a sua raridade e unicidade, entretanto, não há estudos ou dados que comprovem isso. Até mesmo no catálogo não há uma separação das obras consideradas únicas ou raras, e as obras são importantes apenas por terem pertencido a Amidicis Tocantins.

Seguimos então com o primeiro ponto. O prédio que foi construído para ser a Biblioteca Central divide espaço com a reitoria, que não possui um prédio próprio; logo, a biblioteca fica com um espaço restrito. O bibliotecário afirmou que existe um projeto voltado para a construção do prédio da reitoria, mas ainda sem previsão para a efetivação da construção.

Enquanto o prédio da reitoria não é construído, o acervo da biblioteca cresce, e o espaço para atividade dos usuários e mesmo para novas aquisições diminui, o que resulta em repensar a dinâmica do acervo. Como quase todos os espaços existentes já foram preenchidos pelo acervo, o único espaço que resta é a sala em que a Coleção Amidicis Tocantins se encontra.

Com a mudança de gestão tanto da biblioteca quanto da reitoria, a importância da coleção está sendo questionada, o que levou o bibliotecário responsável a procurar uma parceria com o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), que possui pessoal capacitado e especializado em documentos para estudar a coleção.

Em uma segunda entrevista no mês de março de 2015, o bibliotecário informou que parcerias com instituições públicas e particulares estão nos planos para revitalização das coleções especiais. Afirmou também que eles estão pensando na elaboração de uma sala para restauração desse material.

Partindo para o segundo ponto observado na fala preocupante do bibliotecário, eis que surge uma questão: por que não há informação sobre a importância do acervo? Para responder a questão, vale recapitular alguns pontos já tratados na revisão de literatura construída e fundamentada principalmente na leitura de Nora (1981), Halbwachs (2006) e Jeudy (1990).

A ideia de patrimonialização, de reservar um lugar para a nossa memória, de guarda todo que julgamos nos representar no futuro, está presente na sociedade, no entanto, não é apenas a acumulação que indica os itens reunidos como algo capaz de despertar a memória. É necessária contextualização, um fio condutor, uma animação e exposição da importância daquele item para que aqueles que não viveram tal lembrança possam construir imagens e compreender a ligação daquele item com o presente; o porquê de sua preservação.

A função de uma biblioteca não é expor as obras, mas mediar as informações de forma que o usuário possa recuperar o que necessita por meio de um acervo organizado. No entanto, quando se trata de coleções especiais, algumas instituições aderem a algumas práticas museológicas, ou seja, promovem uma comunicação das obras através da seleção de algumas obras, da exposição contextualizada e interação com o público, entre outros. A obra assume o papel de obra de arte. Como não se objetiva entrar nessa nuance no presente trabalho, foi escolhido o termo *objeto* para se compreender essa nova caracterização do livro em espaços de exposição.

Através de pesquisa sobre a temática foi possível encontrar alguns exemplos, como o caso da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin (BBM), criada em 2005 para abrigar o acervo que José Mindlin e sua esposa Guita reuniram ao longo do tempo. O acervo conta também com a doação feita por Rubens Borba de Moraes ao casal. A biblioteca foi construída em parceria com Universidade de São Paulo (USP) e além de abrigar as obras doadas pelo casal, promove exposições das obras que compõe o acervo (fonte: <http://www.bbm.usp.br/>).

O que acontece na Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin (BBM) é o que Henri-Pierre Jeudy (1990) nomeia de “tendência coletiva para a museografia” (1990, p. 15). O autor afirma que essa teatralização é uma forma dos poderes políticos consagram suas imagens no social. Na perspectiva individual na qual a coleção Amdicis Tocantins foi criada, atualmente o que aparenta é que por mais que a coleção se encontre em um local público ela permanece sob essas limitações, no caso ausência de contato com o público. Isso ocorre porque, conforme a informação do bibliotecário Carlos Tavares, a instituição não dispõe de recurso financeiro para capacitação profissional e ampliação do espaço, quiçá para elaboração de exposição e condicionamento adequando das obras.

As obras (Coleção Amidicis Tocantins) são mantidas no local, e até o presente momento não há uma política para a preservação e restauração. Como mencionado

anteriormente, os bibliotecários ainda não estão capacitados para desempenhar tal função. A medida adotada pelos bibliotecários foi limitar o acesso ao acervo, e os usuários que têm acesso às obras são aqueles que elaboram busca bibliográfica no catálogo digital do acervo e quando necessitam da obra, encaminham-se até o acervo acompanhados pelos responsáveis.

A característica predominante no trato da coleção é a cultura técnica biblioteconômica tradicional, em que se constatou que ela não está sendo suficiente para a abordagem atual da coleção particular em um meio público. Para que haja uma compreensão da memória coletiva por meio da coleção, o primeiro passo é a construção do relato em torno da coleção.

Convém ressaltar uma pontuação estabelecida por Jeudy (1990):

À semelhança da lista de mortos inscrita num monumento, o arquivamento não é suficiente para manter os vínculos simbólicos com o passado. Ao contrário, participa do efeito inverso e reúne-se, pelo modo como estabelece uma “memória holística”, ao movimento do esquecimento. Se a vontade de reconstituição se baseia no arquivamento e na miniaturização oferecidos pelo espaço “museal”, ela ultrapassa tais limites para afirmar a existência de traços autênticos, situados no lugar mesmo onde eles são tratados. **O arquivamento, generalizável ao infinito, não se opõe em nada à violência do desaparecimento**, ele antes parodia o poder do traço, posto que ele não propõe mais que uma taxionomia dos signos. Ele transforma a lobotomia da memória na simulação dessa anamnese coletiva (JEUDY, 1990, p. 56 grifo nosso).

A vista disso, caso a biblioteca decida continuar com o acervo, a reconstituição da vida do colecionador será necessária, pois a coleção representa o trajeto intelectual do colecionador e é entendida como itens potenciais para representar a memória coletiva quando estudada a fundo suas peculiaridades.

Respondendo à questão acima, a ausência de informação é uma forma de esquecimento, pois quando a coleção foi institucionalizada só houve preocupação voltada ao tratamento técnico, como a catalogação e ordenação das obras no acervo. O conteúdo histórico da coleção restringe-se ao conhecimento de quem foi o proprietário e não houve uma “operação museal” como defende Jeudy (1990). Essa operação é entendida aqui como a contextualização da importância da obra por parte da instituição para então ser transmitida aos usuários, o que possibilitará a construção de imagens elemento importante para a memória coletiva.

O autor afirma que “Sem a operação museal, é reasssegurado o esquecimento [...] o objeto sem o relato não exprime mais que sua própria neutralidade” (JEUDY, 1990, p.62). Completando com o ponto de vista do autor, vale ressaltar que é a importância histórica do item que reafirma sua pré-conservação (JEUDY, 1990).

A Biblioteca Central da UFMT ainda não elaborou um estudo aprofundado para o conhecimento das obras que compõe o acervo, pois só por meio de um reconhecimento por parte da própria instituição sobre os fatores intrínsecos e extrínsecos das obras é que essa importância poderá ser trabalhada e transmitida aos usuários. Talvez essa medida contribua para a construção de uma justificativa palpável para a permanência das obras em um local diferenciado.

3.2.3 Análise da coleção Amidicis Diogo Tocantins

A análise da Coleção Amidicis Tocantins foi baseada em observações direta com complemento das informações contida no catálogo, pois além de dados sobre o processo de aquisição, contém a referência correta dos livros.

Para analisar a coleção será utilizado o respaldo teórico de Fromanek (2005), Blom (2003) e Benjamin (1987, 2006), e o que se objetiva nessa explanação é compreender o universo do colecionador Amidicis Tocantins; é entender o significado de sua coleção para que no decorrer da análise relacione o resultado à memória coletiva.

É importante compreender a funcionalidade e a representatividade da Coleção Amidicis, já que pertence a uma conjuntura pública. O objetivo da análise é compreender de qual forma essa coleção de livros pode representar a memória coletiva. Não é questionar a importância da Coleção Amidicis Tocantins, mas entender as nuances e caminhos que uma coleção de livros pode percorrer para representar a memória coletiva. Essa resposta dar-se-á após a discussão dos conceitos refletidos na perspectiva da Coleção Amidicis Tocantins.

O catálogo de 116 páginas foi elaborado pela Universidade Federal do Mato Grosso, organizado por Elizabeth Madureira Siqueira e datado no ano de 1996. Em forma impressa, foi concedido durante a pesquisa de campo feita em junho de 2014 cujo objetivo era coletar

dados. Na apresentação do catálogo é possível encontrar uma breve biografia de Amidicis Tocantins, a relação estabelecida entre o colecionador e a coleção e o processo de institucionalização.

Os temas do catálogo são divididos entre História de Mato Grosso, Literatura Mato-grossense, Cultura Mato-grossense, Índio e Amazônia Brasileira.

A temática utilizada para análise será Cultura Mato-grossense, escolhida nesse primeiro momento para análise por conter 58 títulos, quantidade que permite a transcrição e análise e por possuir uma temática abrangente. Os 58 títulos serão transcritos em três tabelas, que seguem abaixo.

ALBUES, Maria da Gloria. Ojiramundá. [S.l.: s.n., 19--]	ESPÍNDOLA, Humberto. Rosas/Rosetas. [S.l. s.n. 1977]	HAUG, Martha Johanna. Folclore em Chapada dos Guimarães, MT. São Paulo: Escola do Folclore, 1983. 134 p. (Amidicis Tocantins)
ANDRADE, Julieta de. Cocho mato-grossense: um alauíde brasileiro. [S.l. s.n. 1981]	FIGUEIREDO, Aline. Artes plásticas no Centro Oeste. S.l. s.n. 1979.	MATO GROSSO. Governo do Estado. Fundação Cultural de Mato Grosso. [S.l. s.n. 19--]
CATUNDA, Marta. Algumas canções carnavalescas cuiabanas. [S.l. 1978]	FIGUEIREDO, Israel Faria de. Clube do caju doce. S.l. s.n. 1977	Geografia ilustrada. São Paul: Abril Cultural, s.d N° 15.22
COSTA, Almerindo. Mato Grosso e seu universo primitivo. [S.l. s.n. 19--]	FREIRE, Silva. Águas de visitação. S.l. s.n. 1980	Geografia ilustrada. São Paul: Abril Cultural, s.d N° 15.22
CUIABA 259 anos. Cuiabá: JPM, 1978.	FUNDAÇÃO CULTURAL DE MATO GROSSO. II Salão Jovem Arte Mato-grossense. S.l. s.n. 1977 (Catalogo de Exposição)	HAUG, Martha Johanna. Folclore em Chapada dos Guimarães, MT. São Paulo: Escola do Folclore, 1983. 134 p. (Amidicis Tocantins)
DANTAS, Beatriz G. Dança de São Gonçalo. [S.l. s.n. 1976]	FUNDAÇÃO CULTURAL DE MATO GROSSO. Musicas cuiabanas antigas. [S.l. s.n. 1978]	MATO GROSSO. Governo do Estado. Fundacao Cultural de Mato Grosso. [S.l. s.n. 19--]
FRANCELINA, Maria. Do falar cuiabano. [S.l. s.n. 1978]	GALDINO, Feliciano. Lendas mato-grossenses. Cuiabá: Calhão & Filho, 1919. 134 p.	MARTINS, Saul. A dança de São Gonçalo: folclore. [S.l. s.n.] 1954
DRUMMONT, Arnaldo F.; RAMOS, Otavio. Função do cururu. [S.l. s.n. 19--]	Geografia ilustrada. São Paul: Abril Cultural, s.d N° 15.22	MENDES, Francisco Alexandre Ferreira. Folclore mato-grossense. Cuiabá Fundação Cultural de Mato Grosso 1977

Tabela 1: Lista dos livros da Coleção Amidicis Tocantins.

*a tabela foi dividida em sete blocos para melhor visualização.

MENDONÇA, Estevão de. Breve memória sobre a imprensa em Mato Grosso. [S.l. s.n.] 1975	MONTEIRO, Ubaldo. Cuiabaninhos. [S.l. s.n. 1978	REVISTA do instituto campo-grandense de cultura. 1974
MENDONÇA, Estevão de. Datas Mato-grossenses. [s.l.: s.n.] 1973	MONTEIRO, Ubaldo. Flashes dos 250 anos de Cuiabá. [S.l. s.n. 1981	RODRIGUES, Dunga. Uma aventura em Mato Grosso. [S.l. s.n.] 1984
MENDONÇA, Rubens de. Sagas e credices de minha terra natal. [s.l. s.n.] 1969	MOTA, Ático Vilas-Boas da. Rezas, benzeduras et cetera. [S.l. s.n.] 1977	RODRIGUES, Dunga. Reminiscências de Cuiabá. Goiânia: Cinco de Março, 19--. 181 p.
MENDONÇA, Rubens de. Historia do jornalismo em Mato Grosso. [s.l. s.n.] 1963	MOURA, Carlos Francisco. Artes plásticas em Mato Grosso nos séculos XVIII e XIX. [S.l. s.n.] 1976	RODRIGUES, Dunga. Roteiro Musical da Cuiabania - Caderno Quatro. [S.l. s.n. 1979
MENDONÇA, Rubens de. Nos bastidores da historia mato-grossense. [s.l. s.n.] 1983	NEVES, João Eloy de Souza. Chapada dos Guimarães/ da descoberta aos dias atuais. [S.l. s.n.] 1980	RODRIGUES, Dunga. Os vizinhos. [S.l. s.n.] 1977
MENDONÇA, Rubens de. Ruas de Cuiabá. [s.l.: s.n] 1969	ORTENCIO, Bariano. Dicionário do Brasil central: subsídios a filologia. [S.l. s.n. 1983	RODRIGUES, Firmo José. Figuras e coisas de nossa terra. Cuiabá: Gráfica Mercúrio, 1969. 172 p.
MENDONÇA, Rubens de. Rubens de Mendonça: vida e obra. [s.l. s.n.] 1982	PROENÇA, M. Cavalcanti. No termo de Cuiabá. [S.l. s.n. 1958	RONDON, José Lucídio Nunes. Geografia e historia de Mato Grosso. Cuiabá: [s.n.], 1970. 190 p.
MESQUITA, José de. A cavahada. [S.l. s.n.] 1928	RAMOS, Maria de Lourdes Silva. Menina de Cuiabá. [S.l. s.n. 1983	RONDON, José Lucídio Nunes. No Pantanal e na Amazônia em Mato Grosso. [S.l. s.n.] 1971

Tabela 2: Lista dos livros da Coleção Amidicis Tocantins

SEREJO, Hélio. Balaio de Bugre. [S.l. s.n. 19--]	SERRA, Arnaldo. Páginas íntimas. [S.l. s.n.] 1929
SEREJO, Hélio. Lendas da erva-mate. São Paulo: Vaner Bicego, 1978. 43 p.	SILVA, Corsíndio Monteiro da. Cultura mato-grossense: evocação sentimental. [S.l.: [s.n.], 1972. 19 p.
SEREJO, Hélio. Palanques da terra nativa. Curitiba: O Formigueiro, 1983. 75 p. (Amidicis Tocantins)	SILVA, Hermano Ribeiro da. Garimpos do Mato Grosso. [S.l.: J. Fagundes, [s.d]. 320 p.
SEREJO, Hélio. Pialo bagual. [S.l.: s.n.] 1971.	SIMÕES, Eduardo Valente. Mato Grosso e sua academia. [S.l. s.n.] 1953
SEREJO, Hélio. Sete contos e uma potoca. São Paulo: [s.n.], 1978. 78 p. (Amidicis Tocantins)	TERRA e gente: Mato Grosso Ilustrado. [S.l. s.n.] 1963
SEREJO, Hélio. Zé Fornalha. São Paulo: [s.n.] 1978. 123 p.	_____

Tabela 3: Lista dos livros da Coleção Amidicis Tocantins

A coleção Amidicis Tocantins possui uma organização no catálogo fácil de recuperar, que necessita da obra e que não interfere na recuperação da informação desejada, no entanto, quando diz respeito à conservação, algumas obras são de difícil manuseio.

As interpretações sobre o significado e objetivo da coleção ficarão no campo da hipótese, pois o fato de Amidicis Tocantins ter falecido impede uma entrevista fundamentada na metodologia de Formanek (2005), no qual as respostas do colecionador são primordiais para a classificação. No entanto, a análise da coleção permite criar uma hipótese da raiz que originou a coleção.

Formanek (2005), como discorrido anteriormente, apresenta cinco raízes que fundamentam a necessidade de colecionar: *Collecting has meanings in relation to the self*, *Collecting has meanings in relation to other people*, *Collecting as preservation, restoration, history and a sense of continuity*, *Collecting as financial investment* e *Collecting as an addiction* (FORMANEK, 2005).

Acreditamos que a Coleção Amidicis Tocantins pode ter sido constituída sob quatro objetivos: o primeiro é *Collecting has meanings in relation to the self*, em que o indivíduo coleciona pensando em completar sua interioridade; coleciona elementos que compõem sua subjetividade. É possível considerar também *Collecting has meanings in relation to other people*, pois não podemos julgar com precisão sobre o que a coleção simbolizava para Amidicis, mas acreditamos que a coleção pode representar outras pessoas que eram importantes para o colecionador.

Collecting as preservation, restoration, history and a sense of continuity, pois por meio da temática escolhida para análise Cultura Mato-grossense, foi possível perceber uma preocupação na escolha das obras no quesito representação da cultura do Estado.

As obras, explanadas em forma de tabelas, foram escritas por personalidades relevantes para o Estado, e os livros abordam elementos exclusivamente da cultura, ritos e folclore do Estado.

Outra raiz que pode ser considerada é a *Collecting as an addiction*, pois ao visitar o acervo é possível identificar títulos repetidos, o que pode ser interpretado como um impulso no momento da compra. Essa raiz não será aprofundada, pois a paixão de Amidicis por livros pode ter motivado muitos presentes de pessoas próximas, mas a impossibilidade de contatar o colecionador deixará essa lacuna.

Essa repetição de peças abre várias interpretações, tais como a ausência da preocupação como o objeto seguinte, característica dos colecionadores. Pode também ser que cada livro represente um local diferente ou o momento da compra, o que está relacionado aos critérios para aquisição. Infelizmente, apenas com a análise da coleção, não será possível diluir essa dúvida.

Por conseguinte, considera-se que a Coleção Amidicis Tocantins cumpre o papel de preservar o senso de continuidade, pois está resguardada em uma instituição pública e serve a

população, embora de forma restrita devido às limitações financeiras. Mesmo que o objetivo do colecionador Amidicis Tocantins não fosse esse, é essa a função que a coleção desempenha.

Como discutido, quando reunidos e expostos os livros criam um novo significado por meio da subjetividade do colecionador. Algumas opções podem ser cogitadas pensando na constituição de uma biblioteca, tais como status social, facilidade no acesso à informação desejada ou até mesmo a manutenção do senso de continuidade, com compreendido neste trabalho.

Apesar de compreendermos a coleção Amidicis Tocantins como algo que intenta resguardar o senso de continuidade, é somente a relação entre o colecionador e sua coleção que pode definir a função desta coleção, e a cada inserção de um novo item, o significado pode ser redefinido.

3.2.4 A Coleção Amidicis e as relações conceituais

Após a fundamentação da hipótese de que a Coleção Amidicis Tocantins se caracteriza como a raiz de Formanek (2005) *Collecting as preservation, restoration, history and a sense of continuity*, cabe aprofundar essa hipótese analisando o catálogo por meio da explanação baseada na fundamentação teórica, o que consiste em ler o catálogo na perspectiva de autores que fundamentaram o trabalho. Cabe também analisar de que forma as obras podem representar a memória coletiva e se isso pode ocorrer por meio da explanação dos conceitos de objeto, semióforo e memória literária.

3.2.4.1 Objeto

A explanação prossegue com a análise fundamentada na leitura de Blom (2003), que constitui uma análise voltada para questões de porque determinado livro pertence àquela coleção. Portanto, refletindo a coleção como um objeto, cabe explicar as questões estabelecidas por Blom, (2003), sendo conteúdo temático, sentido simbólico, unicidade e conteúdo descritivo.

Referente ao Conteúdo Temático, através da leitura do catálogo foi possível afirmar que o tema central do acervo são assuntos que correspondem aos Estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. São os Estados onde Amidicis Tocantins viveu, e colecionar obras referentes ao local onde ele morou pode apresentar um duplo significado, já que antes de 1990 a compra de livro pela internet era quase impossível devido às funções limitadas que a internet dispunha. Pode significar também que o colecionador tinha verdadeira paixão por sua terra natal e pelos locais em que viveu, e se interessava em compreender melhor o seu universo social, o que abarca uma análise voltada para o sentido simbólico.

O sentido simbólico é algo que infelizmente não poderemos nos aprofundar, pois requer pesquisas voltadas para o campo da psicologia ou semiótica, o que não se intenta aqui. No entanto, Benjamin (1987 e 2006) entra nessa questão simbólica (compreendida como o que a coleção pode representar para o colecionador), pois ao desempacotar sua biblioteca ele consegue se recordar dos lugares que passou e das lembranças encobertas.

A explanação sobre a Unicidade e questões referente à Descrição das obras serão pontuadas em parceria. No que se refere a pontos extrínsecos dos livros, são abordados neste trabalho como elementos voltados para questões de raridade bibliográfica ou fatores que correspondem ao livro e suas questões como único, isto é, independentemente de outras publicações, o livro possui características que os fazem únicos, e a questão descritiva corresponde à classificação dada pelo colecionador.

Os pontos que colaboram para o livro apresentar importância além do conteúdo informativo permitem compreendê-lo como um objeto, pois como foi discutido, os livros compreendidos como objetos apresentam fatores que ressaltam sua importância voltada para outros elementos, pois esses os tornam item de contemplação devido ao valor simbólico que carregam. No entanto, para que essa subjetividade possa ser aprofundada é preciso ter a presença do colecionador, o que não é possível com a coleção estudada.

O que contribui para compreender o livro como um objeto são os elementos que tornam o livro algo passível de contemplação e cuja informação é transmitida pela própria existência, abarcando valores históricos e artísticos que empregam ao livro a independência da leitura, o que não precisa obrigatoriamente ocorrer para a sua função ser cumprida. A presente análise não se aprofundará no ponto sobre o livro como um objeto raro e/ou artístico, mas sim em discussões sobre o livro enquanto objeto a partir da leitura de Baudrillard (2004).

Por meio da leitura de Miller (2013), destaca-se a compreensão de que os livros são elementos que transmitem a cultura da sociedade, além daquilo que somos e fazemos. E pensando nos livros da coleção Amidicis Tocantins, pode-se reconstituir a totalidade privada do colecionador, apresentando o seu mundo pessoal. Em função das escolhas de Amiciticis, a Coleção pode transmitir os elementos culturais da sociedade para a sociedade, destacado nesta análise como a evolução literária dentro do Estado.

Nesse contexto, os livros assumem um significado além de informar, portar e mediar informação textual e iconográfica. A sua existência em uma prateleira e a combinação com outros elementos e itens que compõem a coleção apresentam o sentido do livro como um objeto.

Trabalhando na revisão de literatura na perspectiva do livro abordado como um objeto e refletido no panorama do colecionismo, destaca-se um ponto abordado pelo teórico Baudrillard (2004) a respeito da complexidade: a função de um objeto na coleção a fim de sanar problemas práticos e um conflito social e psicológico. A vista disso, sem a presença do colecionador é impossível se identificar porque ele é colecionado; porque determinado item está na coleção. E mesmo com a presença do colecionador, acreditamos que apenas a psicologia apresenta respaldo teórico para se aprofundar nesta questão. A memória, portanto, deve ser trabalhada como uma resposta a um conflito social, o que será aprofundada mais a seguir.

3.2.4.2 Semióforo

É construída uma leitura na obra de Pomian (1984) para se elaborar uma reflexão na perspectiva da Coleção Amidicis Tocantins, e é possível destacar como características de um semióforo a exposição ao olhar e a inexistência de uso, sendo esse um canal entre o visível e o invisível ausente do sentido de tato. Assim, cabe refletir sobre a Coleção Amidicis como um semióforo.

Sob a leitura de Pomian (1984, 1998), Murguia (2007), ao trabalhar a questão do livro como semióforo, destaca as seguintes características: o livro pode ser usado e realçado por sua relevância além da mediação da informação. É uma ponte entre o invisível e o visível, e

mesmo mantendo todas as características iniciais de um livro, ainda assim pode ser classificado como um semióforo.

A questão do semióforo é ligada ao espetáculo, em que existe um contato mais visual que de toque. Quando se trata de livro essa regra não é aplicada, pois como afirma Pomian (1998), a própria estrutura do livro remete ao toque e ao contato manual para a leitura.

Pensando a Coleção Amidicis Tocantins como semióforo, vale destacar que os livros são mantidos separados do acervo corrente devido a sua importância e podem ser consultados por pesquisadores porque sua importância é reconhecida. O semióforo designa aquilo que todos os objetos têm em comum, dessa forma, o elemento que a Coleção Amidicis tem é a importância sociocultural pensada como um elo que a coleção exerce entre o conhecimento e a sociedade.

No entanto, a Coleção Amidicis não apresenta a questão da exposição, e essa capacidade de ser um semióforo não é explorada. As questões ligadas àquilo que a Coleção Amidicis simboliza, tais como a ligação entre o visível e o invisível, podem sim, ser consideradas, mas o fator exposição e espetáculo visual não, o que faz da Coleção um semióforo em potencial.

3.2.4.3 Memória literária

Cabe agora construir uma reflexão sobre a Coleção Amidicis Tocantins e sobre o conceito de memória literária trabalhando-se a revisão de literatura.

A importância da Coleção como Memória Literária se deu por meio das edições encontradas na análise da Coleção, pois as obras possuem um trajeto cronológico desde a origem da imprensa no Estado do Mato Grosso até os últimos anos de vida do colecionador. Apresentam também várias personalidades relevantes para a história e cultura do Estado, tais como os livros de Rubens de Mendonça, que apresentam relevância por abordarem a histografia do Estado do Mato Grosso, e que de acordo com o catálogo da Biblioteca Central da UFMT são todos da primeira edição.

Todas as obras reunidas apresentam outro fator que as classificam como relevante, pois devido à dificuldade em adquirir as obras, ainda mais pertencendo elas à primeira edição, valorizam o acervo. Trata-se de um dos elementos que as tornam preciosas, fato constatado em pesquisas anteriores (SANTOS, 2010). Os livros apresentam também fatores históricos de Mato Grosso do Sul.

Por meio desta pesquisa inicial foi possível encontrar obras de escritores importantes para a literatura mato-grossense, tais como Hélio Serejo, Dunga Rodrigues e Rubens de Mendonça, entre outros. O acervo possui livros com edições esgotadas, que de acordo com informações disponíveis nos sites das editoras não tiveram novas reimpressões. Grande parte do acervo é composta por obras de primeira edição, o que ressalta a importância do acervo e evidencia um dos critérios utilizados por Amidicis Tocantins para inserir obras em sua coleção.

Durante buscas no site da Universidade Federal do Mato Grosso, constatou-se também que alguns dos autores são relevantes por serem fundadores de instituições de âmbito cultural no Estado ou por serem pioneiros em aspectos artísticos. A Coleção Amidicis Tocantins é um reduto das produções intelectuais construídas por mato-grossense ou sobre o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Cabe destacar o bem cultural que a coleção se torna, já que se apresenta como um documento para a sociedade e um ambiente com as principais obras que tratam da cultura do Estado, o que possibilita um estudo aprofundado sobre a origem do Estado.

A memória coletiva pode ser compreendida devido à representatividade que a Coleção possui, o que pode ocorrer por meio do aprofundamento dos conceitos de Memória Literária.

A Coleção Amidicis Tocantins representa o todo por meio de informações de cunho histórico e social. Por mais que foram formadas pensando em responder a questões psicológicas de quem a formou, dentro de uma instituição elas cumprem o papel de informar. E a forma como essa praticidade pode ligar o invisível ao invisível e manter o senso de continuidade é refletido no conceito de memória literária.

Acredita-se que a memória literária é o conceito mais adequado à Coleção Amidicis Tocantins, uma vez que a Coleção compreende a memória literária do Estado, e também se

levando em consideração as condições que as obras se encontram, pois para se definir memória literária, independe-se da exposição, mas apenas do conteúdo temático da Coleção.

3.2.4.4 O lugar de memória

A palavra “lugar” remete a um espaço no qual o sujeito se sinta seguro. É também um ambiente imbricado de experiências onde o indivíduo organiza sua existência e o seu lugar no mundo. Com tal característica, esse lugar seria um ambiente propício para se manter o vínculo entre o passado e futuro que existe no presente como um local comum para a sociedade (TUAN, 1983).

Nora (1981) parte do pressuposto de que a memória não existe mais e, dessa forma, esses lugares são necessários porque o sujeito necessita transmitir a memória a outros. De acordo com o pressuposto do autor, os meios para isso seriam a tradição, a identidade e a troca de valores, e como a sociedade está perdendo esses meios, o autor salienta a necessidade de criação de lugares de memória.

Refletindo a Coleção Amidicis na perspectiva do lugar de memória, percebe-se que a coleção se torna um lugar comum para eventos coletivos. Seria uma forma de simbólica de representar a identidade e os costumes da sociedade; seria o ponto comum para a sociedade mato-grossense.

As multiplicidades individuais também devem ser ressaltadas. Qualquer indivíduo pode colecionar livros, no entanto, a Coleção Amidicis Tocantins se encontra em uma instituição pública e as obras do autor, no que se refere ao seu conteúdo temático, representam o Estado do Mato Grosso.

Nora (1981) ainda pontua que um lugar de memória deve ser “material, simbólico e funcional” (NORA, 1981, p. 21). Por meio da análise da Coleção, entende-se que ela compreende duas instâncias: material e simbólica. Material por abordar aspectos da população, e simbólica porque caracteriza aspectos que foram vividos. No entanto, ela não é funcional, pois, como mencionado anteriormente, funcional “[...] garante, ao mesmo tempo, a cristalização da memória e sua transmissão” (NORA, 1981, p.22). Como foi constatado na coleta e análise dos dados, a memória contida na coleção não é transmitida.

A Coleção Amidicis Tocantins pode ser compreendida como um lugar de memória porque consegue conservar os rastros da sociedade e a continuidade da tradição. No entanto, para que seja compreendida como tal, a Coleção Amidicis precisa evidenciar esses vínculos com a sociedade que ela representa.

3.3 Coleção Amidicis Tocantins e a Memória Coletiva

Os meios que a memória pode encontrar para se manifestar foram discutidos no capítulo segundo. No entanto, algumas considerações serão retomadas para analisar a Coleção Amidicis, entendida como capaz de representar a memória social por meio do conceito de memória literária.

O indivíduo, para recordar, pode contar com auxílio de testemunhos que servem de caminho para a criação do laço entre passado e presente. Isso ainda na compreensão de Halbwachs (2003), que afirma que a memória individual foi suprimida pela memória coletiva, portanto, toda memória é coletiva.

Para que a sociedade tenha representações da memória coletiva, Jeudy (1990) afirma que existem relatos de vida, restos e vestígios; pontos de referência de um passado. Pierre Nora (1987) afirma que existem Lugares de Memória, em que a memória deixa de existir e relega sua existência aos lugares.

Os vínculos socialmente construídos permitem que os atores sociais construam suas representações e seus pontos de acesso no momento de evocar sua memória. O livro como objeto está ali para sanar problemas de ordem social e psicológica, o que não casa com o conceito de memória, pois não se trata de um conflito, mas de um elo entre passado e presente que mantém o vínculo com a sociedade.

Para que possam representar a memória coletiva, os livros devem ser interpretados na perspectiva da memória literária. Tudo que já foi trabalhado anteriormente permite afirmar que uma coleção de livros pode representar a memória.

O conceito de memória literária é pouco aprofundado na área. Na verdade, todas as discussões em torno da formação de coleção dentro da Biblioteconomia e Ciência da

Informação carecem de maior atenção; observação constatada devido ao baixo número de publicações nas bases de dados do Portal Periódico CAPES e publicações do Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, além de afirmada no trabalho de Murguia (2007).

Ao comentar interdisciplinaridade nos estudos sobre colecionismo, Murguia (2007) pontua que o campo que aborda a formação de Coleção na biblioteconomia cresceu fundamentado pela Administração, e que isso fez com se desse mais atenção a questões burocráticas e se deixasse de lado a contextualização histórica das obras, bem como o fator colecionador.

A Memória Literária também permite a ligação entre o visível e o invisível. Pois, no caso da Coleção Amidicis, ela apresenta o trajeto literário do Estado do Mato Grosso; a ligação entre o visível e o invisível vem por meio do senso de continuidade, em que Amidicis, por meio de um critério de ordem subjetiva, respondeu a importância de ordem sociocultural.

A memória coletiva, sendo aquela que mantém a estrutura do grupo e o senso de continuidade, pode ser recuperada por meio de rastros, vestígios, e no caso da Coleção Amidicis Tocantins é um rastro da memória coletiva nomeado de memória literária. Assim, é possível descrever e entender o trajeto intelectual de Amidicis Tocantins.

A morte de Amidicis impede uma análise baseada na experiência de Benjamin (2006) e limita as questões subjetivas que fundamentam a Coleção. No entanto, a Coleção é capaz de ser um repositório da memória coletiva por meio da existência da memória literária.

Se analisados individualmente, os livros podem apresentar outros aspectos que correspondem à memória coletiva, mas o livro como unidade em uma coleção representando a memória pode e deve ser analisado em outra pesquisa.

CONSIDERAÇÕES

Abordar a Coleção Amidicis Tocantins como objeto de estudo ao longo destes sete anos proporcionou um aprendizado voltado para a questão de coleções especiais, acervo raro, colecionismo bibliográfico e memória coletiva. Esse aprendizado trouxe a certeza de que há muitas vertentes para se aprofundar e há muita coisa a descobrir com a contribuição de estudos voltados para a constituição de acervos especiais em instituições públicas ou em âmbito particular.

Por meio da corrente teórica escolhida, em que um suporte para a informação é potencialmente informativo, e que esse fenômeno, de acordo com Buckland (1991), trata de informação como coisa é que apresentaremos nossas considerações a respeito do trabalho, tendo em vista que a informação é circunstancial e que para ser classificada como tal o indivíduo deve levar em consideração o ponto de vista de quem necessita de determinada informação.

Nessa perspectiva, os objetivos serão retomados visando uma explicação sobre o que se tentou fazer e o que foi feito. Iniciemos então com os objetivos específicos.

- Analisar, no âmbito da Ciência da Informação, os termos coleção, objeto, memória e lugar de memória, estabelecendo um diálogo entre esses conceitos.

Conforme as discussões em torno do conceito de Coleção elaborada no primeiro capítulo deste texto, foi compreendido, por meio da leitura de Baudrillard (2004), que uma coleção de objeto representa elementos íntimos do indivíduo colecionador, transmite a razão de ser do colecionador e é um espelho de sua essência.

Durante a leitura de Baudrillard (2004), Pomian (1984) e Blom (2003) foi possível destacar um fator que os autores apresentam em comum: de um modo amplo, a coleção responde a uma necessidade subjetiva criada pelo colecionador, o que Baudrillard (2004) afirma ser uma resposta a algum problema de ordem prática, social e/ou psicológica. No entanto, para melhor compreender essa necessidade subjetiva, é preciso um aprofundamento teórico no campo da psicologia e da psicanálise, o que não é o objetivo do presente trabalho.

Dentro de uma biblioteca, uma coleção se desenvolve voltada para responder objetivos da instituição, acompanhada de critérios baseados em processos e com etapas voltadas para a necessidade de informação da comunidade a qual atende.

A coleção é entendida como um rastro intelectual do colecionador. O livro pode manter a sua funcionalidade como tal ou não, ser destacado por alguma particularidade e quando exposto ao olhar, constitui-se um objeto ou semióforo que permite uma ligação entre o visível e o invisível.

As razões que motivam a formação de uma coleção individual e privada e que levam um indivíduo a eleger um item e guardá-lo são questões que o campo da Ciência da Informação ainda não respondeu, uma vez que é preciso uma parceria com as ciências que tratam do subjetivo do ser humano e que adentram o campo mental onde as respostas para essas questões estão.

A área da biblioteconomia, que se dedica à formação e ao desenvolvimento de coleções, possui diretrizes que estabelecem políticas norteadoras desse processo dentro de uma instituição voltada apenas para questões administrativas e de ordem burocrática. Como discorrido anteriormente, a formação de uma coleção no contexto institucional é fundamentada em estudos da comunidade a qual pertence.

Em âmbito particular, o colecionador assume para ele, como parte dele e entende como extensão de si a coleção construída, e cabe ressaltar que de acordo com Baudrillard (2004), a relação entre os objetos é que se denomina coleção.

Pensando nos aspectos que determinam o item como objeto, vale ressaltar que se trata de tudo aquilo que auxilia o ser humano em sua função cotidiana, e que cuja finalidade deve satisfazer as necessidades subjetivas do homem. Moles (1972) ressalta a importância do envolvimento humano com os objetos para a cultura e a evolução humana. E para ser classificado como um objeto o item deve ser especificado e reconhecido por sua representatividade, e não pela função para o qual foi criado.

Memória, então, é a forma de preservar traços e rastros do passado da sociedade. Está presente nos indivíduos e sobrevive apenas com a existência dele. Nesse contexto, os indivíduos encontram meios para relegar suas experiências e é dessa forma que surgem os lugares de memória.

Assim, o primeiro o objetivo específico foi alcançado, e as leituras elaboradas para atingir esse objetivo trouxeram conceitos que complementaram o trabalho e contribuíram para o alcance do objetivo geral, como é o caso do conceito de semióforo e de memória literária. Proporcionaram discussões convenientes para nossa proposta e forneceram todo o respaldo teórico para analisar a Coleção Amidicis Tocantins *in loco*. O segundo objetivo é um complemento do primeiro, pois que consiste em:

- Analisar *in loco* a Coleção Amidicis Tocantins a fim de coletar informações e interpretar por meio da literatura as questões pertinentes ao significado e à finalidade da coleção.

A metodologia utilizada para a elaboração da análise da coleção correspondeu as orientações dispostas por Yin (2001) sobre Estudo de Caso, o que possibilitou um olhar direcionado e mais amplo em relação ao caso estudado.

Foi possível perceber algumas lacunas técnicas no que diz respeito à conservação e à preservação e, de uma forma mais pontual, percebeu-se também a inatividade da Coleção Amidicis Tocantins, isto é, a ausência de contextualização e conhecimento por parte da instituição da importância da Coleção. Mesmo a instituição ter tratado da classificação e catalogação da coleção, Weitzel (2006) afirma que algumas instituições inserem em suas políticas a questão da preservação e conservação das obras.

Quando a importância de item é evidenciada, a preservação desse item é justificada. Se foi escolhido, é porque foi considerado informação para quem o escolheu (Buckland, 1991). No contexto institucional, ele também foi escolhido considerando o seu valor informativo, no entanto, muitos problemas relacionados à preservação e à conservação da Coleção foram destacados.

A instituição está passando por problemas estruturais e não dispõe de recursos financeiros para a capacitação pessoal e o tratamento adequado das obras. No entanto, o fator pontual para a pesquisa é que toda a documentação que diz respeito ao processo de doação não é de conhecimento dos funcionários, bem como os critérios pelos quais a instituição aceitou a doação do acervo e os compromissos que ela assumiu.

Como a instituição não possui tais documentos, se torna inviável o conhecimento da importância da obra, o que se constatou na entrevista. Espera-se que o acordo intentado pelos

bibliotecários da Biblioteca Central com o NHDIR ocorra, e assim os aspectos obscuros e de extrema relevância para a instituição serão considerados e podem auxiliar na evidenciação da coleção para angariar recursos necessários para a manutenção da Coleção. Como o colecionador já é falecido, o significado da coleção permeia a hipótese que simboliza o senso de continuidade.

A visita à instituição, após a construção teórica, foi primordial para o cumprimento do terceiro objetivo específico, que constituiu em:

- Apresentar de que forma a Coleção Amidicis Tocantins pode representar a memória social, refletindo também nos motivos pelos quais a coleção foi escolhida pela instituição.

Os motivos pelos quais a coleção foi escolhida pela instituição ficaram um pouco imprecisos, aparentemente não obedecendo a nenhuma política de seleção e aquisição da instituição. Por meio de pesquisa e entrevista, a informação que se obteve foi de que tudo ocorreu de forma fraternal, e que o irmão do colecionador, na época também professor da Universidade Federal do Mato Grosso, intercambiou o processo em parceria com a esposa de Amidicis Tocantins.

Para a elaboração da análise, foram utilizados apenas os livros classificados em Cultura Mato-grossense, visando compreender a importância das obras contidas nessa classificação para a instituição e para a comunidade acadêmica e entendendo a constituição dessa coleção na perspectiva da memória coletiva. A análise ocorreu por meio dos conceitos que foram trabalhados.

Por meio do resultado da análise percebeu-se que a ligação entre uma coleção bibliográfica e a memória coletiva pode ser dar por meio do livro como objeto pensado em seu aspecto extrínseco e intrínseco. O extrínseco ocorre por meio do conceito de semióforo, pois pode conter significados simbólicos e manter o senso de continuidade quando inserido no seio de uma coleção. No aspecto intrínseco, cabe o conceito de memória literária, pois o ponto intrínseco destacado diz respeito à temática do livro e à forma como a memória pode ser constituída por meio do conteúdo. O tema em comum existente na coleção diz respeito a assuntos do Estado do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul, abrangendo literatura, cultura e

sociedade. É o que Baudrillard (2004) denomina de ponto comum existente quando se trata de uma coleção.

No que tange o objetivo geral, “identificar e discutir a relevância de uma coleção institucionalizada na configuração da memória coletiva, no âmbito da Ciência da Informação, por meio do estudo do caso da Coleção Amidicis Tocantins”, acreditou-se que era necessário fazer todo o percurso para a sua abordagem.

O que se alcançou no trabalho é que a Coleção Amidicis Tocantins preservou a memória coletiva, seja o livro analisado como um objeto semióforo em seus aspectos extrínsecos ou por meio da memória literária nos aspectos intrínsecos.

A Coleção Amidicis Tocantins serve como ponto de referência, e é possível compreender a evolução do pensamento crítico e cultural Mato-grossense, bem como suas correntes artísticas. Como Suano (1986) salienta, esses objetos servem como possíveis pontos de reflexão.

Quando se intentar refletir sobre as formas de se trabalhar o passado de um objeto, acreditamos, após leituras, que o primeiro ponto é sua forma e estrutura, que fornecem informação sobre o período que tal item pertenceu. Portanto, os livros da Coleção Amidicis podem narrar a origem da imprensa no Mato Grosso.

Outro ponto que remete ao passado diz respeito às reminiscências construídas pelo colecionador, como trabalhado por meio da leitura de Benjamin (1987 e 2006). Devido ao falecimento do colecionador, a Coleção Amidicis é trabalhada aqui como o rastro intelectual de colecionador que objetiva manter o senso de continuidade.

Os livros não deixam sua finalidade por completo; mantêm a questão simbólica e funcional. Mesmo implicando a seletividade dos fatos, a memória apresenta várias ferramentas para se manifestar e se materializar.

Refletindo sobre a ligação com o passado por meio da estrutura física de um item e por meio da representatividade que a coleção tem para seu colecionador, cabe considerar que uma coleção em meio público ainda preserva ambas as considerações e passa a representar a memória coletiva, pois mesmo não sendo contextualizadas, as obras servem como ponto de

referência para o passado por meio dos traços de objeto semióforo e da memória literária, importantes para a memória coletiva.

Destaca-se também que é necessária a continuidade de estudos sobre a relação entre coleções bibliográficas e memória coletiva dentro da Ciência da Informação. É possível abordar essa relação e se aprofundar em suas nuances, tal como a questão da memória literária e colecionismo, pois são aspectos presentes na sociedade que necessitam de reflexão científica. Essa abordagem pode contribuir para um melhor trabalho dentro das instituições que recebem acervos de personalidades de relevância social ou acervos de obras raras.

REFERÊNCIAS

- AECIM Tocantins e família lançam livro “Amidicis Tocantis – Prosa e Poesia”. Disponível em:<<http://www.al.mt.gov.br/TNX/imprime.php?cid=24389&sid=44>>. Acesso em: 26 de junho de 2014.
- ANDRADE, Cyntia. Lugar de memória... memórias de um lugar: Patrimônio imaterial de Igatu, Anadaraí, BA. **Passos**. v.6, n°3, p.569-590. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308_13.pdf>. Acesso em: 19 de junho de 2014.
- BAUDRILLARD, Jean. A moral dos objetos: função-signo e lógica de classe. In: **Semiologia dos objetos**: seleção de ensaios da revista “communications”. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: **Rua de mão Única**: Obras escolhidas. V. II. Brasiliense: São Paulo, 1987.
- BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2006 p.237-245
- BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN. Disponível em:<<http://www.bbm.usp.br/>>. Acesso em: 26 de junho de 2014.
- BLOM, Philipp. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BLONDEL, Charles. A memória. In: **Introdução à Psicologia coletiva**. Fundo editorial: Rio de Janeiro, 1952.
- BORDINI, Maria da Glória. Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira. Disponível em:<<file:///C:/Users/Admeire%20Santos/TEXTOS/ALEAT%20C3%93RIOS/BORDINI.pdf>>. Acesso em: 17 de julho de 2014. **Patrimônio e memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 35-54, jun. 2009.
- BORDINI, Maria da Glória. Memória Literária e novas tecnologias. **Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, Porto Alegre, v. 7, n. 2 p. 31-5, jun. 2001
- BORDINI, Maria da Glória. Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira. **Patrimônio e memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 35-54, jun. 2009
- CADÔR, Amir Brito. **Coleção especial**: livros de artista na biblioteca. Disponível em:<<http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/33>>. Acesso em: 21 de agosto de 2014.
- CASA Silva Freire. **O poeta por ele mesmo em Silva Freire – social, criativo, didático (1986, p.323-331)**: Disponível em:< http://casasilvafreire.org.br/O_Poeta>. Acesso em: 15 de setembro de 2014.
- CATÁLOGO Do Acervo Bibliográfico De Yasmin Jamil Nadaf. Disponível em:< http://www.yasminnadaf.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=32&Itemid=36>. Acesso em: 16 de setembro de 2014.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegado**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 103 p.

CLUBE DA LUTA. Direção: David Fincher. Produção: Art Linson; Ceán Chaffin; Ross Grayson Bell . Intépretes: Brad Pitt; Edward Norton; Helena Bonnam Carter e outros. Roteiro: Jim Uhls. Música: Dust Brothers. Estados Unidos: Fox, 1999. 1 DVD (139 min), color. Produzido por: Regency Enterprises.

COMEDOR de ópio. Aline Figueiredo: Artes plásticas no centro-oeste. Disponível em:<
<http://comedordeopio.blogspot.com.br/2011/12/aline-figueiredo-artes-plasticas-no.html?zx=5d2f4c70e767f224>>. Acesso em: 15 de setembro de 2014.

DOAÇÃO de acervo privado. Galeria de fotos. **Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**. Disponível em:<<http://www.ihgmt.org.br/fotos/thumbnails.php?album=9>>. Acesso em: 26 de junho de 2014.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins fontes, 2007.

É BEM MATO GROSSO. Conheça a história da cineasta Glorinha Albuês. Exibido em: 20/07/2013. Disponível em: <http://globotv.globo.com/tv-centro-america/e-bem-mato-grosso/v/conheca-a-historia-da-cineasta-glorinha-albues/2703693/>. Acesso em: 14 de setembro de 2014.

ECO, Umberto. **A memória vegetal e outros escritos sobre a bibliofilia**. Record: Rio de Janeiro, 2010.

ECO, Umberto; CARRIERE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EDUFMT LANÇA ``Prosa & Poesia`` de Amidicis. UFMT. Disponível em:<<http://www.ufmt.br/noticias/noticia/13258/edufmt—lanca-%60%60prosa-&-poesia%60%60-de-amidicis>>. Acesso em: 26 de junho de 2014.

ENDERS, Armelle. Les lieux de mémoire, dez anos depois. **Estudos Históricos**. 1993. Disponível em:<
http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/resenha_Lieux_de_memoire_dez_anos.pdf>. Acesso em: 09 de abril de 2014.

ESCARPIT, Robert. **A revolução do livro**. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, ano.

FORMANEK, Ruth. Why they collect: collectors reveal their motivations, In: PEARCE, Susan (Organizadora). **Interpreting objects and collections**. New York: Routledge, 2005. 343 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. Atlas: São Paulo, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.

HUBERTO Espíndola. Disponível em:< http://www.humbertoespindola.com.br/001-index_frameset.htm>. Acesso em: 15 de setembro de 2014.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídias. Rio de Janeiro: Aerplano, 2000. 116p

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Forence Universitária: Rio de Janeiro, 1990.

JOSÉ DE MESQUITA. Disponível

em:<<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>>. Acesso em: 16 de setembro de 2014.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como um processo. In: **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008.

LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. M. Campinas, SP Editora da UINICAMP, 1990.

MAIOR BIBLIOTECA de MT mantém ala de obra rara. **G1**. 29/10/2012. Disponível em: <<http://m.g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2012/10/maior-biblioteca-de-mt-mantem-ala-de-obras-raras-g1-visitou-acervo.html>> .Acesso em: 31 março de 2015.

MARX, Karl. O fetichismo da mercadoria: seu segredo. p.79-93. In. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1. O processo de produção do capital. São Paulo: Difel, 1985.

MARQUES, Reinaldo. Memória literária arquivada. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**. v.18. N° 1. 2008. Disponível

em:<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1442/1540>>. Acesso em 21 de agosto de 2014.

MENESES. Ulpiano T. Bezerra. **Memória e Cultura Material**: Documentos Pessoais no espaço público. Estudos Históricos, 1998. p.89-103. Disponível

em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2067/1206>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológico sobre a cultura material. Zahar: 2013.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros**: Reencontros com o tempo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Companhia das letras, 1997. 231p.

MOLES, Abraham A. Objeto e comunicação. In: **Semiologia dos objetos**: seleção de ensaios da revista “communications”. Petrópolis: Vozes, 1972.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**: Prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir para de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2005. 207p.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma reflexão sobre o livro para além da informação. **Questão em rede**. Disponível em:<

<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/351>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: o problema dos lugares. **Revista do programa de Pós-graduados e do departamento de história da PUC-USP**. São Paulo: [S.I.], 1981.

OLIVEIRA, Cláudio. A prosa e a poesia de Amidicis. **Diário de Cuiabá**. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=362001>>. Acesso em: 26 de junho de 2014.

OLIVEIRA, Eliane Braga de ; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/416/298>>. Acesso em: 13 de novembro de 2014. Liinc em Revista, v.7, n.1, março 2011, Rio de Janeiro, p. 311 – 328

PEDRÃO, Gabriela Bazan; MURGUIA, Eduardo Ismael. Formação das bibliotecas: uma abordagem desde a perspectiva do colecionismo. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**. v. 19, n.2 – Jul./Dez. 2013 Disponível em: <<file:///C:/Users/Admeire%20Santos/Downloads/36306-201443-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

PEDROCHI, Mara Angélica. **A Coleção de automóveis de Eduardo André Matarazzo: O Processo de institucionalização de uma coleção**. Tese. 314 f. Marília, UNESP: 2007.

PEARCE, Susan (Organizadora). **Interpreting objects and collections**. New York: Routledge, 2005. 343 p.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. **Livro raro**. Antecedentes, propósitos e definições. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://www.esnips.com/doc/71d21837-de1c-427a-80d8-3e2730e8781c/art_03>. Acesso em: 15 de jun. 2009.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: GIL, Fernando (org.). **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51- 86.

POMIAN, Krzysztof. **Memória**. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000. v. 42 (Sistemática), p. 507- 516.

POMIAN, K. História cultural, história dos semióforos. RIOUX, J-P; SIRINELLI, J-F (Orgs.). In: **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 05 n. 10, 1992. p.200-212.

POLLAK, Michael.. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

PORTAL Mato Grosso. Disponível em: <<http://www.mtseusmunicipios.com.br/>> Acesso em: 16 de setembro de 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. O que é e o que não é um livro: suportes, gêneros e processos editoriais. In: **Simpósio Internacional de Gêneros Textuais – SIGET**, Natal: UFRN, n. IV, 2011. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Ana%20Elisa%20Ribeiro%20%28CEFET-MG%29.pdf>

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Unicamp, São Paulo.

SANTOS, Myrian Sepulveda. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2012. 2ª edição.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria nacional**. São Paulo: Annablume, 2013.

SANTOS, Admeire da Silva. A Coleção Amidicis Tocantins da Biblioteca Central da UFMT: relatos da situação atual do acervo histórico. **4º seminário em Ciência da Informação SECIN**. Ciência da informação: ambientes e práticas na contemporaneidade. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2011/secin2011/paper/viewFile/68/25>>. Acesso em: 29 de setembro de 2014.

SANTOS, Admeire da Silva; ALBUQUERQUE, Ana Cristina. Estudo Do Tratamento Técnico Das Obras Raras Da Biblioteca Central Da UFMT: uma proposta de manualização para critérios de raridade bibliográfica. 2010. **Biblionline**. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/9619/5233>>. Acesso em: : 29 de setembro de 2014.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **Sobre a coleção Amidicis Tocantins**. E-mail recebido em: 17 de agosto de 2010.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Catálogo temático Coleção Amidicis Diogo Tocantins. Cuiabá, 1996.

SOUZA, Ilza Matias de . **Câmera Cascudo**: viajante da escrita e do pensamento nômade. Natal: UFRN, 2006.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 101 p. (Coleção Primeiros Passos, 182)

TOCANTINS, Amidicis. **Prosa e Poesia**. Cuiabá:UFMT, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VASCONCELLOS, Eliane. Preservação da memória literária. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp; Fapesp, 1999.

YIN, Rbert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis APB, 1989.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A:

ROTEIRO UTILIZADO PARA OBSERVAÇÃO DIRETA E ENTREVISTA

Coleta de evidências por meio de observação e entrevista.

A análise foi construída por meio de dois itens, sendo as observações no acervo e a entrevista concedida pelo bibliotecário Carlos. Portanto, segue o roteiro utilizado para a observação e entrevista.

Objetivos:

- Consultar o acervo e registrar fotos;

A transcrição de todos os livros que compõem a coleção, tem por objetivo o conhecimento de todas as obras reunidas pelo colecionador, pois é importante traçar um histórico dos livros adquiridos pelo colecionador para ver se uma coleção de fato retrata a biografia de quem as coleciona.

- Selecionar alguns livros da coleção para uma análise mais profunda, visando compreender aspectos peculiares;

Entender o porquê estão inseridos na coleção, pois alguns livros podem estar inseridos por representarem algum fato importante para sociedade e principalmente para a vida do colecionador.

- Registrar por meio de fotos o acervo;

Pensamos em registrar por meio de fotos, caso a biblioteca permita tal registro, pois é interessante para o leitor da pesquisa ter conhecimento por meio da imagem e descrição das obras as quais o estudo se refere; outra justificativa se dá pelo fato de que a análise continuará posteriormente a visita;

- Entrevista com o responsável pela Coleção Amidicis Tocantins;

A entrevista com a bibliotecária visa preencher lacunas que observação ocular possivelmente não virá a preencher, como por exemplo, ter o conhecimento de projetos que viabilizem a interação da população com as obras, ou se existe alguma tipo de interesse por parte da instituição em futuramente viabilizar as obras à população, e outros;

Material

- Gravador,
- Câmera fotográfica;
- Caderneta para anotações.

4.3.4 Questionário

1 Qual a importância da coleção Amidicis Tocantis para a instituição e para a sociedade e comunidade acadêmica ?

2 Existe alguma interação entre a coleção e público geral ?

3 Os usuários tem conhecimento da importância do acervo ?

4 O acervo é tombado como patrimônio cultural ou possui algum tipo de diferenciação do acervo corrente ?

5 Existe algum estudo que aborde a importância do acervo ?

APÊNDICE-B

ENTREVISTA COM CARLOS HENRIQUE TAVARES DE FREITAS CRB - 1 n° 2.234 –
Bibliotecário da Biblioteca Central da Universidade Federa de Mato Grosso.

Data da entrevista: 30/05/2014

Local: Biblioteca Central da Universidade Federal do Mato Grosso

Realização e transcrição: Admeire da Silva Santos

Pergunta: A coleção tem alguma importância para a instituição?

Resposta: Sim, nós vamos estudar. Mas ela tem importância porque é uma fonte histórica muito útil aqui para as pesquisas, aqui nós temos cursos na área de ciências humanas, sociais né, é... são várias áreas sociais aplicadas mesmo, é curso de sociologia, história, geografia, até outras áreas eles encontram materiais úteis, né, aqui sobre a região e sobre o Brasil mesmo e até sobre pesquisadores estrangeiros no Brasil. E eles utilizam a demanda, não tem a mesma demanda do acervo corrente. Mas tem uma importância muito diferente, porque às vezes o material que ele não encontra em outro lugar ele vai encontrar na coleção, então ela tem sua importância.

Pergunta Existe algum programa para a interação com o público em geral, exposição? Porque eu tinha visto no site do G1 que estava tendo alguma exposição relacionada ao acervo, é algum projeto da biblioteca?

Resposta: Não, nós pensamos em elaborar um projeto, já estamos pesquisando, fazendo alguns estudos para melhor a organização, a preservação e o acesso a esses materiais, mas no momento não tem nada ainda em andamento, estamos planejando, vendo a melhor alternativa, até porque isso vai envolver recursos.

Entrevistadora: Sim, verdade. E instituição pública é mais complicado.

Resposta: Mas complicado. Talvez seja necessário alguma parceria com alguma instituição ou algum órgão de fomento.

Pergunta: E os usuários não tem conhecimento da importância desse acervo, geralmente o pessoal da história, né, de humanas que tem, né?

Resposta: Sim, ela não é uma coleção tão divulgada e às vezes o que dificulta um pouco pelo fato de não ser uma sala de acesso aberto.

Entrevistadora: Verdade...

Resposta: Nós não procuramos assim... é liberar o acesso, até porque o material ele não é um material fácil de você organizar e de conservar, tem material ali que ele tá até desmanchando assim, mas é material assim, raríssimo. Você não tem como dispor desse material, deixar o pessoal manusear livremente, mas ele tem a possibilidade de pegar ele, tem acesso e pesquisar aqui. Uma das formas de acesso, inclusive é que tá tudo catalogado na base do Pergamum, e se a pessoa pesquisar, ele pode localizar ele no Pergamun e anota o seu código e pode vir procurar, pedir para o bibliotecário.

Pergunta: Não tem nenhum... ele não é tombado como patrimônio cultura?

Resposta: Não, ele não tem nenhum tombamento e nenhum registro nesse sentido não.

Pergunta: Estudos vocês ainda vão elaborar, né, como você já me respondeu, fazer uma pesquisa, para falar da importância do acervo.

Resposta: Sim, nos vamos... já adiantamos até para ver com o NEDIR, uma alternativa no núcleo de documentação, porque eles trabalham com documentos históricos, né, inclusive a professora Elizabeth Madureira também está relacionada ao NEDIR, e a gente quer desenvolver junto ao NEDIR uma forma de organizar melhor esse acervo, estudar um local e uma forma de disponibilizar ele, então...

Pergunta: Seria legal ter uma exposição, alguma coisa assim, né? Quando eu pesquise lá e fui tirar umas fotos, tinha um livro de capa de madeira do Visconde de Thaumay, assim, muito bonito o livro e estava um pouco descolando assim, na época já estava, eu fiquei... falei nossa! hoje em dia já deve estar um pouquinho.

Resposta: Às vezes eu fico até assim. A gente pega algum material e a gente fica até preocupado porque teve material lá que foi colocado etiqueta, esse material que você sabe que não poderia nem ter colocado etiqueta, então o que a gente tem que fazer, estava discutindo esses dias, a gente vai ter que estudar uma forma. Por exemplo: tem um material que não vai ter como colar nada nele, como que agente vai fazer? De repente pensar numa capa de cartolina, uma capa padronizada para envolver ele dentro da capa, não a obra, porque tem material que se você colocar a etiqueta ali ele acabou, ele fica desconfigurado.

Entrevistadora: É até a cola danifica a capa, tem também uns papéis especiais, eles são... eles têm a oxigenação certa para não manchar a página, nem nada, que você coloca do lado de fora, eu vi uma vez no tratamento de acervo raro, de conservação, eles colocaram assim do lado de fora, então não danifica o livro e também, né.

Resposta: Outra alternativa que a gente viu foi com a própria Biblioteca Nacional, recentemente nos tivemos um tratamento aqui do e... é, tá sendo montado um escritório de direitos autorais na universidade e funcionando a editora, nos fomos convidados a participar e fizemos alguns questionamentos para a bibliotecária sobre isso, eles disseram pra agente que... nós queríamos montar um projeto na época e conversamos com ela sobre isso e eles dão apoio para isso, até porque eles tem o instrumental para isso, né? Então, é uma das instituições que a gente vai buscar parceria, é a biblioteca nacional.

Entrevistadora: Vai ter um congresso lá sobre livro raro, eu ia participar, escrever o pouco que eu já tenho para divulgar, teve um em Araraquara dia 18 do mês passado, aí eu não mandei trabalho e nem nada porque era de divulgação do acervo, aí vocês estavam... já tinham falado da greve e eu ia precisar de foto, conversar com um de vocês para ver se queriam, né, alguns tipo de divulgação, porque eu faço pesquisa no acervo e não divulgação do acervo, então não poderia fazer divulgação de um lugar que eu não trabalho (risos) só pesquisa, né? Aí infelizmente eu não pude, mas seria uma... muito bom ter participado do evento, ia ajudar bastante também, aí desse da biblioteca nacional que vai ser em setembro se não me engano, vou tentar participar pra ver alguma coisa, ter uma ideia, né e tal?

Entrevistadora: Então, é isso! Vocês já estão com algum projeto a caminho, né?

Resposta: Estamos, estamos pesquisando ainda, vendo essas alternativas, e a gente não sabe ainda como que vai fazer totalmente, a gente tem as ideias e estamos vendo quais são as melhores alternativas, com base na experiência das outras instituições é... às vezes fica difícil pra gente por causa do espaço físico, a biblioteca, desde de 80, ocupada este espaço físico a reitoria ocupa um terço do prédio da biblioteca, então, o que vem acontecendo ao longo dos anos, o nosso espaço físico vai diminuindo e a tendência do acervo é expandir, os cursos aumentam, aumentam a demanda por material e vai reduzindo os espaços de pesquisa nosso, então assim, essa pressão que às vezes a gente sofre para liberar aquela sala para acervo corrente, ela é justificada, né? Até porque a gente utiliza essa porção central aqui, esse braço

de cá e a reitoria e outros órgãos ligados a reitoria utilizam toda essa parte aqui, um terço praticamente, eles utilizam. É... só que o prédio foi feito pra ser a biblioteca, utilizar como biblioteca, então assim, agente tem é... essa previsão da reitoria de construir um prédio próprio, né, pra administrativo, né. Já tem um projeto, já... algumas vezes já tentou-se fazer isso mais não chegou, né? Mas agente ainda tem essa expectativa. A última vez que a reitora esteve aqui ela colocou inclusive que está trabalhando nisso, apresentou até um projeto na seção do CONCEP, projeto arquitetônico tudo, então agente tem essa perspectiva, né? De que com isso a gente vai ter outras salas que a gente precisa na biblioteca de repente até um espaço mais adequado para separar e organizar essa coleção.

Entrevistadora: Verdade, até porque depois que vocês fizerem o estudo vai ficar até melhor para justificar ela está em uma sala, você vai mostrar a importância da obra.

Resposta:: E é complicado, agente... igual eu te falei... ele é importante! Né? Tem coisas que realmente... tem gente que chega aqui e fala “gente, vocês não sabem a dificuldade que foi localizar esse material, né? Isso aqui você não tá achando em lugar nenhum e vai achar aqui”. Então realmente, né? Não dá pra você falar assim, “não vou ficar” mesmo que tivesse uma facilidade de você... não tivesse por convenio, não tivesse adquirido, que isso emperra qualquer ação que você vá fazer com ele, de movimentação, de mudança até de espaço de se internalizar as condições que ele foi passado ou transferido pela universidade, mas independente disso ela é importante, ele é um material de importância, eu poderia dizer que não seria pra gente se não tivesse os livros de história, geografia, é sociologia, ciências sociais, esses cursos que demandam pesquisas históricas com mais constância, né, mas a gente tem, né? Não é fora da nossa realidade, os cursos ofertados pela universidade, então é uma boa justificativa, principalmente enquanto a isso. Se não tivesse esses cursos, por exemplo, eles poderiam ser transferidos pra uma instituição tipo a biblioteca pública, né? É seria uma utilização adequada, mas a gente tem, foi transferido pra cá e uma parte foi comprada também e não tem o mesmo uso que o acervo corrente mais tem o uso sim.

Entrevistadora: Depois eu gostaria que você me avisasse quando estivesse algum projeto pronto, o que aconteceu com as obras, porque apesar de estar fazendo uma pesquisa, eu meio que me apeguei assim.

Resposta:: Tem material que como você viu tem no acervo corrente, agora por exemplo, assim se material tem no acervo corrente e o que tem aqui foi autografado pelo Jânio Quadros, vamos supor. Tem um critério né?

Sim!

Resposta: Pertenceu a coleção particular de alguém notável, né? Se você passar esse filtro você vai ver que tem material que não justifica que ele fique ali. Talvez ele tenha que ficar separado, por causa das condições que esse material foi cedido. A família ou quem encaminhou a instituições exigiu que... e a instituição concordou que esse material fosse guardado separadamente, se aceitou então tem que manter isso, foi um acordo né, mas não necessariamente que fique classificado como obra rara, agente poderia dentro desse acervo separa o que de fato é obra rara, porque isso acaba sendo muito importante para as pesquisas né?

Entrevistadora: Foi o que eu tinha feito na monografia na época, ai eu tinha percebido isso, e olha que eu não pude ficar muito tempo vindo porque eu estava... na graduação eu estava com pouco dinheiro. Ficar indo e vindo de lá... Na época a Olga foi muito simpática, me ajudou e foi superatenciosa, deixou que eu ficasse o dia inteiro lá olhando bem né? Aí então, deu pra fazer, eu queria ter olhado obra por obra, mas não deu porque a monografia também foi um tempo pequeno e eu ainda estendi um pouco, só ia analisar os critérios existentes, ai eu falei para minha orientadora “vamos tentar fazer um manual?” pra ver se vai dar certo, a gente fez e tá lá na UFMT (campus de Rondonópolis).

Resposta: Que bom! Quando eu tiver a oportunidade eu gostaria de ver, que ai fica como um plano de consulta né? Pra ver... pra preparar um projeto né?

APÊNDICE-C

ENTREVISTA VIA E-MAIL COM CARLOS HENRIQUE TAVARES DE FREITAS CRB - 1
nº 2.234 – Bibliotecário da Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso.

Parte 2.

Data da entrevista: 05/03/2015

Local: E-mail recebido

Prezado Carlos, muito obrigada por sua contribuição.

Entrevista

1. Existe algum documento, catálogo, com a lista de livros elaborada pelo próprio Amidicis? Pois ele contava com o auxílio de uma ajudante para o tratamento do acervo e essa pessoa poderia ter registrado tudo em um caderno.

Não, não temos conhecimento de nenhum documento, e não nos foi repassado nada nesse sentido.

2. Tem algum documento do processo de doação? Caso exista, eu posso obter uma cópia?

Atualmente, na Biblioteca Central não possuímos (ou não foi localizado) nenhum documento que registra essa doação/aquisição. É possível que o mesmo tenha sido realizado via Reitoria, mas, em todo caso, como já se passaram muitos anos, existe um pouco de dificuldade em localizar tal documento nesse momento. Como estamos reorganizando o arquivo da Biblioteca Central, cujos documentos mais antigos se encontram no depósito, sem tratamento e organização adequados, temos um pouco de dificuldade de prestar essa informação com mais segurança nesse momento, mas caso seja localizado algum documento posteriormente, poderemos lhe encaminhar uma cópia.

3. De acordo com estudos sobre colecionismo, a organização do colecionador é uma organização importante para compreensão da função da coleção e do objetivo desta, os livros possuem algum indício (número de classificação ou letra) da possível organização original?

Infelizmente esse material não veio com nenhuma indicação de organização anterior.

4. Alguma decisão foi tomada para 2015?

Para este ano de 2015, estamos trabalhando em um projeto para revitalização do acervo de Coleções Especiais (CAT, CGL, CCN, CTR, CDB), incluindo a classificação

das obras raras e o acondicionamento das mesmas em ambiente adequado. Também almejamos constituir um Laboratório de Restauração de livros e outros materiais similares, que permita recuperar muitos desses materiais que fazem parte das Coleções Especiais, bem como do acervo geral. Essa proposta deverá envolver tanto parcerias com instituições públicas, quanto com empresas privadas.